

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Letícia Rossi Ortiz

RECONHECIMENTO E ALTERIDADE: HAITIANOS EM LAJEADO

(Santa Maria, RS)

2018

Letícia Rossi Ortiz

RECONHECIMENTO E ALTERIDADE: HAITIANOS EM LAJEADO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Maria Clara Mocellin

(Santa Maria, RS)

2018

Letícia Rossi Ortiz

RECONHECIMENTO E ALTERIDADE: HAITIANOS EM LAJEADO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Ciências Sociais**.

Aprovado em

Maria Clara Mocellin, Dr^a (UFSM)
(presidente/orientadora)

Handerson Joseph, Dr. (UNIFAP)

Margarita Rosa Gaviria Mejía, Dr^a. (Univates)

Maria Catarina Chitolina Zanini, Dr^a. (UFSM)

(Santa Maria, RS)
2018

AGRADECIMENTOS

Em uma trajetória acadêmica da intensidade de uma pós-graduação, necessariamente muitos agradecimentos devem ser feitos, pois se trata de uma trilha impossível de ser percorrida de forma isolada, tanto em relação à construção de conhecimento quanto em relação à necessidade de apoio que advém de todas as encruzilhadas que esse caminho apresenta. Muitos nomes necessariamente devem ser citados.

Agradeço à minha orientadora, professora Maria Clara Mocellin, por adotar o projeto e contribuir sistematicamente durante todo o período do mestrado não só para a construção dessa dissertação, mas também para a minha formação em Ciências Sociais

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria como um todo.

Um agradecimento especial é devido à Jane, nossa incrível secretária cuja organização, eficiência e dedicação nunca falham

Aos professores e professoras Débora Krischke Leitão, Francis Moraes de Almeida, Jurema Gorski Brites, Maria Catarina Chitolina Zanini, Mari Cleise Sandalowski, Monalisa Dias, Reginaldo Teixeira Perez e Ricardo Mayer que foram fundamentais para a minha formação em Ciências Sociais durante esse período e seguirão servindo de exemplo para a minha carreira acadêmica que sigo construindo a partir daqui.

À professora Giuliana Redin com quem dei os primeiros passos nos estudos migratórios e cujo trabalho incessante no MIGRAIDH é inspirador.

Aos meus colegas, por todo o companheirismo, amizade e apoio nos bons momentos e também naqueles de aflição (que geralmente tinham relação com prazos). Em especial ao Deivid Joras e à Karen Kaecher por todo afeto; ao Filipe de César por compartilhar aspectos teóricos, discussões metodológicas da pesquisa e os desafios de pesquisar mobilidade humana; ao Maique Martins por dividir comigo as angústias e as realizações de mudar de área de estudo e adotar as Ciências

Sociais; e ao Mateus Tuzzin e ao Rodrigo Teixeira, por todas as conversas em diversas madrugadas que ficaram na memória como um ponto alto do mestrado.

Um grandíssimo agradecimento especial à Inauã Ribeiro, ao Estevan Junges, à Di Junges e ao Elton Junges, por me receberem tão bem em Lajeado, fazendo com que a cidade adquirisse toques importantes de familiaridade e afeto que, com certeza, muito contribuíram para a realização do meu trabalho de campo. Em especial, à Inauã e ao Estevan que abriram as portas de sua casa para mim todas as vezes que precisei ir a Lajeado e, dessa forma, se tornaram imprescindíveis à realização desse trabalho.

À banca, pela atenção e pelas contribuições fundamentais.

Ao Núcleo de Estudos Contemporâneos, NECON, e todos os seus integrantes pela parceria nessa trajetória, em especial à Lorena Barbosa, cuja trajetória anterior e a disponibilidade em conversar sobre a dissertação foram-me de grande valia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por doze meses de bolsa que viabilizaram as viagens para estudo de campo.

À minha prima, Liz Vincent, pela tradução do resumo para o francês.

Às minhas amigas, Bianca Jaine e Carolina Beltrame, por tudo, sempre.

Ao Lorenzo, meu irmão, por constantemente me lembrar de que a vida é maior do que os livros, do que os títulos, do que as notas e do que o trabalho.

Aos meus pais por me proporcionarem a possibilidade de tantos anos de dedicação aos estudos.

(...)

A PRIMEIRA PAREDE.

Tento imaginar quem construiu a primeira parede. O que ele tinha em mente. Ou ela. Proteção? Privacidade? Ou outra coisa. Construímos nossas civilizações com paredes, que nos dão abrigo e fortaleza. Mantêm distantes “os outros”: as intempéries, os animais selvagens, as pessoas que são diferentes. Ao nos dividirem, as paredes nos definem. As paredes separam as pessoas; e não só as paredes que construímos. Talvez as mais assustadoras sejam aquelas que não somos capazes de ver, mas em cuja existência acreditamos.

A SEGUNDA PAREDE.

Eu tive um sonho a respeito disso quando era pequeno. No meu sonho havia uma nota, uma nota musical, um som; e quando ela era tocada todas as paredes começavam a ruir. E todas as pessoas de todos os lugares podiam ver... Podiam ver umas às outras, fazendo as coisas que as pessoas fazem entre quatro paredes. Ninguém tinha mais onde se esconder. Então acordei, e nunca soube se não ter nenhuma parede era uma coisa boa ou ruim. Não ter onde se esconder, poder ir a qualquer lugar; sem fingimento, sem proteção, sem segredos.

A TERCEIRA PAREDE.

Disseram-me que a Grande Muralha da China é a única construção humana na superfície da Terra que pode ser vista do espaço. Eu nunca vi a Terra do espaço. Não conheço ninguém que tenha feito isso. Só vi as fotografias. Disseram-me que, daquela distância, é muito mais difícil diferenciar um país do outro. Era de esperar que eles fossem coloridos, como nos velhos mapas da escola. Assim todos diferenciaríamos.

A QUARTA PAREDE.

Quando ouvi dizer que o Muro de Berlim caíra, minha primeira reação foi de alívio; mas então pensei: e se existisse uma jovem que passou anos – metade de sua vida – pintando naquele muro? Pintando uma mensagem, ou uma imagem. Se todas as manhãs ela se levantasse bem cedo, fosse até lá e pintasse um ou dois traços no muro. Todos os dias, na chuva, no frio, às vezes até no escuro. Era o seu grito contra a opressão. Seu protesto contra o muro. Ela estava quase terminando quando tudo foi demolido. As pessoas poderiam ir e vir livremente. O muro contra o qual ela protestava não existia mais, assim como sua criação, desfeita em pedaços, vendida a um colecionador particular... Tento imaginar como ela se sentiu. Espero que não tenha ficado desapontada. Eu teria ficado.

Encerramento.

Talvez devêssemos olhar além das paredes. Escutem: pintores, escritores, músicos, cineastas e grafiteiros que pintam frases que brotam como flores luminosas nas laterais de construções abandonadas – todos vocês. Existe uma quarta parede a ser demolida. Governos e autoridades vivem afirmando que boas cercas fazem bons vizinhos, e aumentam a vigilância nas fronteiras em um esforço para nos deixar felizes da maneira como estamos. Mas alguma coisa existe que não aprecia o muro, e seu nome é humanidade.

RESUMO

RECONHECIMENTO E ALTERIDADE: HAITIANOS EM LAJEADO

AUTORA: Letícia Rossi Ortiz

ORIENTADORA: Maria Clara Mocellin

A migração haitiana para o Brasil constitui um dos novos fluxos migratórios contemporâneos os quais compreendem, além da intensificação do fenômeno, uma diversificação de origens e destinos. No final do ano de 2012, inaugurou-se uma rota entre o Haiti e Lajeado, uma cidade de aproximadamente 80 mil habitantes localizada na região do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul. Lajeado é uma cidade formada a partir das migrações históricas, principalmente alemã e italiana, mas também portuguesa e negra em menor medida. O início do fluxo é atribuído ao interesse de empresas da região na mão de obra dessa população que vinha, desde 2010, ingressando no Brasil pelo norte do país. Desde então, esse fluxo tornou-se dinâmico e independente dos interesses econômicos locais. Essa dissertação aborda aspectos do encontro entre essa população migrante e a população estabelecida focando as relações de alteridade e as demandas subjetivas por reconhecimento engendradas a partir da condição de imigrante vivida pela população em mobilidade ao confrontar os estereótipos e os estigmas elaborados sobre si. Identificamos três valores-chave dessas demandas subjetivas por reconhecimento: a busca por confiança, o combate a uma visão equivocada de ilegalidade e a valorização por competências intelectuais e competências laborais para além do trabalho braçal.

Palavras-chave: migração haitiana, reconhecimento, alteridade, migrações contemporâneas

ABSTRACT

RECOGNITION AND ALTERITY: HAITIANS IN LAJEADO – RS (BRAZIL)

AUTHOR: Letícia Rossi Ortiz

ADVISOR: Maria Clara Mocellin

Haitian migration to Brazil is a new contemporary migratory flows, which includes, in addition to the intensification of the phenomenon, a diversification of origins and destinations. At the end of the year 2012, a route between Haiti and Lajeado was inaugurated. Lajeado is a city of approximately 80 thousand inhabitants localized in the region of Vale do Taquari, in Rio Grande do Sul, Brazil. It is a city formed from historical migrations, mainly German and Italian, but also Portuguese and African to a lesser extent. The beginning of the Haitian flow is attributed to the interest of companies in the region in the workforce of this population that was been entering Brazil since the north of the country since 2010. Since then, this flow has become dynamic and independent of local economic interests. This dissertation addresses aspects of the encountering between this migrant population and the established population focusing on the relations of alterity and the subjective demands for recognition generated from the immigrant condition experienced by the population in mobility when confronting the stereotypes and the stigmas elaborate on them. We identified three key values of these subjective demands for recognition: the search for trust, the fight against a mistaken view of illegality and the valorization of intellectual competencies and labor competencies beyond manual labor.

Keywords: haitian migration, recognition, alterity, contemporary migrations

RÉSUMÉ

RECONNAISSANCE ET ALTÉRITÉ: LES HAÏTIEN À LAJEADO – RS (BRÉZIL)

AUTEUR: Letícia Rossi Ortiz

DIRECTEUR DE RECHERCHER: Maria Clara Mocellin

L'immigration haïtienne constitue pour le Brésil un des flux migratoires contemporains qui incluent, au-delà de l'intensification du phénomène, une diversification d'origines et de destins. Vers la fin de l'année 2012 a débuté un flux migratoire entre Haïti et Lajeado, une ville d'environ 80.000 habitants, localisée dans la région du Vale do Taquari, dans l'Etat du Rio Grande du Sud. Lajeado est une ville qui s'est formée à partir de migrations historiques, principalement germanique et italienne, mais également dans une moindre mesure des migrations portugaise et africaine. Le début du flux migratoire est attribué à l'intérêt des entreprises de la région pour la main d'œuvre de ces populations qui, depuis 2010, sont arrivées au Brésil depuis le nord du pays. Depuis lors, ce flux est devenu à la fois dynamique et indépendant des intérêts économiques locaux. Ce mémoire aborde les aspects de la rencontre entre cette population migrante et la population locale en focalisant sur les relations d'altérité et les demandes subjectives de reconnaissance engendrées à partir de la condition d'immigrant expérimentée par la population nomade confrontée aux stéréotypes et aux stigmates élaborés sur eux. Nous avons identifié trois valeurs-clés des demandes subjectives de reconnaissance: la recherche de confiance, le combat contre une vision biaisée de l'illégalité et la valorisation des compétences intellectuelles et professionnelles au-delà du travail manuel lourd.

Mots-clés: migration haïtienne, reconnaissance, altérité, migrations contemporaines

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 – Relato da experiência migratória e da situação dos migrantes haitianos em Lajeado-RS por Renel Simon aos membros do MIGRAIDH	28
FIGURA 2 – Cartazes fixados nas portas do Centro de Referência em Assistência Social	31
FIGURA 3 – Mesa de trabalho de Renel Simon no Centro de Referência em Assistência Social de Lajeado	32
FIGURA 4 – Reportagem do jornal A Hora sobre o projeto de refeições diárias da igreja Shalom	35
FIGURA 5 – Cardápio da culinária haitiana feito por Simon em sua residência no dia 16 de fevereiro de 2017	41
FIGURA 6 – Enrdy, Dorcelly e Jeankens, da esquerda para a direita, do <i>Chak Segond Konte</i>	46
FIGURA 7 – Localização do Vale do Taquari em relação ao Brasil e ao Rio Grande do Sul	75
FIGURA 8 – Frente e verso do folheto-convite da Oficina de fluxo migratório, acolhida e integração	90
FIGURA 9 – A bandeira do Haiti é trazida pelos haitianos e colocada no centro da mesa de onde os palestrantes falarão	91
FIGURA 10 – Oficina de Fluxo Migratório, Acolhida e Integração	91
FIGURA 11 – A presidente da Comunidade Evangélica IECLB de Lajeado, Sra. Herta Welzel, dá as boas vindas a todos, ao evento e ao Brasil.	92
FIGURA 12 – Plateia da Oficina de fluxo migratório, acolhida e migração	96
FIGURA 13 – Imagem da página <i>Chak Segond Konte</i> no <i>Facebook</i>	102
FIGURA 14 – Os integrantes do <i>Chak Segond Konte</i> conferem a qualidade das filmagens do dia	103

LISTA DE ABREVIações

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados

CONARE - Comitê Nacional para Refugiados

CONIC – Conselho Nacional das Igrejas Cristãs

CRAS – Centro de Referência em Assistência Social

CSK - *Chak Segond Konte*

CSVM – Cátedra Sérgio Vieira de Mello

DESA – Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IECLB* – Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasileira

*A Comunidade Evangélica de Confissão Luterana de Lajeado também se apresenta a partir da sigla IECLB.

IECPB – Igreja Evangélica Cruzada Pentecostal Brasileira

FE ACT BRASIL – Fórum Ecumênico do Brasil

FLD – Fundação Luterana de Diaconia

MIGRAIDH – Grupo de pesquisa, ensino e extensão em Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional

OBMigra – Observatório das Migrações Internacionais

ONU – Organização das Nações Unidas

PASUNE – Pastoral Universitária Ecumênica

REJU – Rede Ecumênica da Juventude

STHAS – Secretaria do Trabalho, da Habitação e da Assistência Social de Lajeado

UFMS – Universidade Federal de Santa Maria

Univates – Universidade do Vale do Taquari

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – PERCURSOS ETNOGRÁFICOS	26
1.1 APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA DA MIGRAÇÃO HAITIANA.....	26
1.2 SOBRE O COMEÇO DO TRABALHO DE CAMPO E AS PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES	30
1.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	38
CAPÍTULO 2 – DO HAITI A LAJEADO	51
2.1 BREVE HISTÓRIA DO HAITI: RESISTÊNCIA, RECONHECIMENTO E MIGRAÇÃO	53
2.1.1 Colonização	53
2.1.2 Revolução Haitiana.....	56
2.1.3 Ocupação Norte-americana	64
2.1.4 Ditadura Duvalier	67
2.1.5 Regime <i>Lavalas</i>	69
2.1.6 Ocupação da ONU – MINUSTAH	70
2.1.7 Terremoto de 2010	70
2.1.8 Transmigração	71
2.2 HAITIANOS E HAITIANAS NO BRASIL, NO VALE DO TAQUARI E EM LAJEADO	73
CAPÍTULO III – RECONHECIMENTO	81
3.1 SOBRE A FORMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DO MIGRANTE HAITIANO	81
3.2 UM HAITIANO NA PREFEITURA.....	84
3.3 UMA DEMANDA “DE CIMA”	84
3.4 AS AÇÕES DO PROJETO E A ALTERIDADE	89
3.4.1 “ <i>Porque o Brasil nos recebeu e até agora não confia em nós.</i> ”	97
3.4.2 “ <i>Porque o Brasil só encaixa [os migrantes] no trabalho braçal, mas intelectualmente não encaixa, por quê?</i> ”	99
3.4.3 Uma demanda subjetiva por reconhecimento	101
3.4.4 Projetos migratórios e reconhecimento.....	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

I

A mobilidade humana, internacional ou mesmo dentro das fronteiras nacionais, apresentou aumentos históricos nos últimos anos. Nos primeiros quinze anos do milênio corrente, o crescimento registrado pelo Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais (DESA) da Organização das Nações Unidas (ONU) foi de 41%, o que soma aproximadamente 247 milhões de pessoas em migração para além de suas fronteiras nacionais. Desde o início da série, em 1990, o número de pessoas em deslocamento mais do que dobrou – indo de arredondados 152 milhões de pessoas para 258 milhões, segundo a estatística contabilizada até a metade do ano de 2017 (DESA, 2017). O então representante do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (ACNUR), Antônio Guterres, declarou em 2007 que o século XXI é o momento das deslocções humanas (Centro Regional de Informação das Nações Unidas, 2007). O século, portanto, da migração. Isso é demonstrado não somente pelo aumento dos números absolutos, mas também com novos países despontando como países de origem ou países de destino de populações em mobilidade. Também os fluxos já históricos modificam-se e expõem a fluidez de um mundo em movimento. Temos assistido a emergência e a consolidação de novas rotas e canais migratórios.

O recente fluxo de migração haitiana para o Brasil é um exemplo desse fenômeno. O Haiti desde o início de sua constituição histórica colocou-se no cenário internacional como um país de origem de ondas migratórias internacionais (HANDERSON, 2015), com mobilidades que se reinventam entre tempos históricos distintos. A partir de 2010, o Brasil constituiu-se como um novo destino. Os números de populações em movimento, pela natureza dinâmica inerente que lhe é peculiar, são difíceis de precisar. No entanto, o relatório de 2017 do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), ligado ao Ministério do Trabalho, registrou que os haitianos são a principal

nacionalidade de estrangeiros registrados no mercado formal de trabalho brasileiro (OBMigra, 2017).

Uma das particularidades do universo migratório revela-se a partir do fato de que um fenômeno global manifesta efeitos locais significativos. Localidades sem experiência recente de acolhida de fluxos migratórios veem-se tendo que se reorganizar para atender a demanda de populações migrantes, criando a necessidade de análises e estudos das relações sociais que se estabelecem entre a população receptora e a população recém-chegada, das interações que se constituem, dos conflitos que engendram, das relações econômicas e trabalhistas que dão origem, enfim. Evidencia-se ser necessário empreender tentativas de compreensão do impacto, em nível microsociológico, das relações sociais erigidas e dos efeitos dos processos migratórios nos agentes envolvidos.

A partir disso, a problemática que regeu o trabalho de campo e a escrita desta dissertação circunscreveu a esfera de interação entre uma população estabelecida e receptora de um fluxo migratório e uma população migrante, de chegada recente. A linha de investigação tomada objetivou compreender as expectativas dos grupos de alguma forma envolvidos no evento migratório, uns em relação aos outros, e as negociações e conflitos daí advindos a partir da relação de não-reconhecimento e reconhecimento oriundos das disparidades que essas expectativas confrontam. Por população estabelecida compreendemos, de maneira mais ou menos generalizada, a população lajeadense. Essa generalização justifica-se, pois mesmo divide entre grupos abertamente contra as migrações recentes e grupos que atuam no sentido de receber e integrar, muitas vezes a integração proposta pelas esferas mais receptivas de uma sociedade também se conforma a padrões e visões estigmatizadas do papel do imigrante na localidade de destino, papel esse contraditório, em diversos âmbitos, aos objetivos migratórios da população migrante. Por população migrante, compreendemos os haitianos e as haitianas que têm se domiciliado na cidade de Lajeado, que trabalham na cidade ou que frequentam os cultos da Igreja Haitiana e outros espaços públicos de Lajeado. Dessa forma, partindo da premissa de que as expectativas são, de fato,

distintas, nos perguntamos: como os haitianos residentes em Lajeado percebem as expectativas a cerca de sua presença na cidade e as confrontam com seus próprios projetos migratórios e identidades enquanto migrantes e enquanto haitianos? A resposta para essa indagação passa pelos objetivos de identificar a reação dos migrantes haitianos frente às concepções assumidas sobre eles e refletir sobre as possíveis lutas por reconhecimento engendradas pelo choque dos projetos migratórios pessoais dessas pessoas e a dinâmica de recepção na cidade.

II

A cidade de Lajeado situa-se no Vale do Taquari no Rio Grande do Sul. Sua formação data de 1800, quando os irmãos João e José Inácio Teixeira receberam sesmarias na região, que é conhecida hoje como os municípios de Estrela e Lajeado. Em 1854, os primeiros colonos alemães começaram a se estabelecer na região, seguidos, posteriormente, pelos italianos. O município de Lajeado foi oficialmente criado em 26 de janeiro de 1891, quando a região contava com 18.000 habitantes. Predominantemente urbano, o município conta atualmente com 71.445 habitantes em uma área de pouco mais de 90 km², com população estimada em 2015 de 78.486 habitantes (IBGE, Censo Demográfico 2010). Essa população é majoritariamente formada por descendentes de imigrantes alemães, mas também comporta descendentes de italianos (o segundo maior grupo) e africanos e portugueses em menor escala. Lajeado é considerada a capital do Vale do Taquari, devido ao polo de negócios e à economia diversificada que apresenta. Destacam-se os setores de pedras preciosas, agroindústrias (com ênfase para a avicultura, suinocultura e laticínios), produção de bebida, calçados, doces e balas, móveis e esquadrias. Além disso, o turismo tem proeminência na região. O município participa da Rota turística dos Vales e das Montanhas e geograficamente se encontra na convergência de variados circuitos turísticos do Rio Grande do Sul. Em consequência dessa estrutura turística, o setor dos serviços é atualmente o

setor econômico mais expressivo da cidade, com diversos restaurantes e hotéis.

As possibilidades econômicas contribuem para a atração de pessoas em mobilidade que buscam por oportunidades de emprego e melhorias de condições de vida. Uma estimativa de 2015 apontou que a cidade comportava naquele momento cerca de 1000 migrantes originários de diversos países como Haiti, Senegal, Bangladesh, Índia, Gana, Nigéria, Benin e Afeganistão (MEJÍA, SIMON, 2015). A importância da migração haitiana para a região evidencia-se pela perspectiva de que aproximadamente 70% desses migrantes sejam de nacionalidade haitiana (ROLLSING, TREZZI, 2014).

Três características chamam a atenção sobre o município quando considerada sua constituição histórica e sua realidade socioeconômica e cultural atual. Primeiramente, a grande valorização das culturais provenientes das migrações históricas italiana e alemã que se situam na origem da constituição de uma imagem coletiva de modo de vida e comportamento que estão no cerne de uma estima autoatribuída na região. Ser migrante italiano e alemão, na região, é valorado de forma positiva, a partir da ligação com os ideais de trabalho e prosperidade. Além disso, Lajeado possui uma diminuta população negra, estatisticamente considerando em comparação com o resto do país. Segundo o Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a porcentagem de população negra residente em Lajeado era de 2,5% enquanto que a porcentagem nacional representou 54% da população total. Além da questão da expressividade numérica, soma-se o fato de que a população negra de Lajeado reside, majoritariamente, em áreas periféricas da cidade e pouco transita pelo centro da cidade, enquanto que com a chegada dos migrantes haitianos – e também dos senegaleses –, esses se estabeleceram em localidades próximas ao centro, nas proximidades das empresas contratantes e passaram a circular pelos espaços centrais (Diehl, 2017); os senegaleses, inclusive, mantendo atividades de comércio de rua nas principais ruas e avenidas da cidade.

A terceira característica, fundamental para a presença migratória na região, revela-se a carência de mão de obra – que vinha se acentuando nos últimos anos – em alguns setores específicos da economia do Vale e de Lajeado, principalmente nas indústrias e cooperativas de alimentos e nas empresas de construção civil (MEJÍA *et al*, 2014). As empresas desses setores foram as responsáveis por trazer a migração haitiana para a região a partir da expectativa de que essa população viria para suprir a deficiência de trabalhadores que vivenciavam.

III

Esses três aspectos socioeconômicos e culturais são a base empírica para a premissa adotada na pesquisa: de que há diferentes expectativas concernentes à migração pelos pontos de vista dos lajeadenses e dos haitianos. Além disso, baseamo-nos na literatura da teoria social que versa sobre os processos migratórios e sobre as relações étnico-raciais. O contato entre estabelecidos e recém-chegados em uma localidade é percebido com desconfiança, afeta a coesão social existente e implica ressignificações (ELIAS, 2000). Em alguns casos, apresenta ainda agravantes para além da entrada de um novo grupo em um ambiente social estruturado. Diferentemente de Winston Parva (Elias, 2000) localidade na qual não havia diferenças de nacionalidade, etnicidade, raça ou classe social – e, por isso, baseava a distinção que se criou entre antigos e novos habitantes na temporalidade no estabelecimento das residências –; em Lajeado, somam-se à questão da longevidade da ocupação do território, questões de nacionalidade, raça e classe social. Distinções essas que ampliam o abismo existente entre estabelecidos e *outsiders*, para utilizar as categorias sociológicas de Norbert Elias, e que contribuem para a formação de estereótipos, estigmas e expectativas sobre os ingressantes nessa região. Dessa forma, as relações de poder existentes são, e de qualquer maneira não poderiam deixar de ser,

complexas, pois se situam na intersecção desses diferentes vetores: nacionalidade, raça e classe.

De forma geral, o sistema internacional atual é constituído pela noção de fronteira e de nacionalidade, sendo que uma implica a outra e ambas convergem para a concepção de pertencimento nacional. Anderson (2008), para além de suas concepções sobre a emergência do fenómeno, define a nação como uma comunidade política imaginada caracterizada por seus limites e sua soberania. “Limitada” significa que essa nação possui fronteiras e características próprias. Ela foi ‘imaginada’, mas imediatamente após a sua invenção passou a ser sentida e pensada como natural, longínqua e permanente. No cerne e na razão de ser dessa nação, está o nacional, aquele que inerentemente – segundo o imaginário da nação – pertence a determinado espaço, e que na relação com os outros nacionais desse mesmo espaço, configuram o “nós”. “Soberana” porque investe em si mesma o poder absoluto e nega qualquer interferência de fora, do estrangeiro, do “outro”.

Assim, o Estado-nação constitui-se sobre a premissa da responsabilidade em manter e proteger esse território e seus nacionais. A cidadania deriva desse processo. Por ter limites e ser soberana, ou seja, por possuir fronteiras e por possuir gerência sobre elas e sobre aqueles que as cruzam, os ideais de nacionalidade que cada nação representa determinam aqueles que a ela pertencem ou não pertencem. Sayad (2000) refere-se aos imigrantes como deslocados em uma acepção decorrente da condição de nação definida por Anderson:

Deslocado no sentido próprio do termo, no sentido do deslocamento no espaço, o imigrante é também deslocado de uma maneira diferente, presença imprópria, é deslocada no sentido em que se diz que uma palavra está deslocada. (SAYAD, 2000, p. 11).

Essa percepção de não-pertencimento espacial é evidente na categoria sociológica cunhada por Georg Simmel acerca do estrangeiro como o indivíduo que originalmente não fazia parte do espaço e que ao adentrá-lo traz consigo características não-indígenas a ele e não está preso as tradições e ao modo de vida do lugar no qual adentra (SIMMEL, 1971), é visto, por isso, com

desconfiança. A percepção de Simmel de um movimento de distância e proximidade envoltas na relação com o estrangeiro o aproxima da definição de deslocado de Sayad. O estrangeiro passa a estar presente no contexto que se considera, ao mesmo tempo em que se constitui, por sua própria natureza, em um elemento exterior a ele. Ambas as definições – seja a de deslocado, seja a de estrangeiro – remetem ao fato de que a presença do imigrante não pertence originalmente ao lugar no qual se encontra. Presença, portanto, incomoda e que exige reorganização.

No entanto, a presença de migrantes se faz, por vezes, necessária. Assim como no caso da migração argelina para a França (SAYAD, 1998), como no contexto da migração haitiana para Lajeado, os primeiros contingentes de migrantes foram bem-vindos enquanto mão de obra para setores específicos da economia que não são capazes de atrair em quantidade necessária a população estabelecida para esses postos. A precisão do mercado de trabalho é, no entanto, circunstancial e o migrante não deixa de ser um sujeito de caráter provisório. (SAYAD, 1998). As expectativas da sociedade estabelecida, entretanto, se veem frustradas, pois nas migrações redes se formam de maneira que o contingente de migrantes extrapola a necessidade premente do mercado de trabalho. Foi o caso de Lajeado que aproximadamente um ano e meio depois da vinda dos primeiros grupos confrontou a chegada de grupos novos, mais numerosos, formados também por mulheres, adolescentes e crianças.

IV

Somada à condição de imigrante, por si só capaz de gerar expectativas conflitantes entre estabelecidos e *outsiders*, no Brasil e em Lajeado, precisamos considerar a constituição das relações étnico-raciais. A transição do regime escravocrata para um regime baseado em trabalho livre e assalariado nos moldes de uma economia capitalista emergente não se conformou de modo que houvesse a inclusão dos antigos escravos no Brasil. Segundo

Florestan Fernandes (2008), entre as principais causas, o fato de que o destino dos escravos apenas se constituiu em preocupação das esferas dominantes, abolicionistas ou não, enquanto se discutia o papel deles para o futuro da lavoura. Quando confrontados com a concorrência dos trabalhadores estrangeiros e dos trabalhadores nacionais – livres do estigma do trabalho rural com o fim da escravidão – o contingente de trabalhadores negros foi preterido como opção para os empregadores. O autor afirma que onde o processo de transformação da economia e da sociedade de castas para uma sociedade de classe, a direção das mudanças deram-se no sentido de reorganizar o trabalho para “substituir o negro pelo branco” e não em integrar o antigo escravo enquanto trabalhador livre.

Outros autores, como Giralda Seyferth (1996, 2007) e Lilia Schwarcz (1993), concentraram alguns de seus trabalhos na produção de interpretação de diversos intelectuais brasileiros – como Roquette-Pinto, Rodrigues de Carvalho, Silvio Romero, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, Afrânio Peixoto, João Batista de Lacerda, Nina Rodrigues, entre outros – acerca do tipo brasileiro – ou do que ele viria a ser – considerando o “problema” racial no Brasil. A caracterização da configuração racial do Brasil ter sido geralmente tratado como “problema” é ressaltada por Seyferth como fruto da hierarquização dos grupos sociais com base em “pressupostos estéticos, comportamentais e morais” aos quais se seguiram “a consequente desqualificação da humanidade de pele mais escura” (SEYFERTH, 2007, p. 106-107).

O que caracteriza o conceito de raça é a sua imponderabilidade, o fato de ser, antes de tudo uma construção social que interfere nas relações sociais, informa comportamentos individuais e coletivos, instrui determinadas práticas discriminatórias na medida em que fornece signos e símbolos de pertencimento (SERFERTH, 2007, p. 106).

Apesar dos pressupostos das teorias racialistas, que influenciaram os intelectuais brasileiros e as políticas de Estado brasileiras do século XX (SEYFERTH, 1996), terem sido superados pela ciência, o racismo nas relações sociais e institucionais brasileiras não foi. Nogueira (2006) oferece um quadro

de referências, estabelecido a partir da comparação de diversas pesquisas sobre as relações interraciais no Brasil e nos Estados Unidos, para pensarmos as relações entre diferentes grupos étnicos no Brasil. Nogueira vai defender a tese de que no Brasil, as relações sociais interraciais são marcadas pelo signo do preconceito de marca:

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem. (NOGUEIRA, 2006, p. 292).

O autor considera os conceitos de preconceito de marca e preconceito de origem como construções abstratas, ideias que servem como ferramentas de análise das relações interraciais, ou seja, apesar dele compreender o Brasil como sendo predominantemente um exemplo de uma sociedade na qual impera o preconceito de marca, ele pondera que é pouco provável que as características que conformam tal qualidade de preconceito sejam encontradas de forma pura nas relações sociais reais. Da mesma forma como Nogueira prevê esse porém, no caso dos imigrantes recentes para o Brasil, entre eles, os haitianos e as haitianas, pode-se falar em preconceito de marca e de origem, pois à constituição das relações raciais no Brasil soma-se a condição de imigrante já considerada.

A intersecção desses dois fatores ficou empiricamente evidente após a chegada dos senegaleses na região. A abertura dessa rota migratória propiciou também o fluxo de migrantes senegaleses para a cidade de Lajeado. A população estabelecida não vai diferenciar as duas migrações. Ao invés disso, tratará dos dois grupos como “os haitianos” (DIEHL, 2017) unindo a condição de imigrante e a questão racial sobre um único guarda-chuva inexato sobre a origem dessas pessoas. A categoria “estrangeiro” explicada por Simmel prevê que o elemento significativo na relação entre estabelecidos e *outsiders* é o

desconhecimento. O estrangeiro apresenta-se como um enigma, um sujeito desestabilizador de uma paisagem, de outra maneira, tradicional.

O que assemelha o estrangeiro de Simmel com a análise dos imigrantes haitianos no contexto de uma cidade do Rio Grande do Sul é a figura de um indivíduo visto de maneira suspeita pela população local, mesmo que nos dizeres de muitos moradores estes sejam bons trabalhadores, ao mesmo tempo existe a desconfiança da presença destes indivíduos, somado a isso os aspectos étnico-raciais presentes nestes imigrantes, que os destacam da maioria da população local, em sua maioria brancos. Para muitos dos estabelecidos de Lajeado, os imigrantes haitianos estão presentes ao mesmo tempo que não são vistos como pertencentes à realidade de Lajeado, eles são considerados como indivíduos à parte dos demais lajeadenses. (DIEHL, 2017, p. 24).

VI

A categoria “estrangeiro”, com sua especificidade nacional – haitiana –, atua sobre a categoria “negro”, e vice-versa, criando uma forma híbrida que é maior que a simples soma das categorias. Diehl (2017) afirma que no momento da chegada dos migrantes haitianos em Lajeado, a população estabelecida transferiu para eles os estereótipos e os estigmas que perpetuam dos negros da região, dentre eles a visão do “negro preguiçoso”. Essa visão logo entrou em choque com a explicação da presença dessas pessoas na região, a saber, para suprir a escassez de mão de obra das indústrias de alimentos e das construtoras. A resultante foi uma resignificação que criou distinções em relação à população negra local e originou um estereótipo do migrante haitiano (Diehl, 2017) que abarca a migração negra recente para a região, mesmo que essa não seja em sua totalidade haitiana.

VI

O elemento desconhecimento é, inerentemente, desestabilizador. Como consequência, a formação do estigma é fruto, precisamente, da instabilidade

no equilíbrio de poder que uma população *outsider* traz para o interior de uma sociedade estabelecida que se utiliza de sua posição favorável na balança de poder para estigmatizar o grupo ingressante, o qual não dispõe dos mesmos dispositivos de poder de maneira a neutralizar o estigma (ELIAS, 2000). No entanto, mesmo em posição desvantajosa, os migrantes são “sujeitos detentores de demandas subjetivas por cidadania” (MEZZADRA, 2005). Mezzadra propõe analisar as migrações como movimentos sociais e o migrante como sujeito. Isso significa que, mesmo em desvantagem no interior das relações de poder, os migrantes empreendem esforços para combater os estigmas e para buscar um reconhecimento social mais favorável com a identidade que fazem de si mesmo e que trazem de seus países de origens.

VII

Para Honneth, reconhecimento é um ato performativo através do qual uma pessoa delega a outra uma apreciação positiva. Na sua forma negativa, de não-reconhecimento, a ausência dessa apreciação é sentida e vivida enquanto invisibilidade social (HONNETH, 2011). A partir de uma perspectiva de base filosófica, Kojève, pensando a filosofia de Hegel, afirma que a “realidade humana só pode ser social”, pois o ser humano só se reconhece enquanto ser humano através do reconhecimento do outro. Se o outro o reconhece como ser humano, então ele se realiza enquanto ser humano, reconhece-se (KOJÈVE, 2002). Dessa maneira, tem-se uma perspectiva interacionista de análise.

Honneth (2009) afirma que existem três padrões de reconhecimento intersubjetivo: amor, direito e solidariedade, cujos derivados são, nas relações sociais, caracterizados, respectivamente, de relações amorosas, jurídicas e de estigma social que se conectam, nos indivíduos, com os sentimentos de autoconfiança, autorrespeito e autoestima. Esses reconhecimentos intersubjetivos, entretanto, não estão dados ou são garantidos nas relações

sociais. A estrutura das relações sociais de reconhecimento pode pressupor recusa ou negação.

Tal recusa ou negação, ao se constituírem como privação de direitos e ofensa à honra dos indivíduos, pode configurar-se enquanto combustível para a emergência de movimentos de resistência política e luta por reconhecimento.

VIII

Esta dissertação divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo, descrevo o percurso etnográfico que delineou o desenvolvimento da pesquisa e a escolha do objeto; discuto a metodologia, as ferramentas e os dados utilizados para levá-la a cabo. Também apresento os interlocutores do trabalho e os espaços que frequentei com o objetivo de oferecer um panorama do contexto estudado e descrevo como travei conhecimento com os interlocutores da pesquisa. No segundo capítulo, discorro brevemente sobre a história do Haiti e a sobre a história da cidade de Lajeado. No caso do Haiti, com enfoque nas lutas por independências, nos processos de resistência e reconhecimento e na história migratória do país. No caso de Lajeado, focalizo a formação de um imaginário cercado pelas imigrações históricas, alemã e italiana, e a formação de uma visão sobre um estilo de vida disso decorrente presente na região. O objetivo desse capítulo é contextualizar o presente e fazer compreender que os processos atuais de não-reconhecimento e reconhecimento não estão isolados de espaços e de tempos históricos maiores, para além da perspectiva interacional local contemporânea.

No último e terceiro capítulo, trago a discussão sobre reconhecimento. Para isso, identifico as imagens contrárias criadas pelas diferentes expectativas acerca da imigração haitiana para Lajeado e registro as reações dos meus interlocutores a essas contradições. Para isso, dividi essas imagens e contraimagens de forma temática. 1) A expectativa de que a população haitiana deve cobrir a defasagem de mão de obra da região em esferas específicas do trabalho, diretamente ligadas a uma visão do trabalho braçal como

competência dessa população de migrantes, por um lado; e, por outro lado, o esforço por uma valorização das capacidades intelectuais e criativas dos haitianos e de uma busca por trabalhos melhores. 2) Generalização por parte da sociedade lajeadense de que toda a migração negra para a região é haitiana em paralelo com uma valorização da identidade nacional por parte dos haitianos e estratégias de diferenciação dessa população de outros migrantes negros presentes na localidade, principalmente dos senegaleses. 3) Uma visão da migração haitiana ligada à fuga, à miséria e à ilegalidade que conduz a uma abordagem baseada ora na suspeita, ora na caridade; em contrapartida a um esforço de convencimento dessa migração, por parte dos próprios sujeitos em mobilidade, da migração como projeto de vida, familiar e legal.

CAPÍTULO 1 – PERCURSOS ETNOGRÁFICOS

1.1 APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA DA MIGRAÇÃO HAITIANA

Para fazer compreender meu envolvimento com a temática da migração haitiana contemporânea e a conseqüente constituição dessa pesquisa, considero necessário descrever a trajetória acadêmica que me levou do curso de Relações Internacionais ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Ao término da graduação em Relações Internacionais optei pelo ingresso em uma segunda graduação, o curso de bacharelado em Ciências Sociais da UFSM, já com objetivo de me aproximar das discussões teórico-metodológicas do curso para o futuro ingresso no Programa de Pós-Graduação. Entrei no curso no primeiro semestre de 2015. Estava em busca de um tema e de um objeto de pesquisa que propiciasse a elaboração de um projeto de pesquisa a ser submetido à seleção de mestrado.

A ideia era escolher um tema apto para pós-graduação em Ciências Sociais, mas que tivesse relação com os estudos anteriores em Relações Internacionais, com uma mudança de perspectiva. Estava em busca de um tema que pudesse ser abordado, sociologicamente ou antropologicamente, pela perspectiva do indivíduo ou de um grupo de indivíduos ao invés da abordagem pelo viés do sistema internacional e da política internacional que os estudos em Relações Internacionais geralmente propõem. A migração surgiu como uma possibilidade nesse sentido somada à relevância atual da temática. Uma rápida busca pelos programas de pós-graduação em Relações Internacionais mostrou-me que a abordagem da temática das migrações contemporâneas se dava principalmente pela lógica da segurança nacional ou do direito internacional, o que confirmou que não era o caminho que eu

gostaria de tomar para tratar do tema. Mesmo assim, foi em um evento do curso Relações Internacionais, em março de 2015, já tendo começado no mesmo mês o bacharelado em Ciências Sociais, que a possibilidade de pesquisar a temática começou a se materializar efetivamente. Conversando sobre isso com o professor José Renato Ferraz da Silveira, professor do curso de Relações Internacionais, ele me indicou e me apresentou à professora Giuliana Redin, coordenadora do Grupo de pesquisa, ensino e extensão em Direitos Humanos e Mobilidade Humana Internacional (MIGRAIDH)¹. A partir do convite da professora Giuliana, passei a frequentar as reuniões do MIGRAIDH e me aproximar das discussões teóricas a cerca das migrações contemporâneas, mais especificamente àquelas ligadas aos fluxos de refugiados, migrantes forçados e, no caso brasileiro, migrantes com visto humanitário.

Relato brevemente esse percurso pois foi através do MIGRAIDH que tive contato, em duas ocasiões distintas durante o ano de 2015, com Renel Simon. Simon, como é comumente chamado por amigos e conhecidos, é haitiano e migrou para o Brasil em novembro de 2011, entrando no país por Tabatinga (MEJÍA, SIMON, 2015), cidade brasileira fronteiriça com a Colômbia, uma rota de entrada de haitianos e de haitianas bastante comum no período. No Rio Grande do Sul, chegou por volta de agosto de 2012, para trabalhar operando máquinas em uma fábrica de metalurgia em Estrela, no Vale do Taquari (MEJÍA, SIMON, 2015). De fevereiro a outubro de 2013, trabalhou em um frigorífico em Lajeado, também no Vale do Taquari (MEJÍA, SIMON, 2015). Depois de um breve período desempregado, Simon passou a trabalhar no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS)², órgão da Secretaria de

¹MIGRAIDH é um grupo de pesquisa, ensino e extensão em Direitos Humanos e Mobilidade Humana internacional ligado ao Departamento de Direito da Universidade Federal de Santa Maria, criado pela Prof^a. Dr^a. Giuliana Redin em 2013 e por ela coordenado desde então.

²O Centro de Referência de Assistência Social (Cras) é o sistema governamental responsável pela organização e oferta de serviços da Proteção Social Básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social. Por meio do Cras, as famílias em situação de extrema pobreza passam a ter acesso a serviços como cadastramento e acompanhamento em programas de transferência de renda. O País conta, atualmente, 7.669 unidades distribuídas pelo território nacional. O principal serviço ofertado pelo Cras é o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (Paif). Dentre os objetivos desse serviço estão a prevenção da ruptura dos vínculos familiares e comunitários, a promoção de ganhos sociais e materiais das famílias e o acesso a benefícios, programas de transferência de renda e serviços socioassistenciais. As ações são todas

Trabalho, Habitação e Assistência Social (STHAS) de Lajeado, como recepcionista dos migrantes haitianos e de outras nacionalidades, encaminhando documentações, orientando os migrantes sobre direitos e deveres, programas sociais e possibilidades de emprego.

Foi a partir do conhecimento do trabalho de Simon no CRAS que o MIGRAIDH o convidou, no dia 30 de abril de 2015, para vir a Santa Maria e falar ao grupo sobre a migração haitiana e a experiência de Lajeado na recepção e na inserção dos migrantes. Simon relatou as vivências de sua própria migração e de sua família³, assim como a realidade dos haitianos e das haitianas que naquele momento residiam em Lajeado. Foi nesse dia, que as perspectivas de uma pesquisa sobre a inserção da migração haitiana em Lajeado começaram a se delinear para mim.



implementadas por meio de trabalho de assistência social. Além de ofertar serviços e ações de proteção básica, o Cras possui a função de gestão territorial da rede de assistência social básica, promovendo a organização e a articulação das unidades a ele referenciadas e o gerenciamento dos processos nele envolvidos.” Fonte: Portal Brasil. Conheça o Centro de Referência em Assistência Social. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2011/10/conheca-o-centro-de-referencia-de-assistencia-social>. Acesso em: 12 de abril de 2017.

³Naquele momento, Simon já tinha solicitado e concretizado o processo de reunificação familiar de modo que sua esposa e sua filha mais velha já estavam vivendo em Lajeado; e também o filho mais novo do casal, este nascido no Brasil. Recentemente, no dia 15 de maio de 2017, nasceu a terceira filha de Simon.

FIGURA 1 – Relato da experiência migratória e da situação dos migrantes haitianos em Lajeado-RS por Renel Simon aos membros do MIGRAIDH.
(Fonte: Álbum de fotos da página do MIGRAIDH no Facebook: <https://www.facebook.com/MIGRAIDH/?ref=ts&fref=ts>)

Por ocasião da segunda visita de Simon a Santa Maria, nos dias 23 e 24 de setembro, comuniquei a Simon minhas intenções de pesquisa pela primeira vez. Nossa conversa se deu rapidamente nos bastidores do evento de lançamento da Cátedra Sérgio Vieira de Mello⁴ na UFSM, evento no qual Simon compareceu para fazer novamente um relato de sua experiência enquanto migrante e também para lançar em Santa Maria o livro “Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon” que produziu em parceria com a antropóloga Margarita Rosa Gaviria Mejía, da Universidade de Vale do Taquari (Univates). Simon se mostrou receptivo à ideia da pesquisa em Lajeado, me passando suas informações de contato e afirmando o compromisso de, caso eu ingressasse no mestrado, ajudar a viabilizar a pesquisa.

Nos dias 18 e 19 de Maio de 2016, já tendo ingressado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM, fiz minha primeira visita a Lajeado por ocasião do I Seminário Internacional Migrações e Direitos na Univates. Simon participou do evento e novamente expressei meu interesse em pesquisar a migração haitiana residente em Lajeado e, mais uma vez, ele se mostrou disposto a atuar em meu auxílio. Nesse momento, já tinha formada uma primeira concepção de pesquisa a partir da qual pensava em investigar a inserção da população de haitianos na cidade. Interessava-me compreender, a

⁴ A Cátedra Sérgio Vieira de Mello é um fórum acadêmico, promovido pelo Alto Comissariado da ONU para Refugiados no Brasil, que visa a promoção dos direitos dos refugiados: “Desde 2003, o ACNUR implementa a Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM) em cooperação com centros universitários nacionais e com o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE). Neste acordo de cooperação com as universidades interessadas, o ACNUR estabelece um Termo de Referência com objetivos, responsabilidades e critérios para adesão à iniciativa dentro das três linhas de ação: educação, pesquisa e extensão. Além de difundir o ensino universitário sobre temas relacionados ao refúgio, a Cátedra também visa promover a formação acadêmica e a capacitação de professores e estudantes dentro desta temática. O trabalho direto com os refugiados em projetos comunitários também é definido como uma grande prioridade. Como exemplos de iniciativas, diversas universidades têm desenvolvido ações para fomentar o acesso e permanência ao ensino, a revalidação de diplomas, assim como o ensino da língua portuguesa à população de refugiados.” Disponível em: <http://www.acnur.org/portugues/informacao-geral/catedra-sergio-vieira-de-mello/>. Acesso em 28 de janeiro de 2018.

partir de uma perspectiva interacional, dialógica, as relações originadas com a migração recente na cidade de Lajeado. Saber com quais grupos, e em que circunstâncias, os haitianos entravam em contato e em que termos essa interação constituía-se. Minhas primeiras orientações, tanto teóricas quanto empíricas foram bastante influenciadas pela leitura do livro “Estabelecidos e *Outsiders*”, do sociólogo Norbert Elias.

1.2 SOBRE O COMEÇO DO TRABALHO DE CAMPO E AS PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES

No dia 29 de Julho de 2016, parti de Santa Maria para Lajeado com o objetivo de fazer meu primeiro trabalho de campo. O dia, uma sexta-feira, foi combinado com Simon durante aquele mês. Ele fez questão de me buscar de carro na rodoviária e logo percebi que tinha montado uma espécie de itinerário para minha visita à cidade. Informou-me que tinha algumas coisas para fazer durante o dia, mas que eu poderia acompanhá-lo. Sua agenda daquele dia estava bem leve, pois, de acordo com o que me disse, tinha tirado o dia de folga para me acompanhar aos lugares que eu desejasse ir. Conforme ia dirigindo pela cidade, Simon ia me apresentando pontos específicos da cidade, importantes ao grupo de haitianos que lá vive, como as estruturas físicas do Frigorífico Silva e da Construtora Zagonel, duas empresas, de produção de frango e construção civil respectivamente, que empregam haitianos em suas plantas produtivas. Foram várias idas e vindas.

Primeiramente passamos pela antiga sede da Igreja Evangélica Cruzada Pentecostal Brasileira (IECPB), também conhecida como comunidade evangélica Shalon. No local, costumava funcionar um centro de reabilitação para dependentes químicos. No entanto, com a demanda dos migrantes haitianos que começaram a procurar a igreja, a pastora responsável, a Pastora Nair, transformou o centro em local de acolhida. Nos dormitórios, passou a abrigar mulheres e crianças haitianas e disponibilizou a estrutura física do local para a realização de cultos evangélicos em *creòle*, reuniões, ensaios do coral e

refeições coletivas. Era o final da manhã e cinco mulheres cozinhavam e organizavam o local para o almoço que ocorreria ali ao meio-dia. Ficamos poucos minutos, Simon somente precisava dar um recado a uma das mulheres que auxiliavam na execução da refeição.

Seguimos para o CRAS, local onde Simon trabalha. Não havia público naquele momento, pois era uma sexta-feira, dia de trabalho interno no órgão, de modo que só os funcionários estavam no local. Fui apresentada à recepcionista e à assistente social responsável como uma pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria que estava na cidade para fazer uma pesquisa sobre a migração haitiana. Simon continuou apresentando-me dessa maneira ao longo do dia e também em ocasiões posteriores. Nas portas, murais e cartazes de orientação do local, era possível perceber a comunicação destinada a orientar os estrangeiros que buscassem o centro.



FIGURA 2 – Cartazes fixados nas portas do Centro de Referência em Assistência Social.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Neste momento, pude ver Simon em ação. A assistente social informou o de uma demanda que surgira mais cedo: uma mulher haitiana tinha entrado em contato com o CRAS para solicitar auxílio de transporte para ir até Canoas, onde o marido estava hospitalizado devido a um acidente. Rapidamente, Simon entrou em contato com a Secretária de Saúde de Lajeado e conseguiu um lugar para ela em uma das vãs municipais que levam pacientes de Lajeado para consultas e procedimentos médicos na região metropolitana de Porto Alegre. Podemos, então, conversar um pouco sobre o trabalho de Simon: auxílio na obtenção de documentos, recebimento e encaminhamento de correspondências, ajuda na colocação profissional dos migrantes e cadastramento no Cadastro Único⁵ para as pessoas desempregadas terem acesso às políticas públicas federais de assistência social.



FIGURA 3 – Mesa de trabalho de Renel Simon no Centro de Referência em Assistência Social de Lajeado.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

⁵ O Cadastro Único, também conhecido por CadÚnico, é um sistema de cadastramento de dados que visa identificar as famílias de baixa renda que se enquadram nos requisitos de políticas públicas de distribuição de renda, entre outros programas de assistência social, de modo que elas sejam identificadas pelo governo e passem a receber os benefícios.

Simon possui bastante orgulho do trabalho que exerce, o que fica evidente na maneira como o descreve. De fato, ele representa um apoio significativo aos migrantes que chegam e se estabelecem em Lajeado e na região. Nesse mesmo dia, visitamos no período da tarde, a STHAS, a Secretaria de Saúde e a Câmara dos Vereadores. Em cada um desses lugares, apresentava-me pessoas, explicava minha presença, e ressaltava a naturalidade com que frequentava esses espaços. Pela natureza de seu trabalho e de seu envolvimento como mediador entre os migrantes que chegam e o poder público, Simon possui um *status* bastante distinto dos outros migrantes da cidade. Constitui-se em uma figura pública muito solicitada por repórteres, acadêmicos, políticos e quaisquer pessoas que buscam informações sobre os migrantes contemporâneos de Lajeado e região.

Logo nessa primeira visita, percebi que ele assume um papel de mediador entre as pessoas e a população de migrantes haitianos que reside em Lajeado, mediando não só o contato como os diálogos. Nas nossas conversas, percebi que essa atitude não se delimita à minha presença, mas ao contato dos haitianos com pesquisadores, autoridades brasileiras e pessoas “de fora” em geral⁶. Descrevendo a atuação dele como referência para os haitianos, Simon me contou sobre os diversos contatos que estabeleceu com diferentes pessoas ligadas a distintos setores do setor público de Lajeado, como ficou claro na nossa incursão nas secretarias e na câmara dos vereadores. Referiu-se a essas pessoas ora como “*contatos*”⁷, ora como “*amigos*”, pessoas a quem recorria para mobilizar recursos e resolver questões ligadas a população haitiana da região. Registrei em diário de campo, a maneira como se referiu aos contatos que tem nas polícias da região:

[Simon] Disse que sempre que há problema com algum imigrante, principalmente haitiano, ligam para ele. “*Não fazem nada sem falar comigo*”. E por isso, os imigrantes confiam nele, “*Eu defendo eles*”. Simon se coloca numa posição de protetor em relação aos haitianos.

⁶ Outros pesquisadores com os quais entrei em contato, assim como os membros da Comunidade Luterana e da Rede Ecumênica da Juventude compartilharam comigo essa mesma impressão.

⁷ Todas as citações diretas dos entrevistados e das falas das pessoas coletadas em eventos públicos virão entre aspas e em itálico se forem citações curtas e com margem esquerda recuada se forem longas.

Nunca se refere a “nós”, sempre a “eles” quando fala deles. [Trecho retirado do diário de campo].

Além de protetor, Simon também assume o papel de mediador de conflitos e de porta-voz. O acesso a essa população é conduzido e gerido por ele. Isso se configura tanto em uma oportunidade quanto em um desafio de pesquisa e de inserção. Oportunidade, pois uma boa relação com Simon oferece possibilidade de inserção e observação de seu trabalho com os migrantes no CRAS e a apresentação a pessoas-chave das relações dos haitianos e das haitianas na cidade. Desafio, pois esse tipo de situação exige do pesquisador a habilidade em contornar o escudo protetor que esse tipo de liderança, às vezes, representa de modo que se possa realmente conhecer e conversar com diversas pessoas sem mediação.

Depois de passarmos pelo CRAS, voltamos à igreja Shalom onde almoçamos com os demais haitianos que, naquele momento, faziam suas principais refeições ali. Simon relatou-me que com o início da crise econômica do país e o grande fluxo de migrantes na região, em torno de 50 haitianos estavam sem emprego. Por isso, a igreja passou a coletar doações, em dinheiro e em produtos alimentícios, para organizar duas refeições diárias para oferecer as pessoas que estavam desempregadas. Os alimentos eram preparados pelas mulheres haitianas voluntárias e servidos no salão da igreja ao meio-dia e a noite. No momento em que estive presente no almoço, havia entre 15 e 20 haitianos fazendo a refeição, menos da metade do número que era atendido normalmente pelas refeições comunitárias. Simon explicou-me que três semanas antes havia saído no jornal *A Hora*, um jornal impresso e *online* da região, uma matéria sobre esse projeto da igreja para oferecer almoços e jantas diários para os desempregados.

Simon tinha procurado o jornal e combinado uma matéria para tentar aumentar o número de doações de alimentos que estava em baixa. No entanto, vários haitianos sentiram-se ofendidos pelo tom da reportagem e deixaram de comparecer às refeições. O ponto de maior sensibilidade foi uma foto de vários haitianos sentados à mesa, em frente a pratos de comida. No texto da linha de

apoio⁸ da matéria e na legenda da imagem, foi colocada de modo explícito a questão da fome. Segundo as pessoas que se sentiram ofendidas, a veiculação de suas fotos em associação com uma imagem de miséria e fome era, conforme Simon relatou-me, “*uma humilhação*”. Consegui localizar a reportagem no site do jornal A Hora, intitulada “Igreja fornece refeições para haitianos desempregados”, veiculada no dia 04 de agosto de 2016.

www.jornalahora.com.br/2016/08/04/igreja-fornece-refeicoes-para-haitianos-desempregados/

DOMINGO, 28 DE JANEIRO DE 2018

A HORA
COMPROMISSO COM O LEITOR

ASSINANTE SOLIDÁRIO

EDITORIAS: Agronegocios, Entretenimento, Esportes, Geral, Mapa da Cidade, Negócios em Pauta, Polícia, Política, Você, OPINIÃO

LAJEADO

Publicada em 04/08/2016

Igreja fornece refeições para haitianos desempregados

Imigrantes sentados à mesa na espera de um prato de comida formam o retrato da recessão. Seis anos após o início da migração, haitianos passam fome, enfrentam o desemprego e encontram amparo em projeto social da comunidade evangélica Shalom.

Crédito: Rodrigo Mariani

O movimento de haitianos é intenso na sede da Igreja Cruzada Cristã Pentecostal, bairro Moinhos. O local foi um dos primeiros a abrir as portas para os imigrantes que chegaram à cidade a partir de 2010 com a esperança de trabalhar e fugir da crise humanitária que assola o país caribenho.

Referência social e religiosa para a comunidade haitiana, a Shalom passou a desempenhar outro papel com o avanço da recessão. Faz cerca de um mês, a apóstola Nair Mayerle recebeu uma lista com mais de 50 desempregados, muitos passando fome. Desde então, a Shalom passou a fornecer refeições duas vezes ao dia aos imigrantes.

DESEMPREGO E FOME: iniciativa da comunidade Shalom garante duas refeições diárias para 45 imigrantes haitianos. Caribenhos dizem que crise também aumentou preconceito dinheiro

FIGURA 4 – Reportagem do jornal A Hora sobre o projeto de refeições diárias da igreja Shalom. Fonte: Site do jornal A Hora. Disponível em: <http://www.jornalahora.com.br/2016/08/04/igreja-fornece-refeicoes-para-haitianos-desempregados/>.

Reproduzo parte da reportagem, pois foi nesse momento que comecei a reparar nas diferentes narrativas sobre a migração haitiana em voga na cidade e em como os próprios haitianos estavam atentos e reagiam às imagens que consideravam inadequadas ou vexaminosas veiculadas a seu respeito. Editei, no entanto, a imagem propalada na matéria, borrando-a, pois compreendo que

⁸ Na linguagem jornalística, o termo “linha de apoio” refere-se a frase que segue o título, cuja função é, juntamente com a manchete, informar o leitor do que se trata o texto da matéria que segue.

tornar a expor as pessoas que se sentiram ofendidas é desnecessário para o objetivo dessa narrativa e seria incorrer no mesmo erro desrespeitoso do jornal.

Durante esse almoço, conheci a Apóstola Nair, a pastora responsável pela IECPB de Lajeado, que acolheu parte da migração haitiana para a região através da sua igreja. A pastora contou o processo de transformação daquele local de centro de reabilitação de dependentes químicos para centro de acolhimento da população haitiana a partir do momento em que uma mulher haitiana chegou ao local e pediu auxílio. Com o aumento do número de haitianos chegando, a igreja entendeu que esse acolhimento seria necessário. A relação evoluiu para o estabelecimento da Igreja Haitiana no local. Pouco mais de um ano depois dessa primeira conversa, a pastora Nair foi uma das pessoas que entrevistei para a escrita desta dissertação. Voltarei a ela quando descrever minhas visitas e observações sobre a Igreja Haitiana.

Saindo dali, fui com o Simon até a casa dele, onde conheci sua família. Deixamos sua esposa no trabalho, sua filha mais velha na escola e seu filho na creche (na época, o menino era o filho mais novo do casal, antes do nascimento da terceira criança da família). Passamos mais uma vez no CRAS para o Simon realizar alguns telefonemas. “Fizemos hora” por ali até o próximo compromisso de Simon. Nesse meio-tempo, pudemos conversar sobre alguns aspectos da realidade da migração haitiana na região. Um deles, foi que naquele momento, estava ocorrendo uma dinamização dos fluxos migratórios que tinham chegado até a região. Com parcela da população de migrantes haitianos desempregada, algumas pessoas estavam saindo da cidade em busca de oportunidades de empregos em outras cidades brasileiras. Outros, desencantados com as expectativas que visualizavam no Brasil, partiam em direção ao Chile, aos Estados Unidos ou de volta para o Haiti. Fato esse que estava dificultando a formação da Associação de Haitianos de Lajeado, pois parte da diretoria formada na assembleia de formação, emigrou para outros lugares.

Além disso, conversamos sobre os empregos existentes na região. Simon relatou alguns casos de racismo e exploração. Segundo ele, vários

haitianos vinham até ele para reclamar que seus empregadores os colocavam para trabalhar em funções não relacionadas com as atribuições descritas na carteira de trabalho, geralmente serviços mais pesados, de maior demanda física. Os problemas maiores acontecem em empresas menores, que não possuem um setor de recursos humanos que organiza a contratação e a quem os funcionários podem recorrer, descreveu Simon. Mas mesmo nas empresas maiores, Simon recebe relatos de abusos. Nessas, a questão está na diferença de tratamento delegado aos funcionários brasileiros e aos migrantes, percebida por esses como discriminação. Aproximadamente um ano após essa conversa, entrei em contato com todas as empresas conhecidas por empregarem haitianos na região. Consegui prosseguir na cadeia de atendimento telefônico, geralmente, até o responsável pelas contratações, quando havia um departamento de recursos humanos, informando que era uma pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria. No entanto, quando chegava ao ou à responsável e precisava informar a temática da pesquisa, fui informada, na totalidade dos casos, que seria impossível marcarmos uma conversa sob a alegação de que contrariava a política de acesso da empresa. Algumas empresas chegaram, inclusive, a negar ter empregado ou empregar haitianos.

Por volta das 16 horas da tarde seguimos para o próximo compromisso de Simon daquele dia. Era uma reunião com membros da diaconia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB)⁹ de Lajeado¹⁰. Entre outras pessoas, conheci nesse dia o Pastor Luís Henrique Sievers, Vice-Pastor Sinodal do Sínodo Vale do Taquari, que mais tarde viria a entrevistar. Tomei conhecimento, por ocasião nessa reunião, da existência de um projeto de acolhida e integração com a população de migrantes presentes em Lajeado. A

⁹ “A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), com sede em Porto Alegre-RS, tem sua origem no movimento reforma da igreja no século XVI, do qual Martim Lutero foi um grande protagonista. Segundo a Constituição da IECLB, a igreja organiza-se em comunidades, paróquias e sínodos. Em comum, são dirigidos pelo Concílio da Igreja, o Conselho da Igreja e a Presidência. Atualmente, a IECLB divide-se administrativamente em 18 sínodos.” Disponível em: <http://www.fld.com.br/page/quem-somos/>. Acesso em 10 de abril de 2017.

¹⁰ “A Comunidade Evangélica de Lajeado foi fundada no ano de 1895 por cerca de 30 famílias. A primeira igreja foi inaugurada no dia 05 de fevereiro de 1899. (...) [Atualmente] é composta por cerca de 1.500 famílias-membro, somando um total de mais de 3.000 pessoas batizadas. Da Comunidade fazem parte os três pontos de pregação (Jardim do Cedro, Gustavo Adolfo e Barra da Forqueta), bem como a sede da comunidade de Lajeado.” Disponível em: http://www.ieclblajeado.com.br/?page_id=5. Acesso em 20 de abril de 2017.

conversa daquele dia visava definir aspectos organizacionais do primeiro evento do projeto, uma oficina para tratar da temática da migração, prevista para acontecer em 27 de agosto de 2016, para a qual fui convidada a retornar a Lajeado para prestigiar.

Esse primeiro dia de trabalho de campo foi definidor dos rumos que minha pesquisa iria tomar a partir de então. Como exposto, o relato sobre o constrangimento que a matéria do jornal A Hora causou chamou a minha atenção para as tensões existentes entre imagens veiculadas sobre os haitianos na cidade de Lajeado e a repercussão delas nessa população. Somado a isso, propus-me a participar de e a observar todos os eventos efetuados por esse projeto preconizado pela igreja luterana de Lajeado. Percebi que seria uma oportunidade de observar lajeadenses e haitianos em diálogo, em um mesmo ambiente. Os eventos que seguiram ocorreram de agosto a novembro, segundo semestre de 2016, período no qual também entrei em contato com uma bibliografia sobre reconhecimento através da disciplina intitulada Teoria Social, Reconhecimento e Alteridade, oferecida pelo professor Dr. Ricardo Mayer. As observações empíricas e as orientações teóricas adquiridas nesse semestre foram fundamentais para o que essa dissertação veio a ser.

1.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Assim, a partir desse primeiro dia, estabeleci a base para esta pesquisa, de caráter etnográfico. O cerne do trabalho constitui-se a partir do trabalho de campo e da observação participante. A riqueza do método etnográfico verifica-se, exatamente, na possibilidade do mergulho na vida cotidiana das pessoas que queremos compreender, das relações que gostaríamos de apreender e dos contextos com os quais desejamos nos familiarizar (Uriarte, 2012). Essas foram as intenções que pautaram a organização do trabalho de campo. A distância física entre a cidade onde resido e estudo e a cidade de pesquisa – Santa

Maria fica a pouco mais de 200 quilômetros de Lajeado – demonstrou-se ser uma vantagem. O trabalho de campo precisou ser planejado e pensado com antecedência e sempre que estava em Lajeado, eu realmente “estava” em Lajeado. Presente naquele local com a intenção única de fazer pesquisa, fosse quando os planejamentos davam certos, fosse quando não davam. No segundo semestre de 2016, voltei quatro vezes a Lajeado, por ocasião dos eventos promovidos pela Igreja Luterana. Foram três eventos: a Oficina de Fluxo Migratório, Acolhida e Integração, o encerramento da exposição “O mundo é minha pátria: a migração haitiana e senegalesa no Brasil” no SESC de Lajeado e o lançamento do documentário “Haitianos: na esperança de um novo dia”. A quarta ocasião seria um encontro ecumênico entre as juventudes brasileiras e haitianas. O evento seria para estabelecer conversas sobre religião, estudo, oportunidades do mercado de trabalho, entre outras temáticas. Fui convidada para fazer uma fala no dia para discutir a natureza das pesquisas que são feitas com as populações de migrantes haitianos no Brasil. Essa foi uma demanda de alguns jovens haitianos que solicitaram o desejo de compreender a presença de pesquisadores que os procuravam. O evento, no entanto, não aconteceu. Quando cheguei a Lajeado, fui informada do cancelamento devido a uma enchente ter atingido parte da cidade e inviabilizado a realização da programação.

Além da presença e observação nos eventos, durante o segundo semestre de 2016, e para contextualizar a origem do projeto e da relação da igreja luterana com o grupo de haitianos efetuei duas entrevistas, em fevereiro de 2017. Uma delas foi com o Pastor Luís Henrique Sievers, em reunião marcada na sede administrativa da igreja luterana, na área central da cidade de Lajeado. O Pastor Luís já me conhecia, no momento da entrevista por eu ter frequentado uma das reuniões do projeto com o Simon em julho de 2016 e os próprios eventos¹¹. A segunda entrevista foi com Edoarda Scherer, com quem também já tinha conversado algumas vezes, nos eventos e em sua casa,

¹¹ Foram três eventos: a Oficina de Fluxo Migratório, Acolhida e Integração, o encerramento da exposição “O mundo é minha pátria: a migração haitiana e senegalesa no Brasil” no SESC de Lajeado e o lançamento do documentário “Haitianos: na esperança de um novo dia”.

membro da Pastoral Universitária Ecumênica (PASUNE)¹², e na época da criação e desenvolvimento do projeto também participava do Fórum Ecumênico ACT do Brasil (FE ACT Brasil)¹³ e era facilitadora nacional da Rede Ecumênica da Juventude (REJU)¹⁴.

Neste momento, em fevereiro de 2017, estava buscando, além da realização dessas entrevistas, um contato mais próximo com o grupo em si, através de uma permanência mais prolongada. Nessa ocasião, permaneci na cidade durante 21 dias corridos. Novamente, meu contato principal foi com Simon que me convidou para almoçar em sua casa e ofereceu-me um cardápio tipicamente haitiano, costumamente preparado em ocasiões de festa segundo

¹² Essa organização define-se como “Universitários, pertencentes a projetos, a instituições não governamentais, e, ainda a comunidades eclesiais. Somos jovens lideranças e representações locais. O convite também se estende a todo aquele que se sentir interessado em participar das atividades promovidas pela Pastoral Universitária Ecumênica – PASUNE – que leva a diversos ambientes e esferas sociais, discussões, análises, reflexões e posições da juventude, sobre temáticas específicas que possuam aplicação prática em atividades locais, beneficiando a comunidade. Nossa prática ecumênica se estende ao diálogo comum a todas as ações que possibilitem a construção coletiva do saber, que leve a uma gradativa qualidade de vida em toda sua dimensão.” Disponível em: http://pasune-rs.blogspot.com.br/p/quem-somos_30.html. Acesso em: 20 de abril de 2017.

¹³ O Fórum Ecumênico ACT do Brasil trata-se do braço brasileiro da ACTAlliance que se define como “a coalition of 144 churches and church-related organisations working together in over 100 countries to create positive and sustainable change in the lives of poor and marginalised people regardless of their religion, politics, gender, sexual orientation, race or nationality in keeping with the highest international codes and standards.” Disponível em: <http://actalliance.org/about/>. Acesso em: 20 de abril de 2007. A Fundação Luterana de Diaconia (FLD) é uma das organizações que compõem a ramificação da FE ACT Brasil. A FDL, por sua vez, apresenta-se como “uma entidade com personalidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos. É herdeira do antigo Serviço de Projetos Desenvolvimento da IECLB e de sua experiência de mais de 34 anos na área de desenvolvimento comunitário. Com sede em Porto Alegre (RS), a FLD apoia grupos e projetos em todo o território brasileiro.” Outras informações de criação dão conta que a fundação “foi criada no dia 17 de julho de 2000 por decisão do Conselho da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Seu trabalho se dá com grupos socialmente vulneráveis e comunidades empobrecidas, sem discriminação de etnia, gênero, convicção política ou credo religioso.” Disponível em: <http://fld.com.br/page/quem-somos/>. Acesso em: 20 de abril de 2007.

¹⁴ Essa organização define-se como uma “Rede formada e protagonizada pelas juventudes no Brasil que buscam, a partir de distintas formas de espiritualidades, a promoção dos direitos juvenis. Para tanto, busca-se o diálogo nas esferas sociais, políticas e religiosas com ações pela superação das intolerâncias. A REJU reúne jovens representantes de diferentes localidades, movimentos, religiões e entidades nas cinco regiões do país, com atividades relacionadas ao: fortalecimento político das ações das juventudes; apoio e intercâmbio para a garantia de direitos das juventudes; estímulo da capacitação e articulação das juventudes para que ocupem espaços de protagonismo em meio à institucionalidade governamental e não-governamental; debate e reflexão sobre a violação e superação dos direitos das juventude (sic)”. Por facilitador(a), o movimento apresenta como “jovens que mediam contatos entre indivíduos e instituições”. Disponível em: <http://reju.org.br/page/sobre-a-rede-ecumenica-da-juventude/>. Acesso em: 20 de abril de 2017.

me informou. “*Bannanm fri, makaroni gratine, salad póm de té, poul fri, diri ak pwa frans, tomat, bètrav e leti*”¹⁵ escreveu Simon no meu caderno de notas depois da refeição quando pedi que me falasse um pouco sobre os pratos preparados. Além disso, ele me explicou que a diferença principal entre a culinária haitiana e a brasileira não era bem os ingredientes, mas o modo como eles são preparados. Por isso, relatou ser fácil manter uma alimentação costumeira de suas localidades natais no Brasil, o que disse ser muito importante para as pessoas, pois elas podem manter seus hábitos alimentares, além de cultivar esse laço com o Haiti, com seus conterrâneos também em migração e com seus filhos, muitos deles já nascidos no Brasil.



FIGURA 5 – Cardápio da culinária haitiana feito por Simon em sua residência no dia 16 de fevereiro de 2017.

Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

Nesse almoço, estavam também presentes, além da esposa e dos dois filhos de Simon: Charles, haitiano que Simon mais tarde me contou estar chegando ao Brasil uma segunda vez, depois de ter sido deportado para o Haiti

¹⁵ Em tradução livre: banana frita, macarrão gratinado, salada de maça, frango frito, arroz com ervilhas, tomate, beterraba e alface.

em uma tentativa de entrar nos Estados Unidos; e Naela e sua filha. Naela foi entrevistada por mim, algumas semanas depois. No momento da preparação da comida e no almoço, as conversas entre essas pessoas aconteciam todas em *creòle*, a não ser quando eu perguntava alguma coisa ou iniciava um assunto com alguém. Essa tendência seguiu depois do almoço, quando Abdias, esposo de Naela chegou à residência. As duas mulheres ficaram dentro de casa, lavando e arrumando a louça do almoço e Simon me convidou para sentarmos no pátio junto com Abdias e Charles. Apesar da minha presença ali, os três seguiram conversando em *creòle*, só conversando comigo em português quando eu me dirigia a eles.

Simon, Charles e Abdias possuem os três um bom português, estabelecendo comigo conversas completas, sem interrupções e com um vocabulário extenso quando eu perguntava algo ou puxava algum assunto. Mesmo assim, havia uma recusa clara em falar em português. Isso ficou ainda mais evidente quando chegou um migrante jamaicano na casa de Simon, para conversar com ele sobre as possibilidades de emprego na cidade. Infelizmente, não anotei, nem me recordo qual era seu nome. Ele apresentou uma postura muito diferente dos outros três homens perante a mim, contando seus casos com mulheres brasileiras e sua vida social e sexual no país. Tal postura claramente incomodou Simon, Charles e Abdias. Esse último inclusive me pediu desculpas pelo comportamento do outro quando ele foi embora. Foi o único assunto que começou comigo nesse dia por vontade própria. Mas o mais significativo dessa interação foi o fato do jamaicano solicitar aos outros que falássemos todos em português devido a minha presença no meio deles – estavam os quatro falando em francês –, mais de uma vez e não ser atendido.

A relação entre pesquisadora, ou pesquisador, e pesquisados revela-se marcada por assimetrias de poder oriundas das próprias posições dos indivíduos no interior da sociedade. O fato de eu ser uma jovem brasileira, branca, de classe média não pode ser ignorado quando penso a percepção que essas pessoas, vivendo cotidianamente uma condição de imigrante em um país com relações raciais e sociais hierarquizadas como no Brasil possam ter de mim. Colocando isso na balança, a desconfiança e a reserva com que agem

são compreensivelmente não só resistência, mas proteção. É preciso considerar as relações de alteridade entre pesquisadores e pesquisados.

Como relatado acima, Abdias se juntou a nós logo depois do almoço nesse dia. Nossa conversa nessa ocasião foi breve: além do pedido de desculpas que sentiu necessidade em me fazer em nome do jamaicano, falamos muito brevemente sobre minha pesquisa, sobre o coral que coordena na Igreja Haitiana, sobre os casamentos coletivos entre haitianos e haitianas organizados na cidade pela igreja. Nosso próximo contato foi quando voltei à cidade em Julho de 2017 e avisei Simon e Abdias que pretendia fazer algumas entrevistas e pedi autorização para participar dos cultos da igreja. Abdias solicitou que primeiramente tivéssemos uma reunião entre Simon, ele e eu. A reunião aconteceu na sala de Simon no CRAS e nesse momento percebi mais nitidamente a posição de Abdias como liderança entre os haitianos e as haitianas que se reúnem em torno da Igreja Haitiana. Ao passo que Simon age como porta-voz dessas pessoas perante a sociedade civil lajeadense, o poder público da região e a imprensa, Abdias revelou-se uma liderança mais interna, mais próxima daqueles que frequentam essa igreja.

Vale aqui um parêntese para ressaltar que não são todos os haitianos e as haitianas que vivem na região que frequentam a igreja denominada Igreja Haitiana, ligada às lideranças de Abdias e Simon. Nos cultos que frequentei pude observar uma média de 150 pessoas por culto, considerando uma variação de pessoas de um culto para outro. Considero que em torno da Igreja Haitiana orbite aproximadamente 200 pessoas, não só de Lajeado, mas também de Estrela¹⁶. Além desse círculo, pude identificar outra igreja conduzida e frequentada por haitianos e haitianas em Lajeado, essa localizada mais próxima da região onde vários estabeleceram residência nas proximidades do frigorífico que emprega muitos deles. E em conversa com colaboradores da pesquisa, também tomei conhecimento da existência de mais duas igrejas estabelecidas em Estrela. Dessa forma, dentro desse conjunto, sempre que me refiro à Igreja Haitiana, estou falando de uma amostragem de

¹⁶ Estrela é um município limítrofe a Lajeado. A proximidade entre os dois municípios é tanta que é comum as pessoas cruzarem os limites entre os dois municípios várias vezes por dia. Também é comum as pessoas morarem em um dos municípios e trabalharem no outro.

peças específicas dentro de um grupo maior – que é o total de migrantes haitianos e haitianas residentes na região. Minha pesquisa circunda e é específica a esse grupo menor ligado à Igreja Haitiana.

Dessa conversa que Abdias, Simon e eu tivemos no CRAS pude então perceber mais adequadamente as posições relativas de Simon e Abdias perante aos haitianos. Simon despontou mais claramente como uma espécie de relações públicas, uma referência para as pessoas “de fora”, enquanto Abdias destacou-se como a pessoa de referência para as pessoas que frequentam a igreja. Desse dia, ao passo que eu estava tentando passar do contato que até então havia estabelecido apenas com Simon e passar a frequentar os cultos e conversar com as pessoas, Abdias tomou para si as negociações referentes a minha aproximação. Fez basicamente uma entrevista. Pediu que eu descrevesse minhas intenções de pesquisas, falasse sobre meus objetivos, perguntou quem eu gostaria de entrevistar e o porquê dessas entrevistas e se eu utilizaria ou não fotos e imagens das pessoas. Só depois de obter todas as respostas que declarou que eu estava convidada a participar dos cultos e que poderia tentar conversar com as pessoas, se elas assim quisessem.

Um ponto principal não só dessa conversa, mas também de várias outras interações com Abdias sempre circunscreveu as minhas possibilidades de ajudar as pessoas de alguma forma. Magnani (2009) versa sobre como a etnografia presta-se a um entendimento originado a partir de uma relação de troca. Foram, de fato, negociações. Consegui ir a um ensaio do coral somente após divulgar e explicar sobre o edital de ingresso¹⁷ ao ensino superior por refugiados e imigrantes com visto humanitário na UFSM. Percebi nitidamente uma maior abertura depois que falei sobre um projeto¹⁸ sobre o qual estava

¹⁷ A partir da Resolução 041 de 2016, a Universidade Federal de Santa Maria instituiu o Programa de Acesso à Educação Técnica e Superior da UFSM para refugiados e imigrantes em situação de vulnerabilidade que prevê a abertura de editais para preenchimento de vagas suplementares por essa população. Resolução disponível em: http://w3.ufsm.br/prograd/images/pdf/resolucao_041_2016_ufsm_programa_refugiados_imigrantes.PDF. Acesso em 29 de janeiro de 2018.

¹⁸ O projeto originário desta ideia foi finalizado sobre a alcunha VestVates, um cursinho popular preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ligado a Universidade do Vale do Taquari (UniVates). O público alvo são estudantes de escolas públicas e migrantes que

vendo disponibilidade de realização com os membros da Pastoral Universitária para a realização de um cursinho preparatório para o ENEM para os migrantes interessados na prova. E Abdias, apesar de me receber nos cultos que frequentei, somente me apresentou de forma direta a três rapazes que possuem um projeto no *Youtube* de vídeos de humor e deixou claro que gostaria que eu os ajudasse a divulgar os vídeos. Foi preciso dar, para receber e então retribuir (Mauss, 2013). Em momentos com esse, as expectativas de troca ficavam ainda mais evidentes no seio do trabalho etnográfico.

Também vejo nessas declarações de que haveria sim de haver uma troca justa pela possibilidade da minha pesquisa como mais uma faceta dessa maneira de ser haitiana pautada pela resistência. E são a partir dessas discussões sobre essa resistência que pretendo empreender uma reflexão sobre os processos de luta por reconhecimento que visualizei nessas pessoas durante meu trabalho de campo. Jeankens Exantus, Erndy Thermilus e Dorcelly Dor, os três rapazes que Abdias me apresentou, nessa visita de julho de 2017, são fundadores de uma página de humor no *Facebook* denominada “*Chak Segond Konte*” (CSK)¹⁹, em português “Cada segundo conta”, na qual postam vídeos de humor, são ilustrativos desse caminho da resistência que leva a uma busca por reconhecimento que pretendo expor nessa dissertação.

desejam prestar o ENEM. O projeto foi a união de duas iniciativas distintas, porém interseccionais. A partir da ideia da Pastoral Universitária Ecumênica (PASUNE), nas pessoas de Edoarda Scherer e Inauã Ribeiro, em oferecer aulas aos migrantes que desejassem prestar o ENEM com o objetivo de acessar uma universidade federal e a ideia de dois alunos da Univates, Lucas Vieira e Leonardo Rickes da Rosa, de implementar um cursinho preparatório popular para estudantes de baixa renda que possuíssem esse mesmo objetivo. Os dois projetos foram apresentados ao vice-reitor da Univates, Prof. Dr. Carlos Cândido da Silva Cyrne, que colocou os dois grupos em conhecimento um do outro e sugeriu que um único projeto fosse instituído somando as duas iniciativas. A primeira edição do VestVates aconteceu, de forma intensiva, durante seis semanas de 02 de outubro a 11 de novembro de 2017, com aulas de segunda a sexta-feira, no período da noite e contou com 25 alunos matriculados. Foi oferecido um cronograma de aulas de todas as disciplinas pedidas no ENEM mais aulas de redação, ministradas por estudantes de graduação e pós-graduação da Univates. Mesmo não sendo aluna da Univates, tive a oportunidade de assumir as disciplinas de Sociologia e Filosofia do cursinho durante o período: foram seis aulas de uma e hora e trinta minutos para cada uma das disciplinas. No momento de inscrição dos estudantes para o VestVates, avisei Simon e Abdias para que divulgassem, nos cultos, a oportunidade. No entanto, não houve inscrições de migrantes nessa primeira edição do cursinho. A segunda edição está programada para ocorrer de março a outubro de 2018, de forma extensiva. Site: <https://www.vestvates.com.br/>.

¹⁹ Endereço da página: <https://www.facebook.com/ErnsThermilus/?ref=ts&fref=ts>

Abdias apresentou-me os rapazes durante uma das minhas idas a um culto da Igreja Haitiana. Falou-me que eles tinham um projeto de vídeos de humor, além de que estavam escrevendo o roteiro de uma novela que pretendiam gravar e divulgar. Disse também que me colocaria em contato com eles para que eu os ajudasse a fazer a divulgação desses materiais. Nesse dia, após o culto, os acompanhei durante a filmagem de um desses vídeos de comédia, o qual retrataria um aspecto muito comum da experiência migratória: das pessoas que se propunham a ajudar os migrantes a fazerem suas travessias, mas que, na verdade, os exploravam. Insistiram, inclusive, que eu fizesse parte do vídeo, em um personagem que criaram na hora. A partir desse dia, passei a ficar em contato com eles, via *Facebook* e *Whatsapp*. Quando combinei de acompanhá-los da feitura do vídeo para o canal, não esperava ter que atuar. Mas o fazer antropológico demanda envolvimento para além do método. Da Matta caracteriza esses papéis que muitas vezes o antropólogo ou a antropóloga precisa assumir como “os aspectos românticos da disciplina” (1978, p.3), é preciso assumir que parte do trabalho etnográfico advém do estabelecimento de relacionamentos humanos. Depois de algumas horas, os acompanhei até a rodoviária onde iriam pegar o ônibus para voltarem para casa. Antes de nos despedirmos, pediram que eu tirasse uma foto com eles, que depois postaram no *Facebook*, com a legenda “nossa nova amiga”.



FIGURA 6 – Enrdy, Dorcelly e Jeankens, da esquerda para a direita, do *Chak Segond Konte*.
Fonte: Foto enviada por Dorcelly.

Também realizei entrevistas com eles, no dia 19 de outubro de 2017. Nesse momento, Dorcelly Dor tinha 23 anos (estava a um mês de completar 24 anos de idade). Ele foi o primeiro dos três a vir para o Brasil, chegando ao país no dia 21 de fevereiro de 2014. Antes de aportar na região, relatou-me ter passado por vários outros lugares: chegou primeiramente em Caxias do Sul, depois se mudou para Santa Catarina, Manaus, São Paulo. Disse nem se lembrar de todos os nomes de cidades pelas quais passou antes de contatar um primo mais velho que mora em Estrela e trabalha em um frigorífico na cidade. Esse primo intermediou um emprego nesse mesmo frigorífico e, assim, Dorcelly instalou-se em Estrela em março de 2015. Atualmente, trabalha em uma fábrica que produz palmilhas para calçados no setor de corte como operador de máquinas de corte.

Erndy Thermilus tem 22 anos de idade e foi o segundo deles a vir para o Brasil. Está no país desde 23 de fevereiro de 2016 e veio direto à cidade de Estrela. Jeankens Exantus é o mais velho dos três e o foi o último a chegar. Com 26 anos de idade, no momento em que o conheci fazia apenas um mês

que estava no Brasil. Por isso, todas as nossas conversas foram em inglês, pois ainda não consegue se comunicar em português. Assim como Erndy, ele também veio diretamente a Estrela e por intermédio de Dorcelly, ambos trabalham nessa mesma fábrica de palmilhas, além de moraram juntos no que aparentemente seria o salão do prédio onde o primo mais velho de Dorcelly aluga um apartamento onde mora com a esposa e a filha. Esse salão foi adaptado com divisórias de PCV para abrigar além dos três rapazes que conheci, outro jovem haitiano que mora com eles.

A parceria entre os três tem bases familiares e antigas. Dorcelly e Jeankens são primos e a mãe de Dorcelly é madrinha de Erndy. No Haiti eles moravam em *Croix-des-Bouquets*, localidade que fica aproximadamente a trinta minutos de *Port-au-Prince*, a capital do Haiti. De acordo com o que me contaram, eles eram conhecidos e reconhecidos na região, pois compunham *raps*, eram animadores de festas e, inclusive, publicaram um livro de poesias chamado *Triomphe de l'amour* (Em português, Triunfo do Amor) em 2013. É o reconhecimento dessa vida artística que buscam incessantemente no Brasil através de seus vídeos de comédia e dos planos em gravar essa novela em cujo roteiro já estão trabalhando. Apesar dos três me relatarem que a vida no Brasil é melhor do que a vida no Haiti, eles sentem falta da valorização de seus dons artísticos e criativos que a vida na fábrica sufoca. Os planos que eles elaboram e com os quais sonham, envolve esse reconhecimento. Não cansam de dizer que são escritores, que sabem fazer comédia, que possuem diversas capacidades que seus empregos atuais não dão vazão.

As observações do trabalho de campo e as entrevistas mostraram-se complementares. O trabalho de campo oferece possibilidades de compreensão que uma entrevista não é capaz de captar, propicia o ambiente necessário para o pesquisador performar os atos cognitivos epistêmicos do fazer etnográfico de que falava Roberto Cardoso de Oliveira: olhar e ouvir (Oliveira, 2000). No entanto, o formato de entrevista também oferece oportunidades. Por exemplo, apenas soube do parentesco entre os rapazes durante entrevista quando perguntei se eles tinham parentes do Brasil. Nas nossas conversas, nas vezes que os acompanhei para a gravação dos vídeos, essa relação não tinha sido

especificada. Realizei ao total, oito entrevistas semiestruturadas com cinco haitianos – Abdias, Naela, Dorcelly, Erndy e Jeankens – e três lajeadenses – Pastor Luis, Pastora Nair e Edoarda Scherer, além de acompanhar a rotina de Simon durante um dia.

No terceiro capítulo dessa dissertação, voltaremos a Dorcelly, Erndy e Jeankens para melhor explorarmos como eles buscam conciliar os empregos na fábrica de palmilhas com os esforços em se lançarem como artistas. Voltaremos também a Abdias que de uma maneira um pouco diferente, também demonstra a insatisfação com capacidades pessoais não exploradas e não reconhecidas: quer tornar-se um empreendedor e ter seu próprio negócio. Também no terceiro capítulo sobre os projetos de algumas entidades de Lajeado que se apresentaram como tentativas de acolhida e inserção e em que medida eles foram efetivos. No segundo capítulo, que segue agora, faremos uma retomada da história do Haiti, de sua constituição como país independente aos fluxos migratórios contemporâneos, como forma de contextualizar a emergência e a consolidação da resistência como modo de ser haitiano e embasar a discussão sobre reconhecimento que fechará esse escrito.

Optei por manter os nomes originais das pessoas com as quais interagi e entrevistei. Duas foram as razões. Primeiro, porque, pela parte dos lajeadenses, Edoarda Scherer, o Pastor Luiz e a Pastora Nair são figuras públicas, lideranças locais que frequentemente estão nos jornais, rádios e eventos públicos da cidade. Não teria como falar deles e dos projetos que empreendem sem que fosse possível identifica-los. Em relação aos haitianos, Simon e Abdias também se revelam lideranças conhecidas, ainda mais Simon do que Abdias. Mais principalmente, somando aí também Dorcelly, Erndy e Jeankens, penso que essa dissertação pode além de descrever e contar, ser ela própria um veículo do reconhecimento que almejam. No caso dos rapazes do CSK, foi parte das nossas negociações que eu colocaria os links de sua página e de seus vídeos no meu trabalho, para assim contribuir, nem que seja um pouco, para a divulgação do empreendimento. Nessa forma, não haveria como manter o anonimato.

Além do trabalho de campo e das entrevistas, recorri a diversos materiais, como reportagens jornalísticas dos jornais O Informativo do Vale e A Hora, tanto em suas versões impressas quanto *online*; dois documentários, um feito pelo projeto da Igreja Luterana, outro por estudantes do curso de jornalismo da Univates o qual acompanhei parte das gravações; e dois episódios do programa Castelo Forte da Igreja Luterana, disponíveis no *Youtube*, que versaram sobre as migrações recentes para a região.

CAPÍTULO 2 – DO HAITI A LAJEADO

A existência desse capítulo justifica-se por motivos que vão além da mera contextualização histórica do objeto de pesquisa abordado nessa dissertação. Mesmo considerando o contexto histórico fundamental para a maioria das pesquisas, no caso específico de uma pesquisa que verse sobre o Haiti ou sobre a população haitiana, mesmo que em migração, a presença de um apanhado histórico, ainda que breve, vai ao encontro de efetuar uma tentativa de combater um desconhecimento sobre a história desse país e das pessoas que nele vivem ou que nele nasceram que pode ser nocivo ao contribuir para a permanência de estereótipos, preconceitos e reducionismos históricos.

Um dos meus interlocutores da pesquisa, durante uma entrevista, fez a seguinte afirmação e a seguinte pergunta: “*Os brasileiros, aqueles que conhecem né, falta conhecer os haitianos. É... Porque eles não sabem quem são os haitianos. Por quê?*”. Segundo meu interlocutor, mesmo os brasileiros que conhecem os haitianos – e que são, por isso, importantes agentes nas esferas de interação que se formam a partir dos fluxos migratórios Haiti-Brasil – não conhecem os haitianos. E, então, pergunta o porquê. Trouillot, antropólogo haitiano, chama a atenção para o poder assimétrico existente entre a história como processo e a história como narrativa. Ou seja, há uma disparidade entre a história vivida e a história contada criada a partir de relações de poder e de silenciamentos (TROUILLOT, 1995). A história do Haiti emerge como um exemplo dessa disparidade e desse silenciamento quando, por exemplo, a revolta de negros que desembocou na independência do Haiti da dominação colonial e elevou o país à posição de primeira república independente das Américas e primeira república negra da história mundial, ao mesmo tempo em que abolia a escravidão no país, não receber o merecido destaque nas narrativas historiográficas. Pelo contrário, “o Haiti tem sido retratado somente o lugar onde tragédias acontecem” (COUPEAU, 2008, tradução livre).

Buck-Morss (2011), por exemplo, defende que a Revolução e a Independência haitianas, e as formas pelas quais elas se deram, além de terem tido impactos internacionais, tiveram influência fundamental na maneira como intelectuais do século XVIII pensaram o conceito de liberdade e avaliaram o impacto dos ideais da Revolução Francesa, além disso, a autora tenta efetuar o resgate dessa influência na obra de um dos principais filósofos modernos, Friedrich Hegel. Um segundo exemplo: no Brasil, Joaquim Nabuco, em obra política de 1883²⁰, expressa suas preocupações do Brasil tornar-se um novo Haiti se a abolição da escravidão não fosse pensada a partir do Estado, demonstrando como a política das Américas estava influenciada pelos acontecimentos do país caribenho.

No entanto, a importância desses fatos históricos perdeu-se na passagem da história como processo para a história enquanto narrativa. Segundo Trouillot, esse decurso é derivado de processos de silenciamento, que o autor classifica como encobrimento e banalização, que ou relativizam a importância de acontecimentos como a Revolução Haitiana ou omitem a sua ocorrência (TROUILLOT, 1995). Trata-se, nos termos desse trabalho, de reconhecimento negado. A partir disso, esse capítulo propõe-se a localizar esses fatos, apontando-os, de modo a reinseri-los na narrativa histórica. No entanto, pelos limites desse trabalho e pela complexidade da própria história haitiana, esse resgate só pode ser breve, de sorte que foi necessário estabelecer enfoques para a abordagem, tais como resistência, reconhecimento e migração. No final do capítulo partimos do Haiti para Lajeado para fazermos considerações a cerca da chegada do fluxo migratório haitiano na região a fim de estabelecer os parâmetros necessários à discussão sobre reconhecimento apresentada no terceiro capítulo.

²⁰ NABUCO, Joaquim. **O abolicionismo**. Brasília: Senado Federal, 2003.

2.1 BREVE HISTÓRIA DO HAITI: RESISTÊNCIA, RECONHECIMENTO E MIGRAÇÃO

2.1.1 Colonização

A República do Haiti está localizada na Ilha Hispaniola também conhecida pelos nomes de Ilha de São Domingos ou Ilha de Quisqueya, tal como era chamada pelos habitantes indígenas no período anterior à colonização europeia, significando Grande Terra ou Terra das Montanhas. A ilha é atualmente dividida entre os territórios do Haiti e da República Dominicana. O Haiti ocupa aproximadamente um terço da ilha, em sua posição mais ocidental. Trata-se um pequeno território, de pouco menos de 28.000 km², majoritariamente, por volta de 75%, formado por terreno montanhoso (COUPEAU, 2008). Em 2015, em relatório demográfico das Nações Unidas, a população constituía-se por quase 11 milhões de habitantes (especificamente: 10.911.819), sendo Porto Príncipe, a capital do país, a maior cidade haitiana em número absoluto de habitantes (United Nations, 2016).

Localizada em 1492 por Cristovão Colombo, o Haiti, assim como outros países do Caribe, tem a migração como um dos elementos fundadores de sua população: aproximadamente meio milhão de indígenas denominados Tainos ocupavam a ilha através de uma estrutura social de tribos organizadas ao redor de chefes locais. (GIRARD, 2005). Segundo Coupeau (2008), essa população migrou do continente para a ilha em épocas anteriores a chegada dos europeus. Às populações indígenas e aos europeus que colonizaram a região, somam-se os grandes contingentes de negros trazidos à força da África para trabalhar, principalmente, nas plantações de cana e na produção de açúcar e na mineração (COUPEAU, 2008). Dessa forma, a migração está presente desde os primeiros momentos da história do Haiti da mesma forma em que vai perdurar durante todo o seu curso.

No período anterior à colonização, a região estava dividida por tribos cujos territórios organizavam-se a partir da repartição natural proporcionada

pelos rios que cortam a ilha. Tratava-se de uma região fértil, densa em florestas e recursos naturais (COUPEAU, 2008). O uso de ouro pelos indígenas, somada à fertilidade da terra, chamou a atenção dos colonizadores desde o primeiro contato com a ilha (GIRARD, 2005). A primeira fase da colonização na região foi perpetrada pela Espanha e uma de suas principais características foi a alta mortalidade das populações indígenas, seja pela violência da colonização, seja pelas doenças trazidas pelos colonizadores (COUPEAU, 2008). A população sobrevivente foi forçada a trabalhar em regime de *repartimiento*, um sistema de trabalho forçado supervisionado por espanhóis que obrigava a população indígena a trabalhar na agricultura, na mineração ou na construção de infraestrutura durante um período do ano (COUPEAU, 2008).

A região do Caribe marcou forte presença nas disputas europeias da época da colonização. A Ilha de São Domingos, pela sua centralidade na colonização caribenha e principalmente pela produtividade da exploração originária da região, foi um dos centros dessa disputa (GIRARD, 2005). A presença francesa na região começou com corsários ancorando na ilha de Tortuga e assaltando, com permissão da coroa francesa, navios espanhóis carregados de mercadoria que deixavam a região rumo à Europa. Ao passo que a colonização espanhola da ilha enfraquecia e rumava em direção aos atuais territórios do México e do Panamá, concentrando-se neles, a presença francesa crescia e estabelecia-se (GIRARD, 2005).

A França constituiu um sistema econômico mais estável ao consolidar a agricultura extensiva para exportação como principal atividade econômica. Algodão, anil, café e principalmente cana de açúcar tornaram-se os principais produtos extraídos da região. Com essa nova dinâmica, a demanda por mão de obra cresceu enormemente. O resultado foi o alto crescimento da importação de negros africanos como escravos para a região, caracterizando uma grande onda migratória, forçada, da África para o Haiti. O *Code Noir*, a lei francesa que estipulava formas de tratamento dos escravos, como a proibição de penas capitais e a proibição de separar famílias na hora da venda, foi sumariamente ignorada na colônia (GIRARD, 2005).

Durante a colonização francesa, a Ilha de São Domingos foi considerada a “Pérola das Antilhas” pelas riquezas que a colônia era capaz de proporcionar à metrópole: diversos tipos de madeira, carvão, bauxita, pedras preciosas foram extensamente explorados pelos colonizadores, além do solo fértil para a plantação de açúcar e café. De 1492 a 1804, o regime colonial atendeu os interesses das metrópoles, a Espanha e a França. Na era da colonização francesa, a Ilha de São Domingo era a colônia mais próspera das Antilhas. O regime de produção estabelecido pelos colonizadores foi, como em grande parte da América Latina, o de *plantation* com vistas à exportação para a metrópole colonizadora. A região foi a primeira produtora de açúcar do mundo e, por volta do final do século XVIII, produzia aproximadamente 60% do café exportado para o mundo ocidental (COUPEAU, 2008). Cacau, anil e madeira também constituíam produtos de exportação.

A extração de madeira, tanto da madeira de lei quanto das madeiras para produção de corantes e também para a produção de carvão foi um dos recursos mais explorados do Haiti, da colonização ao século XX, até o ponto da quase exaustão (COUPEAU, 2008). O resultado atual é um país altamente desflorestado e com graves processos de erosão do solo que contribuem para agravar a ocorrência de enchentes, além de contribuir para a instabilidade de rios pequenos. Ambos os processos tornam-se entraves para a produção agrícola de alimentos no país.

A escritora haitiana Marie Vieux-Chauvet faz no conto “Amor”, uma descrição ficcional da extração predatória de madeira, além da ingerência externa norte-americana na extração de outros recursos naturais e suas consequências no agravamento das enchentes no país. Entremeados aos dramas pessoais dos personagens do enredo, a autora apresenta um plano de fundo marcado pela associação de elites políticas e econômicas com o interesse estrangeiro pela exploração das riquezas do país:

Apesar das ruínas, apesar da pobreza, nossa pequena cidade permanece linda. Eu percebo isso de vez em quando, em sobressaltos de consciência. O hábito destrói o prazer. Eu frequentemente passo pelo mar e pelas montanhas que enquadram o horizonte em completa indiferença. No entanto, ainda tendo sido

devastadas pela erosão, as montanhas são dolorosamente lindas. À distância, os ramos secos dos pés de café assumem suaves tons pastéis e a praia é bordada com a espuma do mar. Um cheiro de algas parece subir das profundezas das águas. Pequenos barcos ancorados na costa. Suas velas brancas mancham o mar enquanto o céu mergulha e se mistura na água. Uma vez por semana, nós ouvimos o navio americano soar o apito. O único ancorado agora em nosso porto parte carregado com peixe, café e madeira preciosa. (VIEUX-CHAUVET, 2009, p.8-9, tradução livre).

2.1.2 Revolução Haitiana:

A resistência negra no Haiti data de muito antes da Revolução propriamente dita e pavimentou as rotas para que ela pudesse se consolidar. A geografia montanhosa da ilha favoreceu aos negros que conseguiam fugir das fazendas a estabelecerem redutos protegidos do alcance dos captores. Essas pessoas ficaram conhecidas por *marrons*²¹ e chegaram à marca dos milhares, vivendo em pontos de difícil acesso nas montanhas da região (GIRARD, 2005). Em 1702, a França ordenou uma primeira expedição com o objetivo de desmembrar uma dessas comunidades formadas nas montanhas, em uma localidade chamada Bahoruco. A expedição falhou, assim como aquelas que a seguiram. Essas comunidades permaneceram e cresceram, sobrevivendo de pilhagens de fazendas próximas. Em 1785, a França, assim como os espanhóis que ocupavam as áreas vizinhas, desistiu das tentativas militares de invadir a região e recapturar os fugitivos e assinaram um tratado garantindo a independência dessa população em troca da suspensão das pilhagens das fazendas (GIRARD, 2005). A economia baseada em trabalho escravo, no entanto, persistia.

Um grande capítulo da história da resistência negra no Haiti trata-se das ações de Makandal²² e das lendas que se criaram em torno dele. Makandal era um *marron*, nascido na África, que perdeu um braço no cativeiro em uma plantação de açúcar e que não contente com sua própria libertação através da

²¹ Denominação dada aos escravos fugitivos, sendo *marronnage* a denominação das fugas dos escravos das plantações (Handerson, 2010)

²² Existem diferentes grafias da palavra Makandal. Quando citação direta, mantenho a escrita do autor citado, no mais, uso a grafia utilizada pelo historiador Philip Girard que utilizo para escrever esse capítulo.

fuga, em 1751, traçou um plano para envenenar franceses e aliados. Makandal proclamava possuir poderes mágicos, além da capacidade de se transformar em um mosquito quando necessitava fugir (GIRARD, 2005). O governo francês precisou de sete anos para capturá-lo e, ao condená-lo à fogueira em praça pública. Na presença de uma multidão de escravos levados ao local especialmente para assistir a morte de um líder, entretanto, ele conseguiu libertar-se do fogo. A praça foi evacuada pelas autoridades que conseguiram recapturar Makandal e cumprir sua sentença de morte. No entanto, a efetivação de seu assassinato não impediu que ele virasse um símbolo de resistência, com diversos rumores entre os negros de que ele tinha de fato fugido dos franceses, ainda vivia e esperava por uma oportunidade de ressurgir e acabar de vez com os perpetrantes da escravidão. Quando a cólera assaltou os regimentos franceses, era o espírito de Makandal que os atacava (GIRARD, 2005).

Macandal, o bruxo lendário, havia plantado a semente da insurreição. Desde então, seu espírito viajava com o vento de um extremo a outro da ilha e entrava nos barracões, nas cabanas, nas *ajoupas*, nos depósitos, tentando os escravos com a promessa de liberdade. Adotava forma de serpente, besouro, macaco, arara; consolava com o sussurro da chuva, bradava com o trovão, incitava à rebelião com o vozeirão da tempestade. E os brancos também o presentiam. (...). Os escravos achavam que os mosquitos, causadores daquela mortandade [dos franceses], eram os exércitos de Macandal combatendo os brancos. Macandal, que havia se livrado da fogueira, se transformara num mosquito. Macandal voltara, como havia prometido. (ALLENDE, 2012, p. 121-122).

Os episódios de insurreição cresciam e eram reprimidos pelos regimentos franceses. A partir de 1789, com a Revolução Francesa e sua repercussão em São Domingos, inicia-se o período que efetivamente compreende a Revolução Haitiana que segue até 1804, com a Declaração de Independência (HANDERSON, 2010). Um momento de apogeu dos movimentos de revolta foi a noite de 21 de Agosto de 1791 quando representantes dos escravos da região da planície setentrional da colônia

reuniram-se em Bois Caïman²³. Sair das plantações a noite era proibido, como também o era a reunião de escravos. Os donos das plantações, assim como o governo da ilha estava em alerta. Havia o medo de que os ideais de liberdade da Revolução Francesa estivesse infiltrado entre os escravos, como de fato estava (GIRARD, 2005). Na reunião, seguiu-se um ritual vodu cujas figuras centrais foram Cécile Fatiman, uma *mambo*, denominação dada as mulheres sacerdotisas do vodu, e Dutty Boukman, um sacerdote vodu nascido na Jamaica. Essa noite é considerada o chamado dos escravos à revolta que dará fim a dominação colonial francesa do Haiti, origem à declaração de independência e à abolição da escravidão. Além disso, sobrevive, nos dias de hoje, no imaginário como símbolo de força e resistência. Tanto Isabel Allende quanto Alejo Carpentier, escritora e escritor latino-americanos, retratam em suas obras o momento do estopim da Revolução Haitiana e transmitem, através da literatura, a força do símbolo que esse evento passou a ter, para o Haiti, para a região e para a história mundial. “Assim me contaram. Assim aconteceu em Bois Cayman. Assim está escrito na lenda do lugar que agora chamam Haiti, a primeira república independente dos negros.” (ALLENDE, 2012, p. 166).

Os trovões pareciam romper-se numa avalanche sobre os penhascos quando os representantes dos escravos da Planície do Norte alcançaram a mata cerrada de Bois Caimán, sujos de lodo até a cintura, trêmulos sob as camisas encharcadas. Apesar da escuridão, era garantido que nenhum espião tivesse penetrado na reunião. O aviso havia sido dado à última hora por homens de confiança. Embora se falasse em voz baixa, o rumor da conversação enchia todo o bosque confundindo-se com o constante chiado do aguaceiro caindo na folhagem das árvores. Súbito, uma voz potente alçou-se no meio daquele congresso de sombras. Havia muito de evocação e de salmos naquele discurso cheio de gritos e de inflexões coléricas. Era Bouckman quem falava daquela maneira. Ele deixou cair a chuva sobre as árvores durante alguns segundos, como para esperar por um raio que se lançara no mar. Então, passado o ruído do trovão, declarou que um Pacto havia sido selado entre os iniciados daqui e os grandes Loas da África, para que a guerra fosse iniciada sob os signos propícios. E das aclamações que agora retumbavam em torno brotou a admoção final: O Deus dos brancos ordena o crime. Nossos deuses pedem vingança. Eles guiarão nossos braços e nos darão ajuda. Quebrem a imagem do Deus dos brancos, que têm sede das nossas lágrimas; escutemos dentro de nós mesmos o apelo da liberdade! Os delegados tinham esquecido a chuva que lhes escorria

²³ Existem diferentes grafias das palavras Bois Caïman. Quando citação direta, mantenho a escrita do autor citado, no mais, uso a grafia utilizada pelo historiador Philip Girard que uso para escrever esse capítulo.

pela barba até o ventre, endurecendo o couro dos cinturões. Estourou um alarido em meio à tormenta, junto a Bouckman, uma negra ossuda, de longos membros, dançava fazendo gestos circulares com um facão ritual. O facão penetrou subitamente no ventre de um porco negro, que botou para fora, em três urros, as tripas e os pulmões. Então, chamados pelos nomes de seus amos, já que não tinham mais sobrenome, os delegados desfilaram, um a um, para untarem os lábios com o sangue espumoso do porco, recolhido numa enorme tigela de madeira. Em seguida, caíram de bruços sobre o chão molhado. O estado-maior de sublevação estava formado. (CARPENTIER, 1985, p. 53)

Girard (2005) afirma que muito do que é contado hoje sobre a cerimônia de Bois Caïman pertence mais ao terreno dos mitos do que à história. O que se sabe é que reuniões de escravos aconteceram e, logicamente, as revoltas que levaram a independência também. Mito ou história, no entanto, o universo simbólico criado em torno nos acontecimentos informa como a identidade haitiana moldou-se a partir de signos de resistência. Marques (2015) realça, a partir dessa mesma relação entre história e identidade, o que chama de “espírito de não submissão, não adaptação e não aceitação da lógica e do modelo de dominação impostos” (MARQUES, 2015, p. 44) como algo constitutivo do ser haitiano, em termos bourdianos. A Revolução e a Independência do Haiti estão na gênese dessa constituição. O que vinha consolidando-se desde Makandal e atingiu o ápice com Bois Caïman. Hurbon (1988) explora o caráter político do vodu nesses processos de resistência:

Uma cerimônia vodu, célebre na história do país, representou o engajamento definitivo dos negros na luta pela independência. Nessa ocasião, foi selado pacto de sangue pelo qual os escravos comprometiam-se a exterminar os brancos e a criar uma comunidade autônoma. Além do aparecimento de profetas e heróis que levarão os negros à vitória, em 1804, é preciso, sobretudo, notar que, para os escravos, o vodu significou, desde cedo, linguagem própria, a consciência de sua diferença em relação ao mundo dos senhores, a força que aguçar a sua capacidade de luta. (HURBON, 1988, p. 68, grifo do autor).

A revolta começou no norte, mas logo se espalhou para a parte oeste da ilha. Os números estavam a favor dos revoltosos em uma proporção de vinte para um e a ajuda internacional que os franceses pediram a colônias vizinhas não apareceu, de modo que a resistência dos colonizadores à rebelião dos escravos era frágil (GIRARD, 2005). No entanto, divisões no interior da liderança enfraqueceram, e em certa medida, desvirtuaram os rumos da revolução. Jeannot, Jean-François, Biassou and Boukman eram os quatro líderes. Jean-François sentenciou Jeannot à morte por sua brutalidade e Boukman foi capturado e morto em confronto com os franceses (GIRARD, 2005).

Apesar do motivo inicial da Revolução ter sido a libertação dos escravos, os líderes remanescentes, em dissonância com a grande população de negros que se rebelava, assumiram um alinhamento com a coroa francesa, empunhando insígnias reais. Em Dezembro, Jean-François e Biassou ofereceram um acordo aos franceses que consistia em liberdade e anistia aos líderes dos escravos em troca da paz (GIRARD, 2005). Essa divisão no movimento abriu espaço para a França travar uma aliança com a população de cor livre, os *mulattoes*, que também tinham escravos por propriedade. (GIRARD, 2005). Essa aliança saiu vitoriosa em 1792 e muitos dos escravos voltaram para as plantações ou se esconderam nas montanhas (GIRARD, 2005).

A marcha dos eventos, porém, continuaria. O recrudescimento das tensões na Europa criou uma brecha no poder na colônia. A sentença de morte do rei Luís XVI fez com que as monarquias conservadoras da Europa declarassem guerra à França desviando a atenção do exército francês da contenção das forças revolucionárias na colônia. Além disso, Inglaterra e Espanha ocupando-se do frágil momento francês invadiram São Domingos esperando apropriarem-se dos recursos disponíveis da ilha. O principal agente francês na ilha neste momento era Léger-Félicité Sonthonax. Ao precisar enfrentar, além da resistência escrava, dois poderes estrangeiros, Sonthonax anunciou a emancipação dos escravos em São Domingos. Em 1794, Paris ratificou sua decisão. A esperança era conseguir o suporte da população negra

para enfrentar a invasão da Inglaterra e da Espanha nas terras francesas (GIRARD, 2005). Biassou, Jean-François e Toussaint Louverture, importante figura política em momentos sequentes da história haitiana, no entanto, apoiaram a Espanha. A contenda só resolveu-se em 1798 quando a Inglaterra rendeu-se. Neste momento, a França estava envolta em vários conflitos na Europa. Apenas uma pequena tropa de militares brancos foi deixada na colônia. Seguiu-se uma série de revoltas que ocasionaram a partida desse contingente para a França. O poder militar na colônia, pela primeira vez, ficou na mão de oficiais negros. Toussaint Louverture foi posto no comando (GIRARD, 2005).

Famoso, intrigante e decisivo ele foi. Unidimensional não. Como dois de seus ilustres contemporâneos, George Washington e Napoleão Bonaparte, ele não viu nada de errado em celebrar a liberdade enquanto suportava a escravidão, ou em ser um general que esperava pela paz promovendo a guerra. (GIRARD, 2005, p. 52, tradução livre).

Louverture foi um ator emblemático desse período da história haitiana. Ao passo que muitos dos insurgentes queriam ver assassinados os brancos que os escravizaram, Louverture somente se uniu às revoltas após colocar seu antigo dono, que o havia libertado, e sua família a salvo. Conspirou para adquirir o poder da região, mas não aboliu o trabalho servil (COUPEAU, 2008). Invadiu a parte espanhola da ilha, mas recusou uma oferta de Napoleão em exercer em nome da França hegemonia na região contra os vizinhos anglo-saxões, pelo contrário, assinou acordos secretos com esses (GIRARD, 2005). O resultado foi que dez anos de esforços revolucionários produziram poucas mudanças efetivas para a maioria da população negra que permaneceu trabalhando nas plantações. A diferença foi que os trabalhadores passaram a receber um quarto da colheita por seis dias trabalhados na semana. Além disso, entre os donos de plantações passaram a existir um número de oficiais negros que receberam de Louverture terra e trabalhadores em troca de lealdade (GIRARD, 2005).

Leis nacionais proibiam os haitianos de viajar para fora de suas províncias de nascimento sem autorização de superiores. Agricultores trabalhavam frequentemente sob supervisão de uma guarda militar. O trabalho agrícola foi mantido como uma obrigação. As limitações inerentes a essa forma de liberdade foram apresentados como consequência de assumir a liberdade: trabalho intenso dos trabalhadores que continuaram presos à produção agrícola, rígida disciplina de trabalho; e restrições impostas à liberdade de circulação e à troca. Todas essas restrições foram justificadas no preâmbulo da declaração das “*règlements de culture*” emitida por Toussaint em 12 de outubro de 1800: “a segurança da liberdade demanda isso”. (COUPEAU, 2008, p. 28, tradução livre).

No entanto, as ambições de Louverture começaram a preocupar Napoleão. Ele, por exemplo, proclamou uma constituição para São Domingos à revelia de Paris. Além disso, os donos de terras expulsos de São Domingos exilados em Paris passaram a exercer pressão para uma intervenção militar na ilha. Em 1801, uma grande armada, liderada pelo cunhado de Bonaparte, deixou a França rumo a São Domingos (GIRARD, 2005). Houve duas justificativas para essa ação. À população negra de São Domingos, Napoleão justificou-se dizendo precisar reforçar a guarnição da região. Ao líder da expedição, a ordem era deportar os oficiais negros de relevância, desarmar os soldados negros e restaurar a autoridade francesa (GIRARD, 2005). O confronto foi violento e vitimou a maior parte do exército de Louverture que assinou uma trégua com os franceses, sem deixar de conspirar clandestinamente para reorganizar suas forças e atacar em um momento mais favorável, aplicando táticas de guerrilha e utilizando o clima e o terreno da ilha a seu favor (GIRARD, 2005).

No entanto, Louverture concordou em se encontrar com oficiais franceses. O encontro mostrou-se uma armadilha. Louverture foi capturado e mandado para o exílio em *Fort de Joux*, um castelo francês transformado em forte nas cordilheiras de Jura, onde faleceu em abril de 1803 (GIRARD, 2005). Com o exílio de Louverture, os conflitos tiveram um curto momento de calmaria com os dois principais generais negros, Henri Christophe e Jean-Jacques Dessalines unindo-se aos franceses. No entanto, uma série de relações públicas equivocadas logo minou a posição frágil da França na colônia. Em Maio de 1802, por exemplo, correu o boato de que a França teria restaurado a

escravidão em Guadalupe e que São Domingos seria a próxima colônia atingida pela medida. Além disso, as tropas francesas iniciaram uma campanha de desarmamento, medida que a população negra logo associou como um primeiro passo para a restauração da escravidão (GIRARD, 2005).

No outono de 1802, a insurreição geral estava a caminho e em um momento no qual as tropas francesas encontravam-se fragilizadas com um surto de febre amarela cuja mortalidade entre as tropas francesas era altíssima. O General Leclerc, cunhado de Napoleão e principal autoridade francesa na ilha, morreu da doença em novembro de 1802 (GIRARD, 2005). Além das mortes em massa dos soldados franceses, a França estava novamente em guerra com a Inglaterra nesse período, o que ocasionou um bloqueio das embarcações francesas pelas esquadras inglesas, impedindo que reforços chegassem à ilha para conter as revoltas. General Rochambeau, sucessor do General Leclerc optou, no desespero, pelo caminho da violência incontida sobre os soldados negros e sobre a população negra como um todo (GIRARD, 2005).

No final do ano de 1803, o que restava das tropas francesas estava encurralado entre o exército rebelde por terra e a armada britânica pelo mar e negros e *mulattoes* estavam novamente no poder (GIRARD, 2005). No primeiro dia de 1804, Dessalines proclamou a independência de São Domingos, a primeira república negra da história. Na expressão de Girard (2005), a república dos “escravos negros que derrotaram Napoleão”. Com a declaração da independência, a nação tomou de volta sua denominação ameríndia, Haiti. Dessalines assumiu o governo geral em 1804 e se declarou imperador no ano seguinte (COUPEAU, 2008). Com seu assassinato, em 1806, o Haiti dividiu-se em dois. A porção norte do território passou a ser comandada por Henri Christophe e a porção sul por Alexandre Sabés Pétion. No período que compreende esse período da história haitiana, entre 1804 e 1820, o Haiti vivencia a desestruturação da economia de exportação baseada em *plantation* implementada pelo sistema colonial. Segue a emergência de uma economia agrícola de subsistência (HANDERSON, 2010).

Segue também a desconfiança internacional de potências colonizadoras e países ainda baseados no sistema escravagista de produção agrícola. Ao mesmo tempo em que o Haiti tornou-se um exemplo para os movimentos abolicionistas, tornou-se também o pesadelo para os partidários da manutenção da escravidão. E dentro dos próprios movimentos que articulavam pelo fim da escravidão, o Haiti era visto como um mau exemplo, pois para esses movimentos a escravidão teria de acabar por determinação legal e não através de uma revolução dos negros. Joaquim Nabuco, no Brasil, argumenta em seu panfleto político de 1883, *O abolicionismo*, a necessidade do fim da escravidão ser viabilizada através do Estado a fim de o Brasil não se tornar um novo Haiti. O resultado desse temor foi isolamento internacional em ambas as esferas política e econômica. Por exemplo, aos mercadores haitianos era negada representação oficial nos países com quem estabeleciam comércio (COUPEAU, 2008). Além disso, o reconhecimento do Haiti como um país independente levou décadas para acontecer e, por parte da França, implicou pesadas multas que só puderam ser quitadas em meados do século XX. Logo, o Haiti defrontou-se, em seu momento de germinação de uma nação independente, com uma série de fatores que dificultaram sua consolidação.

2.1.3 Ocupação Norte-americana

As décadas que antecederam a ocupação norte-americana da ilha foram de intensa instabilidade política e governamental. Em paralelo com essa instabilidade, emerge também um processo de separação entre um país “oficial” e um país “não-oficial” (MARQUES, 2013). Ou seja, governos e elites econômicas de um lado, e população de outro. Trouillot (1990) em livro sobre a ditadura Duvalier oferece como argumento central da emergência desse regime o longo processo engendrado durante o século XIX de disjunção entre sociedade política e sociedade civil que produziu desequilíbrios crescentes e cada vez mais acentuados que só foram agravados pela invasão norte-americana no período compreendido entre os anos de 1915 e 1934.

Trouillot (1990) identifica duas tensões, uma economia e outra política para justificar seu argumento. Na esfera econômica, os produtos agrícolas eram cultivados através de meios simples por um campesinato em crescimento que proporcionava a maior parte das exportações do país, tendo o café como principal produto, de forma que o produto das lavouras camponesas estava de um lado do intercâmbio econômico. Do outro, estavam os bens de consumo importados. Os impostos cobrados nas alfândegas e dos camponeses resultavam em ganhos para a burguesia importadora e exportadora. Essa burguesia estava dominada por interesses estrangeiros e desparelhada com os interesses dos produtores locais. Tal dinâmica, com o tempo, significou o esgotamento dos recursos econômicos do país (TROUILLOT, 1990).

Na esfera política o processo de desequilíbrio constituiu-se na medida em que o Estado voltava-se para si mesmo em busca de controle e as elites urbanas ligadas ao estado afastaram a maioria rural da população para a periferia da vida política. O campesinato, dessa forma, mesmo sendo o principal pilar da economia haitiana, foi sendo cada vez mais excluído do Estado (TROUILLOT, 1990). No entanto, havia contrapesos. Estado e nação sustentavam contradições, mas o processo de centralização do estado não era total. Ainda existiam áreas das relações sociais através das quais o poder do Estado era balanceado (TROUILLOT, 1990).

O que a ocupação norte-americana fez foi retirar esses contrapesos e agravar esses processos ao intensificar a irracionalidade econômica, por um lado, ao forçar a contribuição dos camponeses ao estado e à dependência de uma monocultura; além disso, por outro lado, impulsionou ainda mais a centralização do aparato estatal desarmando as províncias, militar e economicamente (TROUILLOT, 1990). Soma-se a isso, quando a crise recrudescer na década de 1950, o exército americano já tinha pavimentado o caminho do totalitarismo (TROUILLOT, 1990).

Ademais, o governo foi tomado pelas forças estrangeiras, um representante da elite, favorável à intervenção norte-americana foi posto e mantido no poder. Uma nova constituição foi aprovada para beneficiar o capital

estrangeiro e instituições financeiras e empresas americanas instalaram-se no país controlando as finanças e o comércio com o recrudescimento do regime de *plantations* orientadas para a exportação, sendo essas propriedades de americanos. Essas *plantations* foram instaladas para a produção de produtos agrícolas de importância estratégica para os Estados Unidos durante a Primeira Guerra Mundial, beneficiando-se dos altos preços do momento (COUPEAU, 2008).

Havia resistência. Por exemplo, Charlemagne Péralte liderou a Revolta do Caco, recusando-se a entregar terras aos comandos militares norte-americanos, mobilizando camponeses e empregando táticas de guerrilha. No entanto, esse movimento restringiu-se ao norte do país. Ao passo que as demais áreas não se engajaram na resistência aos americanos, pelo menos não na forma de uma revolta organizada, esses puderam concentrar todo o poder de repressão na área revoltosa. Nesse momento a resistência também aconteceu pela valorização pela literatura da herança indígena na América Latina juntamente com a cultivação de ideais nacionalistas. No Haiti, esse processo deu-se pela valorização das tradições africanas e pela procura de vozes nacionalistas autênticas em contraposição à ocupação dos Estados Unidos. O escritor haitiano Jacques Roumain foi um articulador da resistência através de um nacionalismo haitiano que exigia a saída dos norte-americanos do país.

Também data da ocupação americana o primeiro grande fluxo migratório de haitianos do país independente. As indústrias americanas de cana de açúcar no Caribe viviam uma escassez de mão de obra que foi suprida por camponeses haitianos em regime de trabalho temporário, em Cuba e na República Dominicana (HANDERSON, 2015). Em Cuba, mesmo com a proibição, em 1928, da entrada de trabalhadores haitianos no país, esse fluxo continuou intenso até 1961, atraído pelos trabalhos nas plantações de café. Na República Dominicana, a característica principal foi a escalada da violência xenofóbica que culminou no assassinato de número desconhecido de migrantes haitianos. Diversas estimativas apontam para um número entre 6.000 e 30.000 haitianos vitimados nesse momento (HANDERSON, 2015).

A influência norte-americana sobrevive ao período da ocupação tanto no que tange ao comércio exterior do Haiti quanto em aspectos culturais. Por exemplo, o Governo de Élie Lescot, de 1941 a 1946, tornou obrigatório o ensino da língua inglesa nas escolas do Haiti e a presença de igrejas protestantes americanas cresceu significativamente no período (HANDERSON, 2015). Assim sendo, o segundo grande fluxo migratório haitiano do período independente relaciona-se com essa influência e os Estados Unidos tornam-se um dos principais destinos da mobilidade haitiana.

2.1.4 Ditadura Duvalier

O período que compreende a ditadura Duvalier é dividido entre dois governantes: François Duvalier, o Papa Doc, e Jean Claude Duvalier, o Baby Doc. De 1957 a 1989, a principal marca desses governos foi a repressão a qualquer oposição através da *Tonton Macoute*, uma força armada de controle pessoal dos Duvalier (HANDERSON, 2015). Para Trouillot (1990), esse período marca o ápice da separação entre Estado e nação no Haiti através da transformação do modelo de autoritarismo político do passado em um aparato totalitário como respostas à crise.

A força policial tornou-se vigilante. Ela monitora todos os nossos passos. Seu representante é o Comandante Calédu, um negro feroz que tem nos aterrorizado por oito anos. Ele detém o poder da vida e da morte sobre nós e ele abusa desse poder. Dois dias depois que ele chegou, fez buscas em quase todas as casas da cidade. Qualquer coisa que poderia servir como arma foi confiscada, inclusive o rifle de caça do Dr. Audier. Acompanhado de policiais para proteger os locais, ele revirou guarda-roupas e gavetas, lábios apertados com ódio. Quantas pessoas ele matou? Quantas desapareceram sem deixar rastros? Quantas morreram em condições indescritíveis? (VIEUX-CHAUVET, 2009, p. 8, tradução livre)

François Duvalier foi eleito em 1957. Em 1964, proclamou uma nova constituição que o tornava presidente vitalício. A organização do governo

constituiu-se sobre um executivo poderoso e personalizado, dominante sobre todas as outras esferas do governo (TROUILLOY, 1990). Com sua morte em 1971, seu filho, Jean-Claude, tornou-se o presidente vitalício do Haiti, mantendo a política totalitária e repressiva do pai. No entanto, a crise acentuou-se durante o segundo governo, com o crescimento da inflação, da corrupção e da polarização econômica que levaram a queda de Jean-Claude em 1986. Duas foram as principais consequências da ditadura Duvalier no Haiti: por um lado, a repressão política generalizada; de outro, a degradação das condições de vida da população (HANDERSON, 2015).

Em função disso, nesse período, a mobilidade haitiana teve novos incentivos e cresceu em proporção. Muitos profissionais e intelectuais haitianos partiram do país rumo aos Estados Unidos, Canadá, França e diversos outros países francófonos (HANDERSON, 2015). No conto *Madness*, Marie Vieux-Chauvet retrata através de seus personagens – quatro poetas perseguidos pela repressão – as arbitrariedades da ditadura que fez com que várias pessoas tivessem que sair do país. É desse momento o fenômeno do *boat people*, como ficaram conhecidas as pessoas que tentavam chegar à costa norte-americana em barcos. Muitas foram os naufrágios devido à precariedade das embarcações e às ações repressivas das autoridades americanas (HANDERSON, 2015).

Eu tranquei a porta da frente e fiz uma barricada com a velha cômoda apodrecida de cupins, quatro cadeiras de vime, uma pequena mesa de pinho e o baú onde guardo meus livros e pedaços de papel. Eu faço tudo isso, e ainda sim, por meio de uma dissociação peculiar, eu vou calmamente até onde eu ouço os gritos, onde eu sei que os diabos estão cometendo assassinatos. Eu evito o perigo enquanto me acuso de covardia, com repugnância da minha própria reação. No baú, há alguns poemas, não publicados, meus poemas sobre os diabos e o inferno. O suficiente para me encherem de chumbo sem hesitação. (VIEUX-CHAUVET, 2009, p. 290, tradução livre).

A primeira metade da década de 1980 foi marcada, no Haiti, por protestos e revoltas nas províncias de seguimentos da população que ofereciam resistência ao regime ditatorial dos Duvalier. Os protestos tomaram a

forma de manifestações de rua e ataques a armazéns de distribuição de alimentos (BARBOSA, 2015). O agravamento das tensões fez com governo norte-americano de Ronald Reagan retirasse o apoio a Jean-Claude Duvalier, enfraquecendo ainda mais o regime já instável. Após nomear um Conselho Nacional de Governo Civil, Duvalier abandonou o país com a esposa (BARBOSA, 2015).

2.1.5 Regime *Lavalas*

À ditadura Duvalier, seguiu a eleição do presidente Jean Bertrand Aristide e um período de esperança em novos rumos políticos democráticos para o país através de um projeto popular reformista e o apoio das massas urbanas e rurais ao novo governo (HANDERSON, 2010). No entanto, a instabilidade política permaneceu e um golpe militar depôs o presidente Aristide em 1991. Em 1994, sanções da ONU e ocupação militar no Haiti pelos Estados Unidos, permitiram o retorno de Aristide à presidência (HANDERSON, 2010). Em 1995, novas eleições nacionais elegeram René Préval, membro do partido *Lavalas*, de Aristide, à presidência. Em 2000, Aristide voltou ao poder por eleição. Essa, no entanto, foi contestada pela oposição que alegou fraudes.

A fim de celebrar o bicentenário do país em 2004, Aristide pediu à França para devolver o dinheiro da indenização que o Presidente Jean Pierre Boyer havia pago para reconhecer a independência do país. A França se negou a fazê-lo, incentivou os universitários haitianos e a classe média a levantar-se contra Aristide. Em 2003, seu crescente descrédito ensejou dois movimentos mobilizados em um mesmo sentido, mas com objetivos opostos. De um lado, segmentos do muito frágil movimento social haitiano mobilizaram-se pela deposição de Aristide, esperando que ela abrisse caminho para o saneamento social, político e moral do país. De outro, grupos do exército haitiano, dissolvido por Aristide em 1994, invadiram o Haiti desde a República Dominicana, para depor o presidente e impor um governo autoritário. A saída de Aristide foi promovida pelos Estados Unidos por ação do General Collin Powell. Segundo Aristide, ocorria, naquele momento no Haiti, um golpe contra o Estado haitiano legitimado pelas forças internacionais. De acordo com Aristide, em entrevista concedida pelos meios de comunicação, ele foi forçado a

subir em um avião e desde aquele momento se encontra na África do Sul. (HANDERSON, 2010, p. 59-60).

Nesse período, teve início o terceiro fluxo de mobilidade haitiana para o exterior com dezenas de milhares de pessoas deixando o Haiti para países como a República Dominicana, Cuba, Estados Unidos, Guiana Francesa e Bahamas no enlace da deposição de Aristide, com o recrudescimento do fenômeno dos *boat people* (HANDERSON, 2015).

2.1.6 Ocupação da ONU – MINUSTAH

Com a segunda deposição de Aristide, iniciou-se a ocupação da força militar multinacional atuante sob a bandeira da ONU no Haiti. Com o objetivo de fortalecer as instituições democráticas do país e controlar os conflitos internos. Conhecida por MINUSTAH, a Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti foi criada por resolução do Conselho de Segurança da ONU em fevereiro de 2004, com a participação de quinze países sob o comando do exército brasileiro. A atuação da MINUSTAH no Haiti é alvo de uma série de críticas, tanto da população quanto de estudiosos da operação. Sendo uma das principais críticas, o fato de não haver articulação das forças estrangeiras com a sociedade civil o que reproduz ações políticas de “cima para baixo” que não possuem legitimidade e reconhecimento da população (THOMAS, 2010, 2011, 2011b), além de uma série de arbitrariedades do trato com a população.

2.1.7 Terremoto de 2010

Em 12 de janeiro de 2010, por volta das 16 horas e 53 minutos, um terremoto de grande escala assolou o Haiti. A região mais afetada foi Porto

Príncipe e seus arredores. As consequências da tragédia foram muitas. Primeiramente em vidas humanas. Mas também pelo fato de que a região mais afetada foi não só a região mais populosa do país, como também a que mais concentra a infraestrutura econômica e política do Haiti, que ficou praticamente destruída. Seguiu-se uma grave crise social de falta de alimentos, remédios e assistência para as pessoas atingidas pelo terremoto, agravando ainda mais as mazelas sociais do país (BARBOSA, 2015). Uma grande onda migratória seguiu a catástrofe. Duas foram as direções da mobilidade haitiana a partir de 2010. Uma dirigiu-se ao interior do país, rumo às regiões rurais. Outra se dirigiu ao exterior em rotas já consolidadas e rotas novas, apresentando novas dinâmicas migratórias dessa população (HANDERSON, 2015).

Diante dos diversos tipos de insegurança: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, incluindo a área da saúde e do saneamento básico, todas elas em decorrência do quadro empobrecido e precário do Haiti, agravado pela tragédia provocada pelo terremoto de janeiro do referido ano, a mobilidade haitiana ganhou especial significância, volume e crescimento de novos sujeitos e circuitos no espaço migratório internacional. (HANDERSON, 2015, p. 73)

Trata-se de um quarto registro dessa mobilidade histórica. Um dos novos circuitos, observado ainda no ano de 2010, foi a entrada de haitianos no Brasil, um país que ainda não tinha constado nos registros de países de destino dessa população, pelo menos não em grandes números.

2.1.8 Transmigração

A longa trajetória e as diversas facetas da mobilidade humana haitiana são características de todas as fases do desenvolvimento do país, do período colonial ao século XXI, com a intensificação dos fluxos como resposta às transformações internas, de conotações político-econômicas. Handerson (2015) demonstra como a mobilidade está na perspectiva e na vida de grande

parte da população, sendo difícil encontrar no Haiti uma família que não possua um ou mais parentes no exterior, de modo que a migração apresenta-se como um universo simbólico, político e social que mobiliza significados, relações entre pessoas e países, de modo que a compreensão do empreendimento do deslocamento dos haitianos, no período posterior a 2010, para o exterior carece de profundidade e significação se concebido meramente como causa do fenômeno terremoto.

Algumas expressões marcam o mundo social haitiano: “Tenho de viajar um dia para *peyi etranje*”, “Desde que nasci, meu sonho era partir um dia”, “Antes de morrer com certeza vou partir”. Durante a pesquisa de campo no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa, notadamente no Haiti, era comum ouvir estas declarações vindas dos interlocutores. “Tenho que... um dia”, “Desde que nasci...”, “Antes de morrer...”, esses três verbos nascer, ter e morrer descrevem como a mobilidade se constitui numa “obrigação”, como “algo predestinado” e num “sonho” a ser realizado. Não seria um exagero dizer que o sonho da maioria da população é *pati* (partir) ou *vwayaje* (viajar) ou afirmar que seria quase impossível encontrar uma casa no Haiti da qual não há um membro dela no exterior, as casas e as redes familiares geralmente têm, no mínimo, alguém no *peyi etranje* (país estrangeiro). (HANDERSON, 2015, p. 67).

Glick-Schiller e Fouron (1997) definem a mobilidade haitiana como transnacionais, sendo os próprios migrantes, na verdade, transmigrantes. Essa classificação deve-se à multiplicidade dos vetores que agem sobre um indivíduo ligado a diversas localidades e espaços transnacionais. Trata-se de um processo de identificação múltipla dos indivíduos, tanto com a sociedade de origem, quanto com a sociedade de destino, e, às vezes, com a sociedade ou sociedades de trânsito. São mantidas linhas de comunicação simultâneas com mais de uma nação.

Nós definimos transnacionalismo como o processo pelo qual os imigrantes constroem campos sociais conectados entre o país de origem e o país de assentamento. Os imigrantes que constroem esses campos sociais são chamados “transmigrantes”. Transmigrantes desenvolvem e mantêm relações múltiplas – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas

que transpõem fronteiras. Transmigrantes agem, tomam decisões e possuem preocupações e desenvolvem identidades através dessas redes sociais que os conectam a duas ou mais sociedades simultaneamente. (BASCH, GLICK-SCHILLER, BLANC-SZANTON, 1992 p. 2, tradução livre).

Uma implicação desses processos de transmigração é a emergência de estados-nação transnacionais característicos por formas de políticas públicas que transbordam fronteiras territoriais e estão apoiados em relações sociais transnacionais dos migrantes, descendentes de migrantes e redes de familiares e parentescos no Haiti e em diversos outros países (Glick-Schiller, Fouron, 1997). Trata-se de estados exportadores de emigrantes que baseiam concepções de nacionalidade e identidade a partir da descendência, muito mais do que pelo compartilhamento de uma língua ou de um território. Estabelecem-se relações de direito e responsabilidade entre populações residentes em diversos países que não aquele no cerne e na origem de relações de pertencimento (Glick-Schiller, Fouron, 1997). Para esses autores, o Haiti é um exemplo desses estados-nação transnacionais, ao apresentar grandes contingentes de migrantes e descendentes de migrantes haitianos em diversos países que mantêm laços de nacionalidade e identidade com o Haiti, influenciando decisões políticas internas.

2.2 HAITIANOS E HAITIANAS NO BRASIL, NO VALE DO TAQUARI E EM LAJEADO

O fluxo migratório Haiti-Brasil começou por volta de fevereiro e março de 2010. Handerson (2015) faz o registro do primeiro grupo, composto por oito haitianos e quatro haitianas, a entrar por Tabatinga, cidade amazonense na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Rosa (2014) expõe, por sua vez, os registros que demonstram que paralelamente a essa, outra rota de entrada constituía-se pelo Mato Grosso do Sul a partir da fronteira com a Bolívia. Neste momento, os procedimentos burocráticos envolviam a solicitação do protocolo

de requerimento de refúgio, documento que legaliza a permanência dos solicitantes em território nacional enquanto aguardam o julgo do Conselho Nacional para Refugiados (CONARE) acerca da ratificação ou não do *status* de refugiado para esses requerentes. A princípio, de fevereiro de 2010 a maio deste mesmo ano, a regularização no país era feita por essa via, a partir do protocolo de refúgio solicitado junto a Polícia Federal. Em maio de 2010, no entanto, o CONARE, órgão ligado ao Ministério do Trabalho, emitiu um entendimento de que os haitianos e as haitianas não poderiam ser considerados refugiados, segundo a leitura do órgão da Convenção de Genebra de 1951 da qual o Brasil é signatário. No dia 10 de janeiro de 2012, foi publicada a Resolução Normativa 97, pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), devido à necessidade de resposta do governo brasileiro à demanda de regularização que se apresentou a partir desse fluxo migratório. A partir desse momento, os haitianos que quisessem entrar ou permanecer em território brasileiro deveriam solicitar o visto humanitário.

Apesar de o Haiti vivenciar uma longa história de diáspora e a situação posterior ao terremoto ter agravado as condições socioeconômicas de parte significativa do país, intensificando os fluxos migratórios de origem haitiana, a vinda para o Brasil constitui-se em fato novo na história dos dois países. Fernandes e Faria (2016) compilam algumas das possíveis razões para essa mudança, apoiados em diversos estudos sobre os fluxos contemporâneos sobre a migração haitiana. Dentre eles, as mudanças nas legislações migratórias de diversos países, principalmente os desenvolvidos, no período decorrente do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos; a presença de tropas brasileiras no Haiti; as redes de tráfico atuantes no país; e o boato de que o Brasil estaria “aberto” à imigração. Handerson (2015) apresenta relatos os quais demonstram, inclusive, que o Brasil não era o destino almejado por parcela da população que aqui aportou inicialmente. Para esses, o Brasil representava uma etapa em uma jornada mais longa, rumo a outros lugares, como a Guiana Francesa e, a partir daí, a Europa.

Apesar de novas, as rotas – sejam as iniciais, sejam as que se constituíram após essas – que ligaram o Haiti ao Brasil, a partir de 2010

FIGURA 7 – Localização do Vale do Taquari em relação ao Brasil e ao Rio Grande do Sul.
Fonte: <http://www.cicvaledotaquari.com.br/cic-vt/o-vale-do-taquari/#prettyPhoto/0/>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

Apesar dos trabalhos acadêmicos a que tive acesso relatarem que o primeiro grupo de haitianos trazidos por empresas à região do Vale do Taquari foi alocado em Encantado (Barbosa, 2015; Mejía *et al*, 2014), encontrei uma matéria do jornal O Informativo do Vale, principal jornal impresso e *online* da região do Vale do Taquari que registra, no dia 27 de junho de 2012, a presença de 14 homens haitianos em Lajeado em matéria intitulada “Haitianos viram pedreiros na cidade”. Esse documento coloca a migração haitiana para a região acontecendo primeiro em Lajeado, aproximadamente três meses e meio antes da experiência de Encantado. Segundo a reportagem, essas pessoas estavam na cidade há três semanas no momento da publicação e foram trazidas pela Construtora Zagonel para trabalhar em duas grandes construções em andamento. O texto relata que o proprietário da construtora entrou em contato com a paróquia de Manaus e arranhou a vinda dessas pessoas por avião à região. Descreve, ainda, como essas contratações serviram para suprir, em certa medida, uma escassez de trabalhadores do ramo, vivenciada já há vários anos. Essa dificuldade de empresas de determinados setores, como a construção civil e a indústria de alimentos, está no cerne da ramificação do fluxo de haitianos pelo território nacional ao passo que empresas das regiões Sul e Sudeste trouxeram os primeiros grupos de haitianos, que estavam concentrados no Norte do país, para diversas localidades.

Barbosa (2015) registra que a chegada em Encantado do primeiro grupo de migrantes haitianos a esta cidade composto por 50 homens, em 12 de outubro de 2012, aconteceu também nesses moldes. Os primeiros grupos de haitianos que chegaram foram trazidos à cidade pela empresa Dália Alimentos para trabalharem em suas plantas produtivas. A partir de 2013, verificou-se um fluxo consolidado da população haitiana para a região do Vale do Taquari, verificável até o momento e presente nas cidades de Lajeado, Estrela, Encantado, Arroio do Meio. A cidade de Lajeado, foco desse estudo, também recebe outras populações e famílias migrantes. Descontando o fluxo haitiano, a

maior incidência verifica-se na chegada dos senegaleses, mas pessoas de Gana, Bangladesh, Cuba, Nigéria, Benin, Índia e Afeganistão também residem na cidade, em menor número (Mejía, Simon, 2015). Os principais postos de trabalho disponíveis a essas populações localizam-se nos diversos setores da indústria de alimentos do município e na construção civil. Além disso, verifica-se também o emprego em supermercados e em empresas de limpeza de vias públicas, como trabalhadores terceirizados, por exemplo. Algumas mulheres encontram-se empregadas como trabalhadoras domésticas e cuidadoras de idosos.

Pertence, inclusive, ao senso comum a percepção de que certas localidades do Rio Grande do Sul – dentre elas o Vale do Taquari, região onde se localiza Lajeado –, formadas a partir das migrações históricas, italianas e alemãs, possuem estabelecidas em si a constituição de um imaginário a cerca das migrações que as formaram. As migrações históricas, principalmente a italiana²⁴ e a alemã²⁵, passaram por processos de valorização das trajetórias migratórias e afirmação de identidade étnica que constituíram nesses dois grupos uma posituação dos migrantes históricos. O historiador Cristiano Nicolini versa sobre isso em artigo no qual demonstra o processo de constituição do Vale do Taquari²⁶. Nicolini discorre sobre a escassez de material historiográfico sobre a região. Segundo o autor, o material (livros,

²⁴ Um exemplo de trabalho que evidencia esse processo no caso da imigração italiana no Rio Grande do Sul: MOCELLIN, Maria Clara. **Trajetórias em Rede: representações da italianidade entre empresários e intelectuais da região de Caxias do Sul**. Programa de Pós-Graduação – Doutorado em Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, 2008 [Tese de Doutorado]

²⁵ Um exemplo de trabalho que evidencia esse processo no caso da imigração alemã no Rio Grande do Sul: BALLER, Gisele Inês. **Espaços de memória e construção de identidades: estudo de dois casos na região de colonização alemã no RS**. Programa de Pós-Graduação – Mestrado em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008 [Dissertação de Mestrado]

²⁶ “Inicialmente formado por poucos municípios, o Vale do Taquari, cuja denominação veio a ser dada mais tarde, com a definição das diferentes áreas do estado, foi se expandindo e dando origem aos atuais quarenta municípios que integram política e geograficamente as áreas circundantes do extenso Rio Taquari. Na metade sul desta região, concentram-se municípios onde a colonização alemã fez-se mais intensa, a partir das Colônias de Estrela e Teutônia, das quais irradiou-se a ocupação de outras instâncias do Vale. Já a imigração italiana predominou na porção norte, cujos municípios estavam mais próximos da região serrana, foco central de assentamento destes imigrantes. Na parte central, percebe-se atualmente a existência de municípios onde as duas etnias se encontram de forma marcadamente mista, como, por exemplo, em Imigrante, cuja população descende significativamente tanto de italianos quanto de alemães.” (Nicolini, 2007, p. 2).

folders, calendários, guias turísticos, revistas, adesivos, cartões-postais, etc.) disponível provém de iniciativas particulares, de prefeituras ou de empresas que visam resgatar o passado em torno de personagens e trajetórias idealizadas, centradas ao redor de italianos e alemães como trabalhadores e empreendedores responsáveis pelo desenvolvimento da região.

Juntamente à publicação destes livros que divulgam a história local e enaltecem a cultura ítalo-germânica, são veiculados materiais que colaboram para a perpetuação da imagem construída para o Vale do Taquari: nas escolas, as crianças da terceira série do Ensino Fundamental, ao estudarem a história dos municípios, prevista na maioria dos currículos das escolas públicas e privadas da região, utilizam materiais disponibilizados pelas administrações municipais, através das secretarias de educação, cultura e turismo. A maioria dos quarenta municípios da região não conta com materiais específicos para a realização desses estudos, sendo que os professores buscam informações nas referidas obras “historiográficas” ou então em outras fontes que contenham informações passíveis de subsidiarem o ensino deste tema; no entanto, algumas administrações investiram na publicação de obras especificamente direcionadas ao público infantil, apresentando-lhes textos, imagens e atividades pedagógicas destinadas à compreensão da sua própria história, a partir da trajetória municipal. Nestes manuais, novamente emerge o personagem imigrante como figura de destaque na construção da história local, ao qual são atribuídas qualidades singulares e o mérito de contribuir decisivamente para o desenvolvimento regional. (NICOLINI, 2007, p. 3).

Andar pelas ruas de Lajeado, é vivenciar esse passado – idealizado e simbolicamente reconstruído – no presente em forma de nome de ruas e de comércios nos quais os sobrenomes alemães e italianos cristalizam e expõem aos transeuntes imagens de migrações bem-sucedidas, de modo que ser um imigrante – alemão ou italiano – é, na região, fonte de orgulho e pertencimento. A narração idealizada dessas histórias produz um discurso, uma imagem e um universo simbólico do imigrante – alemão e italiano – que se localiza na ascendência das famílias que se perpetuaram pela região e da própria região em última instância:

(...) os personagens do presente recorrem ao passado (...) para afirmar uma determinada identidade do Vale do Taquari, cuja base constitui-se da cultura ítalo-germânica associada aos valores considerados positivos e geradores da prosperidade. Seleciona-se um passado idealizado para justificar o presente e planejar o futuro da região. (NICOLINI, 2007, p. 4).

Ao mesmo tempo, acompanhamos de forma, mais ou menos generalizada as migrações contemporâneas serem tratadas, por governos, mídias e populações, sobre o signo do medo, da desconfiança e da rejeição. Na impossibilidade de ignorarmos o global na análise do regional e do local, os discursos internacionais e nacionais a respeito dos fluxos migratórios recentes influenciam a formação de opinião das populações que, localmente, recebem esses fluxos. O tratamento da mídia, nacional e regional, ajudou a pavimentar a recepção da população brasileira a cerca das pessoas que aqui começaram a chegar. Silva, Magalhães e Assis (2016) analisam um período de cinco anos, de 2010 a 2015, das reportagens veiculadas no jornal A Folha de S. Paulo, a partir da palavra chave “haitianos”. A Folha de S. Paulo é jornal diário impresso de maior circulação nacional cujas reportagens e materiais são frequentemente replicados em outros jornal e veículos de comunicação. Os pesquisadores expõem que das 389 matérias encontradas a partir do termo, 108 concernem ao processo migratório²⁷. Os resultados oriundos da análise dessas peças jornalísticas apontam que o tema teve importância destacada para o jornal no período analisado:

De forma coerente, a posição e o tamanho das matérias denota importância concedida ao tema, destacando-se matérias longas e em posições privilegiadas. Em relação às colunas, 68,5% das matérias ocupam 5 ou 6 colunas (que é o total da largura padrão do jornal), 30,56% estão situadas na metade superior e 39,81% ocupam uma ou mais páginas inteiras. Além disso, no período de cinco anos, quatro cadernos especiais foram publicados, com reportagens que tiveram quatro ou mais páginas dedicadas ao assunto. Ainda sobre as opções de edição, 48,15% têm chamada de destaque na capa ou são manchetes do caderno em que estão inseridas. (SILVA, MAGALHÃES e ASSIS, 2016, p. 645).

Na análise qualitativa, os resultados apontam que aproximadamente 70% das matérias não apresentam ao leitor a contextualização do processo migratório. Ou seja, não são efetivas em explicar a mobilidade das pessoas consideradas em função das razões e dos motivos que as levaram a partir de

²⁷ As demais matérias referem-se ao terremoto de 2010, as resoluções jurídicas referentes à população em migração, aos processos de recrutamento e dispersão dessas pessoas no território e à inserção social e laboral (Silva, Magalhães e Assis, 2016).

seu país de origem, nem narram as condições desse país de forma a explicar o fluxo; 71,3% dos temas abordados por essas peças jornalísticas possuem abordagem negativa nas manchetes, enquanto que em metade delas não apresentam nenhum ator vinculado à ação positiva (Silva, Magalhães e Assis (2016). Além disso, os autores evidenciam o uso dos termos “ilegal”, “invasor” ou “invasão haitiana”:

O termo “ilegal” é utilizado de forma reiterada, inclusive nas manchetes e chamadas das matérias. Um claro exemplo é a reportagem “Sul do país tem onda da imigração ilegal”. A criminalização sugerida pelo termo “ilegal” é reforçada por suspeitas não checadas e sequer contextualizadas e explicadas, como se percebe na passagem “também há suspeitas de que os estrangeiros venham ao país para se juntar a grupos criminosos” (Folha de S. Paulo, 30 de julho de 2012, Cotidiano, C2).

Também observamos a utilização do termo “invasor” ou “invasão haitiana” por duas influentes colunas de opinião, denotando uma situação de irregularidade e ameaça aos brasileiros. (SILVA, MAGALHÃES e ASSIS, 2016, p. 648).

No jornal O Informativo do Vale, também verifiquei o uso do termo “ilegal” e suas variações como na manchete da matéria replicada da Agência Brasil, veiculada *online* em 10 de setembro de 2012 intitulada “Quadruplica número de haitianos que entram ilegalmente no Brasil”. Na mesma matéria, a aglomeração de pessoas na fronteira do Acre é tratada como “problema”, além de replicar a fala de um representante do governo do Acre em Brasília dizendo que o governo do Peru decidiu “expulsar” os haitianos. Em matéria não assinada e intitulada “Haitianos chegam para trabalhar no Vale do Taquari, veiculada *online* no dia 16 de outubro de 2012, a linha de apoio que segue o título, localizada antes do texto da matéria é “Grupo de 50 haitianos que estavam em Brasileia, no Acre, depois de fugirem do seu país, irão trabalhar na Dália Alimentos”. A colocação do fluxo migratório como ilegal e como fuga demonstra-se problemática e revela-se uma das principais queixas dos haitianos a respeito da representação deles pelos brasileiros e uma das lutas por reconhecimento que empreendem para desestigmatizar a migração da ótica da fuga e da ilegalidade. No próximo capítulo, trataremos disso.

CAPÍTULO III – RECONHECIMENTO

3.1 SOBRE A FORMAÇÃO DO ESTEREÓTIPO DO MIGRANTE HAITIANO

Os primeiros migrantes haitianos que chegaram em Lajeado e na região do Vale, ali chegaram a partir do interesse de empresas locais em trazê-los para trabalhar em suas plantas produtivas. Como acontece com grande parte dos fluxos migratórios, uma vez iniciados, eles se retroalimentam a partir das redes formadas pelos próprios migrantes, de forma independente dos agentes iniciais, neste caso, as empresas de construção civil e produção de alimentos. A migração haitiana para o Vale do Taquari, rapidamente tornou-se um fluxo independente e dinâmico, de grande fluidez entre as pessoas dessa nacionalidade que chegam e que partem. A presença dessa população mudou o talhe de certas áreas da cidade de Lajeado e foi sentida desde a sua chegada.

Diehl (2017) trata, em sua dissertação, dos processos de racialização e estigmatização dos haitianos em Lajeado. Partindo da perspectiva de que os estabelecidos, ao tomarem ciência da presença dos haitianos, um grupo étnico estrangeiro, experienciaram um processo de estranhamento. “O outro – representado na figura do imigrante – é visto como um estranho, aquele que representa uma possível ameaça ao que até então era estabelecido no cotidiano.” (DIEHL, 2017, p. 119). O autor segue relatando como esses processos de racialização e estigmatização oriundos do encontro interétnico criaram uma imagem do haitiano em Lajeado. Primeiramente, a imagem do Haiti como país pobre, terra de desordem e caos foi associada aos migrantes haitianos presentes na região, visto como possíveis agentes do atraso e, logo, um risco para a região. (DIEHL, 2017).

Deve-se compreender que em regiões do estado do Rio Grande do Sul como Lajeado e todo o Vale do Taquari, por existir uma forte presença da colonização europeia, alguns elementos étnico-raciais ainda são presentes em conversas informais, por isso, as pessoas ainda levam em consideração a etnia de cada indivíduo da cidade, buscam saber o seu sobrenome para classificar em uma escala

simbólica de valor, pois o sobrenome atribui valor ao indivíduo, além é claro do fato de as pessoas mais velhas (ou de cidades menores do Vale) possuírem o hábito de falar mais o alemão e italiano do que o português, inclusive alguns idosos não falam muito português. (DIEHL, 2017, p. 123-124).

Além da associação a esta imagem do Haiti, também a população lajeadense efetuou, em um primeiro momento, uma transferência aos haitianos da imagem que mantém a cerca da população negra residente na região (DIEHL, 2017), de modo que a constituição das relações raciais no Brasil consiste em favor imprescindível para compreender as imagens criadas sobre os haitianos dado o racismo pungente que permeia as relações sociais brasileiras. De forma que o estigma da preguiça, da vagabundagem e do mau cheiro, por exemplo, foi transferido aos haitianos (DIEHL, 2017).

Entre os estigmas mais presentes que a população estabelecida alega que os haitianos tenham inerentes é de que a sua cultura é inferior que a dos cidadãos da cidade e que a presença destes imigrantes vai trazer um atraso para a região, assim como eles possuem uma má higiene, muitos estabelecidos reclamam do suposto odor que eles exalam, há também muito presente a reclamação de que eles são barulhentos, que eles aparentam estar brigando o tempo todo enquanto falam, além é claro da desconfiança de que eles podem ser na verdade terroristas disfarçados. (DIEHL, 2017, p. 137).

No entanto, o autor continua sua explanação afirmando que logo após a chegada, os haitianos começaram a se distinguir dos negros brasileiros pelo trabalho: “os estabelecidos enaltecem o lado trabalhador dos haitianos, mas, esperam que os mesmos sejam apenas trabalhadores” (DIEHL, 2017, p. 137). Isso vai ao encontro das formulações de Sayad (1998, p. 54) sobre a condição de imigração: “Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. O trabalho, então, valora e justifica a presença dessas pessoas na região, fornece à presença da migração haitiana uma razão de ser, um propósito aceito pelos estabelecidos.

Esses processos deram-se, no entanto, em uma esfera de não-interação entre estabelecidos e migrantes. Diehl (2017) revela o poder das fofocas, das rodas de conversas e dos encontros informais entre os estabelecidos na

transmissão e consolidação dessas imagens, de maneira à parte da realidade dos migrantes que se estabeleceram na região. Conforme relata a então secretária da STHAS, Ana Reckziegel, secretária da STHAS de 2014 a 2016, em entrevista ao programa da Igreja Luterana, Castelo Forte, em 11 de março de 2014, só se pode mapear ações de atenção, acolhida e integração a partir de 2014, aproximadamente um ano e meio depois do registro da chegada dos primeiros migrantes haitianos na cidade, em junho de 2012. Esse envolvimento começou a partir de uma enchente que afetou Lajeado no final do ano de 2013, na qual, entre as pessoas afetadas e que tiveram que ser removidas temporariamente das áreas de risco, estavam vários haitianos. Também a preocupação da Igreja Luterana começou no mesmo período, por ocasião da realização desse programa. Foram, no entanto, ações pontuais.

Foi após essa enchente que a realidade da migração haitiana na região começou a ser considerada a partir dela mesma e uma série de ações de acolhida começou a ocorrer por parte do poder público de um lado, e por entidades religiosas, de outro. Por ações iniciais, pude mapear, por parte do poder público, a ocorrência em 05 de julho de 2014 o 1º Encontro de Haitianos no parque Professor Theobaldo Dick, iniciativa da Secretaria de Esporte e Lazer, da Secretaria de Saúde e da Secretaria de Trabalho, Habitação e Assistência Social. Por parte da Igreja Luterana, ocorreram duas entrevistas com Renel Simon, uma em 11 de março de 2014, outra em 19 de maio de 2015 com o objetivo de informar a congregação sobre a realidade das migrações recentes para Lajeado. Em 01 de novembro de 2015, Renel Simon foi convidado a participar de um culto no qual as ofertas dos presentes foram entregues a ele para a distribuição de alimentos entre os migrantes que necessitassem. Também durante esse período, o brechó da igreja disponibilizou seus produtos a preços módicos à população haitiana residente na cidade.

3.2 UM HAITIANO NA PREFEITURA

A exceção a essas ações pontuais, que se consolidou como uma política mais efetiva e acolhida por parte do poder público de Lajeado, foi a colocação de Simon na Secretaria de Trabalho, Habitação e Assistência Social. O papel que Simon desempenha perante o grupo é bem conhecido. Antes de qualquer grupo civil mobilizar-se para prestar qualquer tipo de acolhida, Simon já tinha tomado a iniciativa de buscar um espaço, que conseguiu junto a Casa de Cultura de Lajeado, para ensinar português aos seus conterrâneos. Sua colocação no CRAS foi fruto desse engajamento pessoal. No momento da enchente que desabrigou vários haitianos, Simon despontou como liderança, reconhecida por Ana Reckziegel, secretária da STHAS, a partir de sua contratação.

Também o Pastor Luís Henrique Sievers descreve o protagonismo de Simon. No momento em que os membros da sua igreja propuseram-se a pensar um projeto de integração, apenas em 2015 – três anos após a região despontar como destino para esse fluxo migratório –, eles já reconheciam o papel desempenhado por Simon na cidade como ficará evidente na descrição sobre a origem do projeto, na próxima seção.

3.3 UMA DEMANDA “DE CIMA”

A gênese do projeto da Igreja Luterana com os migrantes aconteceu a partir de demandas de instâncias superiores das instituições envolvidas. Segundo Edoarda, presidente da Pastoral Universitária Ecumênica (PASUNE), e, na época retratada, facilitadora nacional da Rede Ecumênica da Juventude (REJU), em 2014, foi levantada, no Fórum Ecumênico do Brasil, a necessidade de discutir a questão migratória no país. Foi especialmente pontuada a entrada dos migrantes haitianos pelo Acre e a decorrente migração interna para o sul do país. Com o objetivo de *“aprofundar mais o seu trabalho, em nível*

*nacional*²⁸, foi perguntado a Edoarda se ela tinha contatos, no Rio Grande do Sul, com os migrantes. Até aquele momento, Edoarda descreve seu contato como indireto. Sabia da pessoa do Simon como alguém que tentava mobilizar recursos para os migrantes haitianos na região através de uma irmã que trabalhava, naquele momento, com a antropóloga da Univates, Margarita Rosa Gaviria Mejia²⁹, pesquisadora que mantém um projeto de pesquisa sobre o fluxo migratório de haitianos para a região. No entanto, ela sinaliza que, após a demanda do FE ACT Brasil, procurou estreitar relações com Simon “*que era referência na área*”. Edoarda Scherer descreve³⁰ o momento de concepção do projeto em um movimento que ocorreu de uma discussão nacional à concepção de um projeto local:

O Fórum Ecumênico no Brasil ele é um conjunto de igrejas, instituições e agências ecumênicas e também organizações de ajuda humanitária formando então, ou integrando a ACT Aliança, então tem uma articulação global muito similar à organização da ONU e outros referenciais desse tipo de ajuda humanitária, só que não vinculados diretamente a governos, como se tem da ONU. São fóruns e articulações de cooperação que trabalham em cooperação e talvez cooperação com os governos também, dependendo da região em que atuam. A nível de América Latina a gente também tem uma organização, a nível de Brasil é esse Fórum Ecumênico que integra essa ACT Aliança. Na ACT também está representada a Igreja Luterana por dois viés, dois vieses que é pela própria igreja, pela própria IECLB e pela Fundação Luterana de Diaconia que é o ramo da IECLB que cuida da pauta sociais, da luta em voga aos direitos não específicos a luteranos, não cuida só das pautas internas, mas também da pauta externa e pública como a agenda pública de incidência. (Edoarda Scherer, bacharel em Direito, presidente da PASUNE. Transcrição de trecho da entrevista realizada no dia 21 de fevereiro de 2017 nas dependências da Univates).

²⁸ Todas as citações diretas dos entrevistados e das falas das pessoas coletadas em eventos públicos virão entre aspas e em itálico se forem citações curtas e com margem esquerda recuada se longas.

²⁹ Como, por exemplo: MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. **Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon**. Lajeado: Editora da Univates, 2015; MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha. O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. **Repocs**, v.14, n. 17, jan./jun. 2017, p. 171-190; MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; GRANDA, Daniel. **Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso**. 29^a Reunião Brasileira de Antropologia, Natal/RS, 2014.

³⁰ A única edição da transcrição dos trechos da entrevista com a Edoarda, assim como das demais entrevistas, é a retirada de expressões como “né”, “ahn” e palavras repetidas que na oralidade servem para a pessoa que fala ganhar tempo para estruturar o pensamento. Optou-se por essa edição para deixar a leitura do texto mais fluída. No mais, todas palavras estão tal e qual faladas pelos entrevistados.

Com essa aproximação de Edoarda Scherer com Simon, deu-se início também ao relacionamento de certas instituições da cidade com a temática da migração haitiana, como a Rede Ecumênica da Juventude (REJU) e da Pastoral Universitária Ecumênica (PASUNE) através das pessoas de Simon e Edoarda. Sendo a REJU parte de uma organização nacional e tendo também essa demanda partido das discussões de maior nível, essas articulações propiciaram que Simon participasse de uma audiência pública com o Ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República no período, Miguel Rossetto, apresentando um manifesto assinado por diversas entidades religiosas estabelecendo reivindicações para a atenção às populações de migrantes e refugiados. Na mesma ocasião, Simon denunciou a venda de vistos na embaixada brasileira no Haiti. A veiculação desse encontro em Lajeado, também ajudou a angariar visibilidade para a atuação de Simon na STHAS e a presença da migração da região como uma população possuidora de demandas sociais locais. O manifesto foi publicado na íntegra no jornal O Informativo do Vale no dia 21 de agosto de 2015, sob o título “Jovens levam demandas dos imigrantes haitianos a Brasília”. No entanto, Edoarda descreve a percepção de que esse encontro não geraria ações efetivas no nível regional e local que pudessem efetivamente contribuir para melhorar a vida dos migrantes na região:

A gente viu que só a representatividade em cúpula não era necessário pra demanda ou, sei lá, pro trabalho ser mais acentuado. Então, do nacional, das articulações de Brasília e da presença do Simon nesses espaços as, os representantes que estavam lá motivaram, ou deram, ou fomentaram a ideia de que se ajudasse o Simon na sua realidade ou ajudasse a população que ele estava representando lá. E, daí, como o Simon mora em Lajeado foi proporcionado o debate ao Vale do Taquari. Então, pessoas que estavam lá da IECLB e da Fundação Luterana de Diaconia acionaram o sínodo do Taquari, em específico a comunidade evangélica de Lajeado. Eu ajudei nessa mediação porque eu fazia parte da coordenação do FE ACT na época e já conhecia a Comunidade Luterana de outras articulações da PASUNE, da Pastoral Universitária Ecumênica, só que por outros trabalhos que eram desenvolvidos muito mais focados na presença ou no reconhecimento da diversidade religiosa no Vale do Taquari, algumas parcerias que foram feitas na época com a Univates. Já se tinha um trabalho local realizado com a população de Lajeado, mas nunca um trabalho realizado em parceria envolvendo a temática migração e Comunidade Evangélica Luterana. (...). Então o que a gente fez foi aliar toda essa

caminhada, a gente partiu ali em 2015, de uma caminhada nacional, a gente veio acionar o Sínodo do Taquari (...). (Edoarda Scherer, bacharel em Direito, presidente da PASUNE. Transcrição de trecho da entrevista realizada no dia 21 de fevereiro de 2017 nas dependências da Univates).

O projeto então, segundo relato da entrevistada, é uma iniciativa conjunta da Fundação Luterana de Diaconia, do Sínodo da Igreja Luterana do Vale do Taquari, com execução da IECLB de Lajeado. O relato de Edoarda Scherer vai ao encontro da descrição do Pastor Luís Henrique Sievers sobre o início do projeto como partindo de demandas e discussões propostas por instâncias superiores do movimento ecumênico e da Igreja Luterana do Brasil (do Conselho Nacional das Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC)³¹, da FDL, da FE ACT Brasil). Teve, por parte da Igreja Luterana de Lajeado, a adoção dessa proposta como algo a ser somado a ações pontuais de assistência que a igreja já empreendia. Além disso, chama a atenção, nos dois relatos, o protagonismo de Renel Simon. Fica evidente que, quando apareceu a demanda por uma resposta da igreja de Lajeado às discussões nacionais sobre as migrações recentes, o trabalho de Simon no CRAS, vinculado a Secretaria do Trabalho, Habitação e Assistência Social de Lajeado (STHAS), já era conhecido e tido como referência na região. Isso foi fundamental para que a igreja, cristalizada no grupo de diaconia, sentisse confiança na possibilidade de execução do projeto, como fica evidente na descrição do Pastor Luís sobre a concepção do projeto:

Foi um desafio na verdade. Como já se fazia alguma coisa aqui³², e com o envolvimento do Renel Simon sendo contratado pela prefeitura, trabalhando na STHAS pra acompanhar os imigrantes que vinham aqui pra região. O Renel, então, ele ficou conhecido, ele já falava bem o português, dava aula de português pra cá e se envolveu bastante na defesa das questões dos imigrantes aqui, e no município ficou conhecido e o CONIC, Conselho Nacional de Igrejas Cristãs,

³¹ Segundo o site do CONIC, “O CONIC nasceu no ano de 1982, em Porto Alegre (RS). Sua criação é fruto de um longo processo de articulação entre as igrejas Católica Apostólica Romana, Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Episcopal Anglicana do Brasil e Metodista. As primeiras conversas para a criação do Conselho ocorreram em 1975. Foram realizadas 13 reuniões entre as presidências nacionais das igrejas acima citadas para, em 1982, definir-se pela criação.” Disponível em: <http://www.conic.org.br/portal/apresentacao>. Acesso em: 22 de maio de 2017.

³² O Pastor refere-se aqui a ações pontuais já relatadas na seção 3.1 deste capítulo.

teve uma reunião em Brasília com várias outras entidades que tinham um olhar para essa questão do imigrante, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs e também a Fundação Nacional de Diaconia participam do Fórum Ecumênico ACT Brasil. Esse fórum ecumênico ele é mundial, mas aqui no Brasil também tem representação, são várias entidades, então, que assinaram um documento que foi entregue, na época era o Miguel Rossetto que era o Ministro da Casa Civil, e o Renel Simon participou e também aqui a Edoarda Scherer que participa do CONIC, hoje ela é vice-presidente do CONIC regional aqui no Sul, teve lá. E também a Sibeles que é a coordenadora nacional da Fundação Luterana de Diaconia e na conversa entre os três disse 'puxa Renel, você vem de uma região onde tem bastante imigrantes, o quê que a igreja tá fazendo por lá', então, a Edoarda representando a igreja católica, a Sibeles, a igreja luterana, puxa vida, ficou uma, 'o quê que as igrejas andam fazendo?', (...). A gente notava já que não era só Lajeado, que era também Roca Salles, Encantado, Poço das Antas (...). Os haitianos, no caso, por causa do terremoto de 2010, mas já tavam aí os senegaleses, vários cubanos que vieram trabalhar aqui no Brasil dentro do programa do governo, do programa de saúde do governo, os sírios já tavam também em guerra, a situação na síria, aí também tavam surgindo já sírios no Brasil, até por que tinham parentes que já moravam lá. Essa questão começou a aflorar bem forte. Mas foi por causa então dessas condições que a Fundação Luterana de Diaconia entrou em contato com o nosso Sínodo do Vale do Taquari na pessoa do nosso pastor sinodal Pastor Gilciney Tetzner propondo uma reunião, vamos sentar, vamos conversar sobre a questão. Daí foi a Edoarda, foi o Renel Simon, fui eu daqui, a Carla [palavra incompreensível na gravação], o pastor sinodal, a Sibeles, num lembro de mais alguém que tenha participado naquela reunião, tinha mais gente do grupo de diaconia do sínodo. Nós sentamos para conversar e ver se eventualmente não tinha condições de fazer alguma coisa já que é uma realidade gritante. (...) então nós propusemos que a gente fizesse um projeto que tivesse, que partisse de Lajeado já que aqui tinha o Renel Simon na STHAS (...). Em uma reunião do grupo de diaconia, disseram 'não, vamos abraçar isso com mais força', nós tínhamos pouco tempo também porque era um edital que a igreja tinha feito que eu acho que era início de dezembro, meados de dezembro já fechava o edital e nós nos sentamos então pra elaborar esse projeto com duração de um ano, quer dizer, durante o período de 2016, e fomos aí trocando por e-mail ideias, numa relação primária assim fomos acrescentando com o auxílio da Fundação Luterana de Diaconia também, o quê que a gente podia fazer com isso, dinheiro pra quê e com o Renel junto sabia dizer pra gente, olha, a gente tem essas necessidades. Então, a gente elaborou esse projeto a partir de muitas mãos. O bom que desde o começo foi um grupo da comunidade, mas também com a participação dos próprios haitianos na pessoa do Renel Simon. E foi enviado para a IECLB, pra esse edital, e foi aprovado pela igreja esse edital, esse projeto desse edital pra trabalhar com essa questão de migrantes. Bom, aí que começava o trabalho. (Pastor Luís Henrique Sievers, Vice-Pastor do Sínodo do Vale do Taquari. Transcrição de trecho da entrevista realizada no dia 14 de fevereiro de 2017, na sede administrativa da Igreja Luterana de Lajeado.)

3.4 AS AÇÕES DO PROJETO E A ALTERIDADE

O projeto previu uma série de ações. Com um orçamento de pouco mais de 28 mil reais, as ações previstas eram a compra de instrumentos musicais para a banda de haitianos que se formara na região, além de um conjunto de ações que se pretendiam de acolhida e de integração. Projetou-se 1) uma Oficina de Fluxo Migratório, Acolhida e Integração entre a população migrante e a população local, 2) um Encontro entre as Juventudes haitianas e brasileiras da região e 3) um encontro cultural no qual a banda haitiana se apresentaria, junto com outras manifestações das culturas haitiana e brasileira. Dessas ações, a única que foi realizada conforme inicialmente planejada foi a Oficina de Fluxo Migratório, Acolhida e Integração. O encontro das juventudes foi cancelado devido a uma enchente ocorrida em Lajeado e região e o encontro cultural foi substituído pela produção de um documentário sobre a realidade dos migrantes haitianos na região que contou com um evento de lançamento na sede da Igreja Luterana com a presença de autoridades, membros da imprensa e pesquisadores.

A Oficina de Fluxo Migratório, Acolhida e Integração constitui-se, então, no primeiro evento proposto por esse projeto. O objetivo do encontro, segundo divulgado no folheto-convite era “Proporcionar à comunidade lajeadense um melhor entendimento sobre as causas dos fluxos migratórios mundiais e os desafios para os países que acolhem imigrantes.” A organização do espaço foi organizada de modo que o salão parecesse um auditório, com dois blocos de cadeiras dispostas em fileiras e colunas com um corredor entre eles. Na frente, uma comprida mesa com toalha branca com uma bandeira do Haiti, estendida no centro. A programação começou às nove horas da manhã, do dia 27 de agosto de 2016, no salão do Centro Comunitário Evangélico da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Lajeado com uma rápida fala do Pastor Luís Henrique Sievers dando as boas vindas aos estrangeiros com uma citação

da bíblia³³, antes de introduzir a Sra. Herta Welzel, presidente da Comunidade Evangélica IECLB de Lajeado, para o discurso de abertura. Simon fez tradução simultânea durante todo o evento para o *creole* haitiano. Segundo contagem da organização do evento, havia mais de 200 pessoas na oficina, a grande maioria de haitianos. Houve também a presença de aproximadamente quinze senegaleses, uma família de cubanos e alguns nigerianos. A presença de membros da Comunidade Luterana foi mínima, a exceção foi do grupo de diaconia que fazia parte da organização do evento.

Oficina
de fluxo migratório, acolhida e integração

Objetivo: Proporcionar à comunidade lajeadense um melhor entendimento sobre os casos dos fluxos migratórios mundiais e os desafios para os países que acolhem imigrantes.

Quais são os motivos para deixar o seu país? Quais são os países de destino? Quais as dificuldades? Quem são os imigrantes no Vale do Taquari? **Que fazem aqui? Como é possível ajudar?**

Convidamos a comunidade em geral para buscar e encontrar respostas para essas e outras perguntas. É possível ampliar os horizontes no conhecimento, entendimento e acolhida da diversidade humana.

Data: 27 de agosto de 2016
Horário: 8h30min às 15h
Local: Centro Comunitário Evangélico
Rua Carlos von Koseritz, 88 - Centro - Lajeado RS | 51 3710.1330

Inscrição: É gratuita, pelos telefones (51) 3741825 ou (51) 3710 1081, até o dia 25 de agosto. Para melhor organização da oficina, também é necessária a inscrição. Será solicitada uma contribuição espontânea para cobrir os custos da oficina.

Programação

8:30 - Acolhida e credenciamento
9:00 - Abertura
9:15 - Tema "Causas, consequências e desafios dos fluxos migratórios mundiais". Palestrante: Secretária Geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) Pastora Romi Márcia Bencke (IECLB), de Brasília/DF
9:55 - Tema "Os desafios da acolhida de imigrantes e refugiados pelas populações dos países solidários". Palestrantes: Dr. Rogério Aguiar, assessor de direitos e diaconia da Fundação Luterana de Diaconia, de São Leopoldo/RS e Fabiano da Silva Aquino, da Polícia Federal de Santa Cruz do Sul/RS
10:55 - Intervalo
11:10 - Plenária - Perguntas e debate sobre os temas apresentados.
12:00 - Apresentação cultural
12:30 - Almoço (apenas para os inscritos para o almoço)
13:15 - Tema: "Direitos e deveres de imigrantes e refugiados". Palestrante: Dr. Alexandre Scherer Neto
13:45 - Relatos representativos da situação de imigrantes e refugiados.
14:15 - Sugestões e encaminhamentos
14:30 - Apresentação cultural
15:00 - Encerramento

Apoio

CONIC, FLD, IECLB, Valde Egeen

Organização: Comunidade Evangélica de Confissão Luterana em Lajeado, Grupo de Diaconia

FIGURA 8 – Frente e verso do folheto-convite da Oficina de fluxo migratório, acolhida e integração.

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

³³ Mateus 25, 31-40: “³¹E, quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos, com ele, então, se assentará no trono da sua glória; ³²e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas. ³³E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. ³⁴Então, dirá o Rei aos que *estiverem* à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o Reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; ³⁵porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; ³⁶estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. ³⁷Então, os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quanto te vimos com fome e *te demos* de comer? Ou com sede e *te demos* de beber? ³⁸E, quando te vimos estrangeiro e *te hospedamos*? Ou nu e *te vestimos*? ³⁹E, quando te vimos enfermo ou na prisão e fomos ver-te? ⁴⁰E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” In: Novo Testamento. Bíblia Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995, p. 45.



FIGURA 9 – A bandeira do Haiti é trazida pelos haitianos e colocada no centro da mesa de onde os palestrantes falarão.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.



FIGURA 10 – Oficina de Fluxo Migratório, Acolhida e Integração.
Fonte: Foto tirada pela pesquisadora *in loco*

A abertura foi feita pela Sra. Herta Welzel, presidente da Comunidade Evangélica IECLB de Lajeado. Ela começou seu breve discurso dando as boas-vindas a todos ao evento e ao país, referindo-se aos imigrantes. O restante do tempo de seu discurso usou para relatar a experiência migratória de seu bisavô, imigrante alemão que chegou à região do Vale do Taquari quando essa ainda era parcamente povoada e sua vegetação ainda se caracterizava por ser uma mata fechada. A construção de sua fala foi bastante visual ao descrever como ele saiu de casa com uma mala e desembarcou sozinho na região, tendo deixado a família para trás. Seguiu a descrição do fervor laboral que permitiu que ele trouxesse a família e fosse bem-sucedido em seu projeto migratório. A intenção clara era estabelecer paralelos com as experiências dos imigrantes recentes que estavam na plateia. A expressão “*assim como vocês*” ou alguma derivante foi utilizada, diversas vezes, como, por exemplo, em “*ele saiu de casa apenas com uma mala, assim como vocês*”. Além disso, a experiência de migrar foi descrita como “*sonho*” a ser realizado. No caso de seu bisavô, a realização foi clara.



FIGURA 11 – A presidente da Comunidade Evangélica IECLB de Lajeado, Sra. Herta Welzel, dá as boas vindas a todos, ao evento e ao Brasil. (Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora)

Em seguida, foi composta a mesa e se deu início as palestras. A mesa foi composta pela Pastora Romi Márcia Bencke, secretária-geral do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, pelo Dr. Rogério Aguiar, assessor de direitos e diaconia da Fundação Luterana de Diaconia, por Fabiana da Silva Aquino, funcionária da Polícia Federal de Santa Cruz do Sul/RS e pelo advogado Dr. Alexandre Scherer Neto. A primeira a falar foi a Pastora Romi Márcia Bencke, secretária-geral do CONIC com o tema “Causas, consequências e desafios dos fluxos migratórios mundiais”. Ela começou apresentando a proposta do Conselho Ecumênico de Igrejas Cristãs como sendo a promoção dos direitos humanos, o diálogo e o encontro entre os diferentes. *“Mostrar que é possível viver em uma sociedade na diversidade, mas na unidade” e “sensibilizar igrejas para a temática da imigração e do refúgio no Brasil, pois acredito no potencial para a promoção de espaços de inclusão através das igrejas”*. Além disso, fala em contribuir para a superação do racismo no Brasil *“por que uma dificuldade da acolhida no Brasil é o racismo”*.

Na sequência, novamente um paralelo entre a história do Brasil e a vida dos migrantes na plateia: *“com a exceção dos povos indígenas, todos nós somos migrantes. Nossa história começou assim: descendo de um navio, de um ônibus, de um avião com uma mala e olhando para essa imensidão e pensando, bom, é aqui que eu devo recomeçar a minha vida. Alguns tiveram sucesso, outros não e a nossa diversidade brasileira se deve a imigração.”* Com esse gancho, ela trouxe dados de que uma em cada sete pessoas no mundo estão em migração de vários tipos e por diversas motivações.

Seguiu apresentando dados sobre a situação em Mianmar/Birmânia e na Europa e um panorama das migrações no mundo. Então, falou que os migrantes não são os mais pobres de seus países, falando sobre a situação de vulnerabilidade dos países de origem dos fluxos migratórios. Falou que os migrantes, às vezes, tem altos níveis de educação, mas no país de destino não são valorizados. A essa afirmação, vários haitianos e haitianas da plateia reagiram acenando afirmadamente com a cabeça e expressões sérias. Voltou à comparação: *“A CLD é uma igreja de imigração. Provavelmente os*

antepassados não teriam saído da Alemanha se tivessem perspectivas e oportunidades lá. É o mesmo hoje.”

Os paralelos entre as migrações históricas e as migrações recentes para a região permearam todo o evento e foram constantes nas falas de vários membros da igreja. A segunda pessoa da mesa a falar foi o Dr. Rogério Aguiar, assessor de direitos e diaconia da Fundação Luterana de Diaconia (FLD). Começou explicando sua formação: teologia prática com ênfase em diaconia. Novamente a tentativa em criar paralelos, citando que existem migrações no interior do país e ele próprio se considerava um migrante: *“moro no RS há 11 anos, mas ainda estou me adaptando à cultura.”* Trata-se de um esforço claro, por parte dos membros da comunidade³⁴ luterana responsável pelo evento, em criar identificações e exaltar as experiências migratórias de todos: de seus próprios antepassados e da plateia que os ouvia, formada majoritariamente por haitianos e por haitianas. O mote *“Somos todos imigrantes”* pontuou toda a concepção do evento e a fala de todos os palestrantes. Em uma cidade como Lajeado, onde o imaginário popular que envolve a cidade é diretamente ligado às migrações históricas, alemã e italiana, e o migrante é símbolo de sonho, trabalho e desenvolvimento, a diferenciação entre uma elite cristã e os imigrantes recentes não pode ser, pelo menos não abertamente em um discurso público, feita a partir dos signos de nacional *versus* imigrante, sem com que isso entre em choque com a imagem construída sobre a trajetória daquela sociedade e daquelas pessoas a partir dos ideais de italianidade e germanidade, diretamente associados à figura do imigrante. O Pastor Luís reconhece essa realidade quando tece e narra as ações de sua comunidade quando essa entra em contato com as migrações recentes da região:

A coisa foi crescendo aos poucos³⁵. Essa relação, esse compromisso com a acolhida dos imigrantes. Também não é de se negar que no grupo de diaconia que então assumiu um pouco mais forte essa causa houve muita discussão, mas será que eles não estão sendo

³⁴ O conceito de comunidade tem longa trajetória da teoria social, no entanto, não é um objetivo desse trabalho empreender uma discussão a respeito da aplicabilidade e das propriedades do conceito. A razão de ser do uso do termo nesse trabalho se explica pela atribuição das pessoas da igreja a si mesmas e das relações que estabelecem entre si como comunidade. Trata-se, dessa forma, de um termo êmico.

³⁵ Pastor Luís refere-se à aproximação com os imigrantes haitianos.

usados politicamente. Já começava naquele tempo, um pouco, dúvidas em relação aos objetivos então de trazer estrangeiros. Mesmo que em 2010 tenha dado aquele terremoto no Haiti e que o Brasil se comprometeu a acolher e a ajudar na reconstrução do país lá, mas também a acolher pessoas aqui concedendo trabalho numa época em que o Brasil também tava precisando de mão-de-obra. O desenvolvimento tava bastante grande do país, mas quando começou a sentir a crise o país, as pessoas também começaram a se perguntar, aí também surgiu a questão dos sírios. Puxa vida, como é que nós vamos fazer. Essa discussão veio, então nós lemos no grupo muitos artigos de jornais, aqui no Rio Grande, o que tava acontecendo no mundo, no Brasil. Isso abriu muito o olhar de muitas pessoas da comunidade pra esse compromisso social que nós temos com os estrangeiros que vem pra cá. Até porque essa é uma região aqui de muitos imigrantes italianos, alemães. (...) Então, se nós olharmos para as pessoas que aqui se instalaram, seja na serra, seja aqui na planície do Rio Grande, são imigrantes. São pelo menos senão filhos, netos, bisnetos, tataranetos de imigrantes. Então, isso tá no nosso sangue. Seria uma coisa um pouco irônica até, se a gente como filhos de imigrantes não tivesse um olhar, não tivesse um coração, uma preocupação e um compromisso de acolher os novos imigrantes que vem pra cá na região agora por outros motivos, por causa de uma catástrofe ou atrás de emprego nas cidades. (...) Então a gente começou a ver que nós temos que guardar, recordar a nossa própria história passada pra que a gente consiga repensar a nossa postura, a nossa posição em relação aos novos imigrantes. Começou a perceber que nós temos sim um compromisso com eles, não importa os motivos que eles venham pra cá. Nem sempre a gente tem um controle absoluto disso. (Pastor Luís Henrique Sievers, Vice-Pastor do Sínodo do Vale do Taquiari. Transcrição de trecho da entrevista realizada no dia 14 de fevereiro de 2017, na sede administrativa da Igreja Luterana de Lajeado.)

As relações de alteridade fazem-se presentes, no entanto, mas penso que não abertamente pela oposição nacional/estrangeiro. A desconfiança materializa-se sobre outros aspectos, “*será que eles não estão sendo usados politicamente*” perguntou-se o grupo que discutia a presença desses imigrantes em sua cidade. Notável também foi a baixa participação dos membros da igreja na Oficina. Excetuando as pessoas da organização do evento, os palestrantes e alguns jornalistas, na plateia podia-se contar nos dedos as pessoas da comunidade que, segundo o site, soma mais de três mil membros. A grande maioria dos participantes era haitiana. Senegaleses, por volta de quinze deles, também faziam maior número que os lajeadenses. A desproporcionalidade dessa participação pode ser constatada na foto que segue:



FIGURA 12 – Plateia da Oficina de fluxo migratório, acolhida e migração.
Fonte: Site da IECLB.

Esses são aspectos sutis da alteridade entre os grupos que estavam ali representados. Minha percepção é de que essa alteridade seria tangenciada pelo discurso “Somos todos imigrantes” se os próprios haitianos e haitianas não tivessem tomado para si a responsabilidade de expor as fragilidades dessas palavras, ao questionar as pessoas da mesa e, conseqüentemente, os lajeadenses e, até mesmo, os brasileiros e o Brasil como um todo, por seu comportamento e suas contradições.

3.4.1 *“Porque o Brasil nos recebeu e até agora não confia em nós.”*

Quando aberto para as perguntas, vários haitianos demonstraram imediatamente a intenção de se manifestar. O primeiro a quem foi dada a palavra, homem e jovem aparentando ter entre 20 e 30 anos retomou a fala da palestrante dizendo que ela afirmou que o Brasil é um país racista e que, pela legislação, não confia no imigrante. E seguiu afirmando imponentemente que

“nós, os haitianos, não fugimos do Haiti, foi um acordo diplomático assinado para acolher. Não fugimos.”. E em seguida perguntou, com o apoio dos haitianos e das haitianas da plateia que afirmavam a concordância com suas palavras com acenos enfáticos de cabeça demonstrando anuência a essas palavras – uma voz feminina, inclusive, ergueu-se às demais e um *“bom!”* soou pelo salão –, *“se o Brasil abriu as portas para nós, dando visto, porque a lei não tem confiança? Tem uma nova lei [falou se referindo ao projeto de lei que naquele momento estava em tramitação no parlamento], essa lei confia ou não? Porque o Brasil nos recebeu e até agora não confia em nós!”*. A colocação por parte da migração haitiana como ilegal e como fuga por parte da população lajeadense é reiteradamente um ponto de tensão para haitianos, uma imagem negativa e equivocada de seus projetos migratórios.

Quando esse fluxo migratório estabeleceu-se na região, o Haiti já vinha sendo matéria dos principais veículos de comunicação do Brasil. Em um primeiro momento, em função do sismo que devastou grande parte da infraestrutura do país, em 12 de janeiro de 2010, e vitimou fatalmente um número aproximado de 230 mil pessoas, deixando mais de um milhão delas desabrigadas nos primeiros momentos depois do terremoto. A epidemia de cólera e a falta de recursos para tratar dos feridos aumentaram essas estatísticas. Os reflexos do fenômeno ainda hoje são sentidos. Em um segundo momento, a cobertura midiática da entrada dessa população no Brasil, rumo a diversas cidades, vinha sendo veiculada desde 2010 quando por volta do final do ano de 2012 e início do ano de 2013, esse fluxo ramificou-se e passou a se dirigir para a região do Vale do Taquari a partir da demanda de empresas da região por trabalhadores, como já relatado.

No Vale do Taquari, o Haiti foi pauta do principal jornal impresso e online da região, O Informativo do Vale, durante todo o ano de 2010 em função do terremoto. A cobertura do evento durou o ano inteiro, sendo um dos fatos cobertos nas retrospectivas de final de ano de 2010. Durante esse ano, O Informativo do Vale apresentou 23 peças jornalísticas, que ou tratavam diretamente do terremoto e dos eventos dele decorrentes ou citavam o Haiti para tratar de outras questões como, por exemplo, criticar a falta de repasses

do governo federal para municípios da região que tinham sofrido com enchentes em função do fato de que o governo federal enviou ajuda econômica ao Haiti em função do sismo.

O tratamento da mídia, nacional e regional, ajudou a pavimentar a recepção da população brasileira a cerca das pessoas que aqui começaram a chegar. Fato emblemático foi a reportagem já citada sobre as refeições conjuntas dos haitianos na Igreja Batista que repercutiu muito negativamente no grupo ao retratar imagens de haitianos comendo com legendas e textos que versavam sobre miséria e fome.

A essa visão de ilegalidade e fuga, soma-se também o momento de tensões políticas que o Brasil já vinha experimentando e que se agravou em 2015 e 2016. O Pastor Luís expõe em poucas palavras muito das desconfianças levantadas na época sobre as migrações recentes: *“Também não é de se negar que no grupo de diaconia (...) houve muita discussão, mas será que eles não estão sendo usados politicamente. Já começava naquele tempo, um pouco, dúvidas em relação aos objetivos então de trazer estrangeiros.”* Essa desconfiança é sentida pela população que chega. Abdias descreve essa relação da seguinte maneira:

A gente pegou eles de surpresa, não sabiam como nos incluir na sociedade. É agora o Brasil começar a nos entender e nosso povo começa um pouquinho a se encaixar no sistema brasileiro. Mas o povo aqui ficou meio receoso, né, é... ‘que que eles vem fazer?’, ninguém tinha uma ideia de nós. (Abdias Geffard, Pastor da Igreja Haitiana, empreendedor. Transcrição de trecho da entrevista realizada no dia 20 de fevereiro de 2017.)

Daí advém a constante reiteração, por parte dos haitianos, de que estão legalmente no país, de que possuem documentação e de que foram, inclusive, convidados a vir para o país pelo então presidente Lula. Têm-se aí duas recorrências das demandas dos haitianos que se relacionam: por confiança e pelo combate a uma visão equivocada de ilegalidade. Honneth (2009), ao colocar a busca por uma estima social como uma das três formas de

reconhecimento, baseada em concepções valorativas, que caracterizam os indivíduos que estabelecem, entre si, relações, o autor joga luz sobre essa necessidade de se mostrar e ser percebido enquanto “confiável”. Ser confiável caracteriza-se, então, como uma demanda subjetiva por reconhecimento frente à desconfiança relegada aos migrantes pelos estabelecidos.

Também Simon é um exemplo dessa busca por confiança, apesar do *status* e do reconhecimento que já possui na cidade. A primeira vez que visitei o CRAS em sua companhia, na visita do dia 29 de julho de 2016, ficou evidente o desejo que tinha em mostrar o acesso que ele tinha ao lugar. Fez questão de deixar claro para mim que tinha as chaves de todas as portas, mostrando-as, e dizendo que podia entrar e sair do prédio quando quisesse, sem a necessidade de informar a alguém ou pedir permissão, “*as pessoas confiam em mim*”, fez questão de dizer.

3.4.2 “Porque o Brasil só encaixa [os migrantes] no trabalho braçal, mas intelectualmente não encaixa, por quê?”

O primeiro haitiano a se manifestar na Oficina continuou seu posicionamento com uma segunda pergunta, também se referindo a fala anterior da palestrante quando ela disse que as migrações históricas para o Brasil não eram qualificadas e que havia muitos dentre os migrantes recentes com qualificação subutilizada no mercado de trabalho, questionando que se

os antepassados não tinham uma capacidade intelectual, mas a nova imigração tem e o Brasil sabe disso, na teoria, se o Brasil abriu a porta e dá o visto pra viver, dizendo que temos os mesmos direitos e o Brasil sabe da nossa capacidade intelectual e precisa de profissionais, porque o Brasil só encaixa [os migrantes] no trabalho braçal, mas intelectualmente não encaixa, por que?

Essa intervenção foi ovacionada pela plateia assinalando a absoluta concordância dos migrantes a essas palavras. Aplausos e risos soaram pelo

ambiente e o haitiano que as proferiu foi saudado por seus companheiros ao se sentar entre eles novamente. Também a segunda pessoa a se manifestar fez pronunciamento semelhante, concernente à percepção dos brasileiros sobre as habilidades e a formação dos haitianos. Essa segunda pessoa também foi um homem haitiano jovem que usou de forte tom reivindicativo de forma crescente em suas palavras, ele soou quase indignado ao final de sua participação, e novamente a audiência correspondeu à manifestação com ascendente comoção que se traduziu em ruídos de conversas paralelas por todo o ambiente. *“Até agora, nós podemos considerar que o Brasil é um país que está deste jeito desde os imigrantes pela história do país, quer dizer as pessoas que tem poder são imigrantes também”* foi a primeira parte de sua fala traduzida por Simon. Nesse momento, antes de traduzir a segunda parte da fala para os palestrantes e para os outros espectadores, Simon assumindo o papel de mediador, pediu um momento para conversar com o grupo. De suas palavras consegui identificar que disse *“ç'est un moment très important, ç'est un moment unique”*, a impressão é que ele estava pedindo calma para as pessoas. A tradução de Simon seguiu, então, após esse momento de conversa entre o grupo, dizendo que:

“a pergunta dele é que tem uma grande diferença na questão da saúde e da educação entre o Brasil e o Haiti, a maneira que o ensino é lá é bem diferente, e, pero, acreditamos que é um pouco melhor, pero, é porque é muito mais rígido. Quer dizer, nós temos formação. Mesmo tendo a formação, a gente é colocado em algum canto, a gente não pode, vamos dizer, desenvolver a nossa capacidade. E pro senhor Rogério, qual é o papel da organização, da Fundação Luterana de Diaconia nesse ponto, vamos dizer, nessa situação? Por que nós estamos passando muita dificuldades sociais e a organização tem uma maneira de ajudar para poder melhorar isso?”

As respostas dos palestrantes aos primeiros questionamentos e problemas apresentados deram-se de forma bastante abstrata frente aos problemas prementes apresentados. Falou-se ou, aliás, culpou-se a constituição histórica do Brasil, a fragilidade econômica do país e a obsolescência da lei que regulava a migração no momento da Oficina. Foi

bastante pontuada, pelos palestrantes, a necessidade da aprovação da nova lei que estava em tramitação no Congresso Federal como uma normativa que resolveria algumas das mazelas apresentadas. Uma jovem haitiana referindo-se ao acesso à educação no Brasil, no entanto, questionou essa tese: *“não consigo acreditar que é a lei antiga que impede o ingresso³⁶, e sim o racismo, sofremos muita discriminação, não acredito que é a lei”*. As marcas da alteridade não estiveram ausentes, dessa forma, do evento. Pelo contrário, elas foram ressaltadas pelos próprios haitianos e haitianas ali presentes ao ressaltarem o racismo, as relações trabalhistas, e o cotidiano na cidade.

3.4.3 Uma demanda subjetiva por reconhecimento

A questão do trabalho permeou o meu cotidiano de conversas com Jeankens Exantus, Erndy Thermilus e Dorcelly Dor, cujas trajetórias já foram descritas no capítulo I. Eles se descrevem como jovens inteligentes, engraçados e com muita capacidade para atividades artísticas. Definem-se como escritores, atores e comediantes. Querem escrever, atuar, produzir vídeos, novelas e documentários. E ter reconhecimento por isso. A página que criaram no *Facebook*,³⁷ e os vídeos de humor que produzem são um empreendimento a partir do qual visam atingir esses objetivos.

³⁶ Ela referia-se aqui ao acesso à educação e ao mercado de trabalho.

³⁷ Disponível no link: <https://www.facebook.com/ErnsThermilus/?ref=ts&fref=ts>. Como esclarecido no primeiro link, a exposição desse link na minha dissertação foi parte da negociação que me permitiu realizar a pesquisa de campo.



FIGURA 13 – Imagem da página *Chak Segond Konte* no *Facebook*.
 Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

No primeiro dia que os conheci, acompanhei-os na filmagem de um desses vídeos. O roteiro versava sobre uma realidade infelizmente bastante verificável no universo migratório: aquelas pessoas que se propõe a ajudar, mas abusam dos migrantes, os coiotes. Fui com os três até a casa de um amigo, buscá-lo já que ele possui um celular melhor para filmagens e os ajuda nas gravações. Depois fomos para uma área arborizada em Lajeado, nas margens do rio Taquari, local previamente escolhido para a filmagem do dia. Eles estavam com todas as falas ensaiadas, e logo começaram a testar a luz e a captação de som do celular até que Dorcelly sugeriu que eu fizesse parte do vídeo. Eles rapidamente adaptaram o roteiro para a inclusão de mais uma personagem, que ajudaria o coiote, personagem de Dorcelly, a convencer os personagens de Jeankens e Erndy a comprar passagens aéreas em uma empresa suspeita. Gravamos várias vezes, até que todos eles considerassem que as atuações, o som e a continuidade do vídeo estavam adequados.



FIGURA 14 – Os integrantes do *Chak Segond Konte* conferem a qualidade das filmagens do dia.
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Em uma segunda ocasião, eles me convidaram para assistir a filmagem de um documentário que iam fazer. Para isso, deram-me o endereço de onde residem em Estrela, eu devia encontrá-los lá. Chegando lá, seguimos para um parque em Estrela onde três alunos do curso de jornalismo da Univates nos esperavam. Em uma disciplina prática, cada grupo de alunos deveria fazer um pequeno documentário sobre uma realidade social da região. O grupo em questão decidiu pela temática da migração haitiana para Lajeado e entrou em contato com Simon sobre a possibilidade do documentário. Simon encaminhou esses estudantes para Dorcelly, Jeankens e Erndy. Os alunos, então, emprestaram o equipamento de filmagem e deram instruções sobre o uso. A ideia era que os três deveriam decidir a pauta do documentário, onde seria filmado, se entrevistariam alguém ou não. O encontro que presenciei era de planejamento, para decidirem onde, quem e o quê seria filmado.

Dorcelly propôs que eu deveria participar do documentário, falar sobre a minha pesquisa e as conclusões nas quais eu estava chegando. Mesmo pega de surpresa, topei participar e falei brevemente sobre minha pesquisa, sobre a

questão do reconhecimento descrevendo minhas concepções sobre a questão da colocação dos haitianos em trabalhos braçais *versus* a busca dessa população por melhores colocações. Os três afirmaram gostar do que eu estava pesquisando, dizendo que era isso mesmo, que eles tinham qualificação e capacidade para trabalhos melhores. Então, me perguntaram o que eu poderia fazer, como brasileira e compreendendo a situação, para que eles conseguissem empregos mais recompensadores. Vi-me na situação da mesa na Oficina de Fluxo Migratório, com apenas respostas vazias para entregar.

Além dos vídeos de comédia, Dorcelly e Erndy também postam vídeos com comentários sobre o Haiti, migração, religião e assuntos atuais. São extremamente ativos no *Facebook* e no *Youtube*, plataformas através das quais buscam o reconhecimento intelectual que não recebem em seus universos de trabalho formal. A palavra que eles usam, e que também é usada por Abdias ao tratar do assunto, é “*capacidade*” e a acusação é de que os brasileiros, principalmente os empregadores, não reconhecem as capacidades que os haitianos possuem e os relegam a posições de subutilização dessas capacidades. Felipe Silva (2012), ao comentar a teoria de Honneth sobre reconhecimento, elucida o conceito como

“pretensões intersubjetivas de ordem tanto cognitiva quanto prática, as quais vinculam a maneira como o sujeito constrói socialmente a própria identidade a exigências normativas sobre o modo como busca ser devidamente tratado. Temos aqui, pois, uma luta pela transformação de padrões de relacionamento social. Essa luta, entretanto, não se encontra pautada em meros interesses egoístas ou utilitários, mas em pretensões de justiça e respeito social que buscam restaurar a integridade ferida de grupos e indivíduos. A normatividade expressada na forma de *exigências* e *pretensões de justiça*, por sua vez, não deve ser compreendida como um dever-ser abstrato, desenraizado, fruto de racionalizações acessíveis tão somente a uma consciência filosófica superior. Em vez disso, trata-se de uma normatividade *mundana*, inscrita e trabalhada na própria realidade social e exigida pelas condições modernas de individuação.” (SILVA, 2012, p. 277)

Trata-se de uma demanda subjetiva por uma valoração positiva de capacidades não reconhecidas nos ambientes em que se inserem em função

do projeto migratório que cultuam. A ideia de Dorcelly, Erndy, Jeankens e Abdias é que através da migração seja possível galgar melhores condições de vida. Esse projeto entra em choque com as colocações que se demonstram possíveis no mercado de trabalho formal. A estratégia que encontram é buscar caminhos alternativos que supram essa demanda e contribuam para entabular a “luta pela transformação dos valores hegemônicos que permeiam a auto compreensão cultural de uma sociedade” (SILVA, 2012, p.284). Dorcelly, Erndy e Jeankens intentam essa mudança de percepção através de seus vídeos, Abdias através do empreendedorismo e de seu trabalho como pastor e regente do coral.

Abdias, em seu trabalho como pastor, adota estratégia parecida, em parte, com aquela dos rapazes do *Chak Segond Konte*. Através de vídeos no *Youtube*, divulgados no *Facebook*, fala sobre religião e, inclusive, corrige pastores brasileiros a cerca de suas interpretações da bíblia e suas ações. Como regente do coral, sua postura perfeccionista nas apresentações do grupo também salta à vista. Quando pedi para observar um ensaio do coral, foi muito reticente em permitir, alegando que as músicas estavam recém sendo ensaiadas e ajustadas, que os membros do coral não estariam caracterizados com o uniforme que usam para apresentações. Apesar de afirmar que seria melhor que eu assistisse a uma apresentação deixou que eu participasse, considerando que eu era de outra cidade, mas principalmente, por eu explicar para ele que estava conversando com Edoarda Scherer e Inauã Ribeiro, membros da PASUNE, sobre a possibilidade de fazermos um cursinho popular preparatório para o ENEM na Univates³⁸, com os migrantes que desejassem prestar a prova por público-alvo. Logo, só pude presenciar o ensaio do coral a partir de uma relação de troca.

Durante as duas horas do ensaio, apenas uma música foi ensaiada. Ficou evidente o cuidado na preparação da música, no ajuste entre os instrumentos musicais e os vocais, e na qualidade da preparação dos solistas. Infelizmente, nunca pude acompanhar uma apresentação do coral ao vivo, no entanto, pelos vídeos e fotos divulgadas no *Facebook*, outros aspectos desse

³⁸ Ver nota 17.

cuidado transpareceram. A postura dos membros, as roupas feitas especialmente para a ocasião e a dedicação com a música em si retratam a importância daquelas performances para o grupo.

Outro recurso do esforço do Abdias em superar as dificuldades de colocação no mercado de trabalho em atividades que considera condizentes com suas capacidades intelectuais revela-se sua intenção em empreender em um negócio autônomo. Na entrevista que fiz com ele, no parquinho infantil que fica em frente a sua casa, na tarde do dia 20 de fevereiro de 2017, ele relatou-me seus planos e vocalizou suas frustrações a cerca desse binômio “oportunidades *versus* capacidades”.

Abdias tem 30 anos, possui formação universitária em Letras e experiência como professor de línguas e com trabalho no ramo de turismo. Sua primeira experiência migratória foi para a República Dominicana para onde foi logo após o terremoto de 2010 e onde permaneceu durante três anos. Nesse período trabalhou em um hotel até vencer sua permissão de residência e ter a renovação do documento recusada o que fez com que o hotel negasse também a renovação de contrato de emprego com Abdias. O governo dominicano adotou medidas de repressão à migração haitiana para o país. Além disso, casos de xenofobia e violência contra haitianos são recorrentes na República Dominicana. Diante disso e dos rumores sobre um acordo entre os governos do Haiti e do Brasil para que esse recebesse migrantes haitianos em seu território, Abdias tomou a decisão de migrar novamente. Primeiramente foi até o Equador, onde tomou conhecimento do que chama de “*programa humanitário*” do Brasil com os migrantes haitianos. Refere-se aqui a possibilidade de obtenção do visto humanitário que garantiria os documentos necessários para ingressar no mercado de trabalho brasileiro. Do Equador rumou para o Peru e daí para o Acre. Chegou ao Brasil no dia 22 de fevereiro de 2013. Sua esposa e filha vieram depois, por meio do pedido de reunificação familiar.

Do Acre, viajou direto à Lajeado. Abdias diz que, na verdade, nunca escolheu Lajeado e explica que um estrangeiro que chega a um país no qual

não conhece ninguém, não tem preferência, e sim vai aonde tem oportunidade. Ele me conta que se tivesse podido escolher, teria ido ao Rio de Janeiro, para tentar novamente trabalhar com turismo. No entanto, Abdias, assim como diversos outros migrantes haitianos que estavam no norte do país, foi trazido para o sul por empresas que viram, nessa população, possibilidades de mão de obra. Nesse caso em específico, tratou-se de uma rede de supermercados. Outros 23 haitianos vieram com ele para Lajeado. Abdias descreve que se tornou uma liderança entre esse grupo por sua facilidade em aprender a língua portuguesa.

No momento da nossa entrevista, fazia 20 dias que Abdias tinha pedido para sair do emprego, o mesmo em que trabalhava desde que chegara à Lajeado. Ele afirma não ter nada contra a empresa, no entanto, diz ter *“outra visão, outra perspectiva”*. Quando peço para que me explique sua perspectiva, ele responde que *“não tem nada contra o sistema brasileiro, só que é preciso coragem individual para cada um desenvolver o seu talento pessoal”*. Explica-se dizendo que quer *“desenvolver um empreendedorismo”*, que já foi empreendedor no Haiti e que quando tentou exercer sua profissão de professor de línguas no Brasil, para poder trabalhar em sua área, não conseguiu nenhuma oportunidade:

Fui atrás bastante, mas eu não achei nenhuma oportunidade que... Não tão dando oportunidade pra nós. E eu fiquei lá no serviço, lá na empresa, trabalhando na produção quatro anos e meio, ficar aqui trabalhando só na produção... Daí eu não vi o meu futuro lá, né, trabalhando na produção porque não tinha nenhuma oportunidade mesmo... Tinha oportunidade de crescer, mas é longe e é muito briguento, né, tem que brigar, correr atrás, é muita coisa, daí eu resolvi desenvolver o empreendedorismo. Eu procurei, eu fui atrás de uma empresa, eu vi que é uma empresa internacional, que eu não preciso citar o nome, que desenvolve, que tá trabalhando com marketing multinível, desenvolvendo líderes para a nova economia. Como eu já trabalhei nessa área eu sei mais ou menos, eu tenho mais ou menos uma noção e também a empresa tem um sistema de capacitação que eu não achei também na empresa em que eu trabalhava ali. Daí eu preferi entrar nesse ciclo de sistema educativo e que oferece o programa de capacitação, de educação e também que fornece como desenvolver o seu próprio negócio. Então como isso sempre era minha visão, minha intenção, eu resolvi sair e entrar no mundo de empreendedorismo, entendeu? (Abdias Geffard, Pastor

da Igreja Haitiana, empreendedor. Transcrição de trecho da entrevista realizada no dia 20 de fevereiro de 2017.)

Abdias enfatiza ao longo da entrevista a necessidade que sente em construir um futuro melhor para si mesmo e para sua família e justifica todas as suas ações em função desse objetivo. Em seu emprego na rede de supermercados, não conseguia visualizar a realização desse futuro. Na comparação com suas perspectivas atuais de emprego³⁹, fica claro que a falta de investimento na capacitação dos trabalhadores era algo que o incomodava e que pesou em sua decisão de mudar. Antes disso, relata que procurou a Univates para tentar fazer mestrado e doutorado em Letras, mas os preços do curso inviabilizaram a ideia. Então, procurou um curso profissionalizante em Gestão Empresarial, tudo, segundo ele, com o objetivo em sair do trabalho na produção. A falta de investimento em capacitação soma-se com a falta de reconhecimento das capacidades já possuídas:

Os brasileiros, aqueles que conhecem né, falta conhecer os haitianos. É, porque eles não sabem quem são os haitianos. Por quê? São os talentos intelectuais e sociais também que eles precisam conhecer. Por que nós, a gente não tem oportunidade na, no mercado profissional, na área profissional os haitianos não tem. Tem um ou dois, assim, né, que é bem conhecido que acham oportunidade. Mas oportunidade mesmo, na hora que os haitianos acharem oportunidades no mercado profissional, é por aí que eles vão ver talentos nos haitianos. Por quê? Porque pra eles qualquer coisa que eles veem um haitiano fazendo, veem um haitiano fazendo aqui, pra eles é uma, é no Brasil, por exemplo, eles perguntam se no Haiti tem carro. Mas saí daí! Se tem carro! E eles até perguntam 'você vem pro Brasil como? A pé?' (...) E depois eles perguntam assim: 'mas lá no Haiti tem escola, tem universidade, vocês estudam o quê lá' e 'tu tem carteira de motorista?' Tem um que me viu ali no centro dirigindo, 'ah Abdias, tu tava aprendendo né?'. 'Aprendendo o quê?'. 'Aprendendo a dirigir, eu te vi'. 'Mas como que vai aprender a dirigir em carro privado, num carro particular? Aqui no Brasil não é assim. Tu não anda num carro particular sozinho aprendendo a dirigir. Como?'. E ele 'não, mas aprendeu aqui, né? Por que lá não tem, né?'. Pra ti mostrar que falta de conhecimento faz com que nós né, o Brasil também tá sofrendo, com essa carência o Brasil não é inteligente. (...) Pro Brasil, só os brasileiros podem ensinar os

³⁹ A empresa que descreve como promotora de empreendedorismo funciona através de vendedores diretos que retêm parte do lucro arrecadado com a venda de produtos. Essa venda, no entanto, é feita de forma autônoma, o vendedor compra os produtos e os revende, sem vínculo trabalhista.

haitianos. Isso tá errado. Todos os brasileiros não são inteligentes, também todos os haitianos não são inteligentes, mas temos profissionais brasileiros, temos os profissionais haitianos também. Vamos fazer um cruzamento. Os profissionais brasileiros ensinam os haitianos, os profissionais haitianos também ensinam os brasileiros, Daí assim todos nós vamos saber. (...) Mas o Brasil só tá usando os profissionais só pra bater caixa, pra virar massa, só isso, mas tem professores de inglês também. E o cara é professor de inglês, ele fala a língua, então dá um teste de proficiência pra ele, prova se ele é, daí você vai conseguiu extrair o que ele tem e passar pros brasileiros. (...) Tem haitianos que podem ajudar, tem haitianos que podem mesmo ensinar, que são profissionais mesmo, que podem trabalhar nas áreas profissionais, que tem conhecimento. (...) Como é que um cara trabalha numa empresa, ele é haitiano, ele diz que é profissional mecânico industrial, vamos dizer assim, né, ele trabalha nisso, naquilo bla bla bla, ele tem diploma, ele tem experiência, ele tem tudo e o cara tá na empresa e com quatro, cinco anos ainda cortando frango, batendo caixa e a empresa não abriu o olho nele? Mas se o cara diz que ele é isso, é isso, ele formou nisso, ele é formado naquilo, ele tem experiência, tem papel, tem diploma, tem tudo, então experimenta o cara, Se ele mente, tudo bem, se ele reprova, ok, mas vê o que você pode extrair dele. Mas isso aqui na cabeça no Brasil, é o Brasil ensina o Haiti, que Haiti não tem nada pra ensinar pro Brasil. (Abdias Geffrard, Pastor da Igreja Haitiana, empreendedor. Transcrição de trecho da entrevista realizada no dia 20 de fevereiro de 2017.)

A fala de Abdias elucida e demonstra vários pontos já abordados. Ele retoma as visões equivocadas e a falta de conhecimento sobre o Haiti e expõe a maneira pela qual esses equívocos recaem sobre os haitianos que estão no Brasil seja pelo ponto de vista próprio do desconhecimento, seja pela desconfiança em relação a essa população migrante. Mas o ponto sobre o qual ele mais versa e no qual adquire um forte tom de indignação e exasperação, gesticulando com as mãos, entonando bem as palavras, revela-se a falta de reconhecimento das formações e das capacidades dos haitianos e das haitianas no mercado de trabalho. Apesar dos empregos existentes, ele não considera que certas posições são de fato boas oportunidades, pois não apresentam perspectivas de crescimento e melhoria de vida. Sendo a melhoria de vida a própria razão de ser da migração, essa contradição faz entrar em choque as expectativas do projeto migratório e a realidade vivenciada em migração. O critério de aceitabilidade utilizado pelos estabelecidos para com a migração haitiana para a região, ou seja, a necessidade de mão de obra para setores determinados da economia local não satisfaz os anseios de vários dos migrantes, seja pela falta de oportunidade de crescimento no interior das

empresas, seja pela não utilização de formações e habilidades já adquiridas. O sentimento que esses migrantes vivenciam a partir dos diferentes vetores das expectativas que os estabelecidos adquirem sobre eles e das expectativas que cultivam sobre si mesmos é de não reconhecimento – ou de reconhecimento negado –.

Dessa forma, a interação de estabelecidos e migrantes haitianos em Lajeado pauta-se, muitas vezes, pela percepção dos migrantes da má-compreensão que os lajeadenses cultivam sobre eles. Má-compreensão que está na origem de situações que os haitianos experienciam como injustiças de concepção e de tratamento. A consequência é uma demanda subjetiva por reconhecimento. Essa demanda ainda não se cristaliza em uma luta organizada em um movimento social, como Honneth (2003) sinaliza como o ápice das lutas por reconhecimento, mas não deixa de ser notável e de ser uma constante dos discursos dos haitianos sempre que eles veem uma oportunidade de verbalizá-la frente aos brasileiros como ficou evidente durante a Oficina realizada pela Igreja Luterana, nas palavras de Abdias e dos rapazes do Chak Segond Konte, como também fica evidente cada vez que Simon é convidado a participar de um evento e na própria situação dessa pesquisa.

Muitas vezes senti que a concordância em conversar comigo e colaborar com a pesquisa serviu de veículo para essas reivindicações, constituiu uma oportunidade deles exporem essa demanda. Pois na rasteira da demanda subjetiva por reconhecimento, existe também um desejo subjetivo por uma mudança de conduta, pela transformação dos valores que regem a interação entre a população estabelecida que emite os juízos e as pessoas que vivem a negação de valores que consideram essenciais. Abdias resume: *“Nós temos talento, a gente pode. Mas só que não tem oportunidade.”*

3.4.4 Projetos migratórios e reconhecimento

Essas questões de reconhecimento, no entanto, são consideradas pelos meus interlocutores de pesquisa em níveis individuais, conforme estabelecem relações e interagem na cidade, ao ponto que essas relações e interações cruzam-se pelas demandas de seus projetos migratórios pessoais. Apesar do fato de que Abdias e Simon muitas vezes falam pelos migrantes haitianos em geral, na prática, inexistente uma dinâmica de grupo. Honneth (2003) versa sobre como as demandas subjetivas por reconhecimento possuem potencial para a emergência de movimentos sociais. Percebe-se, porém, que no caso da migração haitiana em Lajeado, tal mobilização localiza-se de fato somente no plano da potencialidade, pelo menos, no atual momento. As redes estabelecidas pelos haitianos, em Lajeado e na região, limitam-se a familiares e amigos próximos. Guilherme (2017) teve a mesma percepção em estudos sobre os migrantes haitianos em Porto Alegre.

A critério de exemplo, todos os meus interlocutores frequentam a chamada Igreja Haitiana⁴⁰ em Lajeado na qual frequentei três cultos. A gênese dessa igreja revela-se um processo de acolhida por parte da Igreja Evangélica Cruzada Pentecostal Brasileira (IECPB) que possuía, no terreno de sua sede, a Clínica Shalon, uma clínica de recuperação de dependentes químicos. Em entrevista com a Pastora Naír, líder dessa igreja, ela descreve que esporadicamente alguns haitianos compareciam aos cultos da igreja, pois moravam nas proximidades. O envolvimento, no entanto, começou por volta de 2013 quando duas haitianas pediram para passar a noite na clínica, pois não tinham onde dormir. A Pastora aceitou o pedido e elas permaneceram por alguns meses no local, período no qual uma terceira haitiana foi admitida nas dependências da clínica. Por esse período, ocorreu a mudança da sede da Igreja para outra localidade o que propiciou que a sede antiga fosse cedida aos haitianos para a organização própria de uma igreja orquestrada por eles mesmos. A Pastora conta, e também Abdias quando conversamos sobre isso,

⁴⁰ Sempre que me refere à Igreja Haitiana, estou me limitando àquela liderada por Simon e Abdias.

que no período anterior a fundação da Igreja Haitiana, muitos haitianos e haitianas buscavam essa e outras igrejas evangélicas da região e frequentavam os cultos. No entanto, o idioma dos cultos, o português, dificultava o engajamento. Abdias descreve que era possível entender quando era a hora do louvor, ou quando era a hora da oração, porém, era difícil para eles se sentirem acolhidos nessas igrejas.

Então, com a mudança de sede da IECPB, o local passou a servir aos haitianos, em organizações de cultos próprias. Em 2017, foi o aniversário de quatro anos da Igreja Haitiana. Ao longo do tempo, teve a formação de uma banda, do coral regido por Abdias e a tentativa infrutífera de criação de uma associação de migrantes em Lajeado, tudo a partir da Igreja Haitiana. Há uma hierarquia clara, centrada nas figuras de Abdias e Simon como chefes da igreja e pastores. Seguem os membros da banda e pessoas responsáveis pela organização e auxílio na realização dos cultos, por exemplo, os homens que ajudam na distribuição da ceia, no recolhimento das ofertas e o que permanece na porta, alocando as pessoas que chegam pelos lugares disponíveis. Todos são homens e nos cultos que frequentei, nos dias 30 de julho, 03 de setembro e 08 de outubro de 2017, eram sempre os mesmos. As mulheres, nesses dias, apenas participaram como membros da igreja, sem aparente função na realização das atividades religiosas, com exceção de um momento de louvor onde uma senhora foi chamada a cantar uma música, e em um momento de testemunho, onde uma mulher foi chamada para contar sua história⁴¹.

Os cultos acontecem nos domingos de manhã, às 9 horas, logo depois do estudo da bíblia que acontece a partir das 8 horas. É evidente a importância do momento para os frequentadores, visível nas vestes e no comportamento solene. As pessoas chegam em grupos pequenos, ora são famílias, casal e filhos, ora são um grupo de duas ou três mulheres ou dois e três homens e vão embora da mesma forma. As mulheres, em grande maioria, usam vestidos ou então saias e blusas. Os cabelos estão arrumados em tranças de diferentes estilos, coques, topetes e outros penteados. Algumas usam lenços ou enfeites

⁴¹ Para aprofundamento das questões de gênero entre os migrantes haitianos em Lajeado, recomenda-se a consulta aos trabalhos da antropóloga Margarita Rosa Gaviria Mejía, da Universidade do Vale do Taquari.

de crochê ou renda sobre os cabelos. Os homens usam roupa social, às vezes ternos completos, às vezes calça e camisa, com ou sem gravada. De maneira geral, todos estão bem vestidos, com “roupas de domingo”. A igreja é o principal, senão o único evento social dessa população. O microfone é dividido, chegando a quatro ou cinco membros da igreja a orar, cantar, pregar ou conversar com a congregação por culto. Novamente, todos homens. O culto sempre é pontuado pelas vozes e pelos sons de crianças e bebês. As meninas usam vestidos rodados, geralmente brancos ou rosas, de cetim, voal ou tule, enfeitados com rendas e pedrarias. O tipo de vestido geralmente usado por damas de honra ou na primeira eucaristia. Os cabelos, trançados ou em coque, são enfeitados por topes, laços e presilhas. Os meninos, a maneira dos homens adultos, usam roupa social: camisas e até gravatas.

O ambiente não se caracteriza apenas como local de oração. Mas também de encontro, de comemoração e de repasses de informações relevantes. Em um dos dias que participei, era o aniversário de um ano de casamento de um casal que frequenta a igreja. Ao final do culto, foi distribuído entre os presentes um prato de bolo, uma bandeja com doces e salgados e um copo de refrigerante. O número de presentes variou entre aproximadamente 100 e 150 pessoas, extrapolando a capacidade do local. Sempre era necessário buscar cadeiras extras e algumas pessoas sempre tinham de permanecer de pé. Depois que encerrei o trabalho de campo, tive notícia de que a Igreja Haitiana tinha mudado de sede, para um local mais amplo, com o objetivo de acomodar mais pessoas. Em todos os cultos que frequentei, teve pessoas novas, que estavam participando pela primeira e, por isso, eram apresentadas à igreja em boas-vindas, o que demonstra o dinamismo dos frequentadores.

Apesar disso, a relação entre essas pessoas é mais facilmente identificada como familiar e de amizade, não como um grupo coeso de haitianos a partir do qual seria possível engendrar uma luta por reconhecimento organizada com matizes de movimento social, pelo menos, no estágio de migração recente em que se encontra. Minha hipótese é de que os casamentos no Brasil servem como ampliação do grupo de apoio, pois através

do apadrinhamento de novos casais por casais já constituídos tem-se uma ampliação das relações constituídas no Brasil. A igreja pode servir, para seus frequentadores como espaço de conhecer pessoas e criar relacionamentos, principalmente entre pessoas solteiras. Trata-se, entretanto, de uma hipótese já que não aprofundei as indagações nesse sentido. Parece-me, dessa forma, que as interações entre os haitianos e as haitianas constituem-se a partir de relacionamentos pessoais, de parentesco e de amizade. Em Lajeado, tomei conhecimento, além da Igreja Haitiana, de outra igreja organizada por haitianos para haitianos. Em Estrela, de mais duas. Não percebi nenhum tipo de integração entre elas.

Uma das reclamações do grupo de diaconia da Igreja Luterana era exatamente a questão da dificuldade em divulgar e de entrar em contato com os haitianos da região. Com a comunicação centralizada em Simon, apenas as pessoas da Igreja Haitiana eram informadas e somente se elas compareciam aos cultos nos dias nos quais o aviso ocorria. Pude presenciar isso da mesma forma por ocasião da organização do VestVates⁴². Repassei as informações a Simon e a Abdias, mas reconheci depois de que essa ação foi insuficiente para informar à população de haitianos e de haitianas da região sobre a oportunidade. A grande maioria não ficou sabendo, entre eles os próprios Dorcelly, Erndy e Jeankens que frequentam a Igreja Haitiana. Meu contato com eles se deu depois do período de inscrições para o VestVates e quando perguntei para eles se não tinham tido interesse, já que me falaram da vontade em cursar uma universidade, eles não tinham conhecimento do que eu estava falando. As redes de familiaridade e amizade se dão de maneira mais particular. Por exemplo, Dorcelly, Erndy e Jeankens já se conheciam e possuíam relações de parentesco desde o Haiti.

O que se verifica é a existência de projetos migratórios particulares e familiares que diferem entre si. Mejía (2017) ressalta as diferenças entre os projetos migratórios pela perspectiva de gênero apontando especificidades distintas das experiências de mobilidade de homens e mulheres haitianos. Mas mesmo entre os homens, os projetos migratórios diferem. Abdias e Simon

⁴² Ver nota de rodapé nº. 18.

representam um tipo: de homens que vieram ao Brasil já com famílias constituídas em busca de empregos que pudessem proporcionar melhores condições para seus filhos. Tanto um como o outro, sempre citam seu papel de pais ligados com a responsabilidade de buscar melhores oportunidades de formação e educação para suas crianças. O projeto migratório completamente conectado com essa perspectiva.

Dorcely, Erndy e Jeankens representa uma visão diferente da migração. Mais jovens, solteiros e sem filhos, os três falam da migração como um processo de crescimento e amadurecimento. Contam-me que no Haiti não tinham rigidez com horário para acordar e trabalhar. Suas atividades eram compor *raps*, escrever poesias e, de vez enquanto, trabalhar como animadores de festas. Com o terremoto e a deterioração das condições econômicas e sociais do Haiti, decidiram migrar. Quando pergunto o que mudou na vida deles, descrevem como agora eles têm responsabilidades, um trabalho fixo e independência, em uma relação em muitos aspectos distinta com a mobilidade daquela apresentada por Abdias e Simon. A única queixa é a dificuldade de levar a cabo as pretensões artísticas que cultivam. A migração é versada como a partir de uma perspectiva de crescimento pessoal, amadurecimento, algo como um “tornar-se homem” a partir da experiência da mobilidade. Mocellin (2017) verifica narrativas semelhantes entre os senegaleses em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Mesmo que na origem do fluxo esteja uma decisão familiar, no nível individual esses rapazes significam suas mobilidades dessa maneira.

No entanto, mesmo que distintos, os projetos migratórios passam pelas questões de reconhecimento, pois o reconhecimento negado influencia diretamente as chances e as possibilidades de levar a cabo os projetos pretendidos. O enquadramento dos haitianos como trabalhadores braçais, a visão equivocada de ilegalidade, a desconfiança generalizada com que são tratados revelam-se obstáculos constantes mesmo quando os projetos migratórios e os objetivos com a migração diferem, pois os estereotipam em um modelo que não serve às aspirações dos migrantes haitianos, pois essas extrapolam as concepções que a sociedade receptora cria sobre esses recém-chegados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XXI tem assistido um crescimento acentuado na intensidade e na diversificação dos fluxos migratórios internos aos países e internacionais. Conflitos, causas naturais ou critérios socioeconômicos. Independentemente dos motivos localizados nas origens dos diversos fluxos migratórios, os vetores e os sentidos da mobilidade humana têm se mostrado dinâmicos, complexos e multifacetados. O Brasil despontou, em números absolutos ainda timidamente, mas principalmente em relação à décadas passadas, como um país de recepção de fluxos migratórios. A migração haitiana para o território brasileiro, desde 2010, inaugurou essa percepção. Primeiramente concentrada no norte do país, focos dessa população de migrantes estão atualmente espalhados por todas as regiões do território nacional. Apesar nas novas rotas, a migração, no entanto, não se constitui como fenômeno contemporâneo para o Haiti.

Para Lajeado, essa migração começou a se delinear no segundo período de 2012 quando uma empresa de construção civil buscou haitianos que estavam no Acre para trabalhar em suas plantas produtivas. De forma mais acentuada, a presença haitiana em Lajeado cresceu a partir de 2013 em função da demanda por mão de obra no setor de construção civil, da indústria de alimentos e de fábricas de calçados, principalmente. A percepção de setores da cidade da presença dessa população e da necessidade de ações de acolhida deu-se de forma bastante gradual. A partir de uma enchente ocorrida no final do ano de 2013, que ações pontuais passaram a ser desenvolvidas a partir de 2014. Como uma medida mais consistente de acolhida, houve por parte do poder público de Lajeado, a colocação de Simon na Secretária de Trabalho, Habitação e Assistência Social em uma medida que visa facilitar o acesso dos migrantes à documentação, ao mercado de trabalho e às políticas de assistência social.

O projeto de integração da Igreja Luterana, como visto, partiu de demandas superiores do movimento ecumênico nacional a partir das quais a Igreja em Lajeado organizou ações que se propunham ser de acolhida. No

maior evento desse projeto, e único com participação maior da população de haitianos da região, ficaram evidentes as relações de alteridade e começaram a se delinear as demandas subjetivas por reconhecimento que comporiam o cerne desse trabalho. As falas dos participantes, a reação aos discursos dos membros da igreja relevaram-se ser os primeiros indícios do que, posteriormente, na continuação do trabalho de campo e nas entrevistas se cristalizaria como o argumento principal.

Luta por reconhecimento, resistência e migração são três constantes históricas da trajetória do Haiti como nação e da trajetória de haitianos e de haitianas. São constantes tanto para aqueles que permanecem em seu país de nascimento a vida toda, experienciando a migração através de familiares, quanto para aqueles que, de fato, se encontram em situação de mobilidade humana. As variáveis de tempo e de espaço impõem diferentes matizes a essas constantes, sem nunca serem capazes de dirimi-las. No recorte de tempo e de espaço que nos cabe, tendo a migração contemporânea de haitianos e de haitianas para Lajeado, Rio Grande do Sul, como objeto de análise, propusemo-nos a colocar esses três conceitos em confronto com a realidade observada nesse local, vivida por sujeitos específicos em um contexto determinado, sem deixar de lado o quadro histórico mais longínquo e amplo que constitui formas de ser e formas de se colocar no mundo desses sujeitos.

Partimos de uma perspectiva interacionista de análise. Esses sujeitos em migração estavam – e ainda estão vivendo esse processo – inserindo-se em meio a uma realidade de *estabelecidos* capazes de enquadrá-los em uma condição de imigração que se revela estar no âmago da constituição de estigmas e estereótipos com os quais essa população de migrantes precisa se defrontar e se confrontar na persecução de seus projetos migratórios. Por um lado, temos, dessa forma, manifestações de racismo de parcela da sociedade juntamente com iniciativas de integração, por outro lado e de outra parte. Verifica-se tanto a recepção de certos setores econômicos interessados em empregar haitianos em suas plantas produtivas, quanto a dificuldade que esses migrantes enfrentam na hora de tentar conseguir colocações mais vantajosas,

financeira e intelectualmente. Trata-se de relações múltiplas e complexas, povoadas por tensões, conflitos e distintas expectativas.

Em Lajeado, a partir do trabalho de campo, foi possível identificar três valores da luta haitiana por reconhecimento, a partir de uma relação de valor e de estigma, que permeiam os projetos migratórios desses sujeitos em mobilidade. São eles a busca por confiança, o combate a uma visão equivocada de ilegalidade e o reconhecimento de capacidades intelectuais e ambições profissionais que não exclusivamente aquelas ligadas ao trabalho braçal. Serem reconhecidos como confiáveis, como legalizados e como capazes de trabalhos diversos demonstraram-se demandas subjetivas desses sujeitos mesmo quando seus projetos migratórios individuais e familiares diferem.

A migração haitiana em Lajeado foi socialmente explicada a partir da necessidade de empresas de setores específicos da região por mão de obra. Apesar disso, a desconfiança foi, e ainda é um dos signos com os quais essa população é vista pelos estabelecidos. Discussões sobre quais são as verdadeiras razões que trazem essas pessoas ao Brasil e se não haveria um uso político dessa mobilidade são verificadas pela cidade, inclusive no seio de grupos que se propõem a pensar iniciativas de inclusão. Os haitianos não deixam de perceber essa desconfiança e sempre que tem a oportunidade de travar contado direto com pessoas locais empreendem tentativas de justificar seus projetos migratórios, como verificado na Oficina de Migração e também nas relações que travei com o grupo enquanto pesquisadora a partir do desejo de obter melhores condições de vida para si mesmos e suas famílias.

A questão da legalidade é em parte derivada dessa relação de desconfiança. A imagem da migração haitiana como ilegal, como fuga, como invasão foi perpetuada pelos jornais e no imaginário da população estabelecida. Esse estigma incomoda os migrantes haitianos em grande medida e sempre que tem oportunidade ressaltam não só a legalidade de sua presença no Brasil como de suas colocações profissionais. Em Lajeado, a tentativa de diferenciação em relação aos senegaleses é grande. Esses

trabalham com comércio de rua, portanto sem vínculo trabalhista. Os haitianos da cidade fazem questão de ressaltar que não há haitianos trabalhando na rua. A confusão dos lajeadenses em considerar toda a migração negra para a região como haitiana causa bastante exasperação, pois atua na contra mão do esforço desses migrantes em combater essa visão de ilegalidade.

Em terceiro lugar, há, por parte dos haitianos, a busca pelo reconhecimento de capacidades laborais e intelectuais mais amplas do que a suposta aptidão dessas pessoas para o trabalho braçal. Os projetos migratórios que empreendem no Brasil são confrontados com as possibilidades de trabalho mais facilmente disponíveis a eles e, em alguns casos, demonstram-se insuficientes. É a perspectiva de Abdias, que saiu do emprego de cinco anos por não visualizar crescimento dentro da empresa. Era a visão de Simon quando trabalhou em fábricas antes de sua colocação na Secretaria de Assistência Social. E revela-se também a queixa de Dorcelly, Erndy e Jeankens em relação à falta de valorização de suas aptidões artísticas.

Essas demandas emergem na relação com os lajeadenses como por ocasião do projeto da Igreja Luterana e apareceram na pesquisa, pois eu, enquanto pesquisadora, não deixo de pertencer à sociedade estabelecida, de forma que inclusive o trabalho de campo representou oportunidade dessas pessoas revelarem suas insatisfações perante as imagens construídas sobre si próprias e apresentarem suas versões e reivindicações sobre seus projetos migratórios. Honneth (2003) versa que as demandas subjetivas por reconhecimento estão sempre acompanhadas pelo desejo de mudanças dos signos que informam as interações entre as pessoas. O comportamento dos haitianos com quem entrei em contato durante essa pesquisa, deixa claro esse desejo de mudança.

REFERÊNCIAS

Agência Brasil. **Quadruplica número de haitianos que entram ilegalmente no Brasil.** O Informativo do Vale do Taquari. Disponível em: <https://www.informativo.com.br/geral/quadruplica-numero-de-haitianos-que-entram-ilegalmente-no-brasil,7258.jhtml>. Acesso em: 13 de janeiro de 2018.

ALLENDE, Isabel. **A ilha sob o mar.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Assessoria de imprensa de Lajeado. **CRAS trabalha na regulamentação de imigrantes em Lajeado.** Disponível em: <http://www.informativo.com.br/site/noticia/visualizar/id/57084/?Cras-trabalha-na-regularizacao-de-imigrantes-em-Lajeado.html>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

BANKS, Marcus. **Ethnicity (Anthropological constructions).** London: Taylor & Francis e-Library, 2005.

BARBOSA, Lorena Salete. **Imigrantes Haitianos no Rio Grande do Sul: uma etnografia de sua inserção no contexto sociocultural brasileiro.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Catarina Chitolina Zanini.

BUCK-MORSS, Susan. Hegel and Haiti. In: **Hegel, Haiti and Universal History.** Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2009, págs 3-78.

Câmara de Indústria, Comércio e Serviços do Vale do Taquari. **O Vale do Taquari.** Portal do Vale do Taquari. Disponível em: <http://www.cicvaledotaquari.com.br/cic-vt/o-vale-do-taquari/#prettyPhoto>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

CARPENTIER, Alejo. **O reino deste mundo.** São Paulo: Martins Editora, 2010.

Castelo Forte. **Castelo Forte 11 03 2014 Parte 1.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tMsSqCdf36w>. Acesso em 28 de janeiro de 2018.

_____. **Castelo Forte 11 03 2014 Parte 2.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-qtmt56QZQ4>. Acesso em 28 de janeiro de 2018.

_____. **Castelo Forte 19 05 2015.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MwhSefWjP5s>. Acesso em 28 de janeiro de 2018.

Centro Regional de Informação das Nações Unidas. ACNUR: “**O século XXI é o século da deslocção humana**”, afirma Antônio Guterres. Disponível em: <http://www.unric.org/pt/actualidade/12636>. Acesso em 28 de outubro de 2015.

COUPEAU, Steeve. **The history of Haiti**. The Greenwood histories of the modern nations. Connecticut: Greenwood Press, 2008.

DANTICAT, Edwidge. **Adeus, Haiti**. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

Department of Economic and Social Affairs. Population Division. United Nations. **International Migration Stock: the 2017 revision**. Disponível em: <http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/estimates2/estimates17.shtml>. Acesso em 26 de janeiro de 2018.

DURAND, Jorge; LUSSI, Carmen. **Metodologia e teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FERNANDES, Duval; FARIA, Andressa Virgínia de. A diáspora haitiana no Brasil: processo de entrada, características e perfil. In: BAENINGER *et al.* **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, vol. 1, cap. 1, pág. 29-117.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIRARD, Philip R. **Paradise lost: Haiti's tumultuous journey from Pearl of the Caribbean to Third World Hot Spot**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BALNC-SZANTO, Cristina. Introductory remarks and research questions. In: GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BALNC-SZANTO, Cristina. **Towards a transnational perspective on migration**. Race, class, ethnicity and nationalism reconsidered; New York: The New York Academic of Sciences, 1992.

GLICK-SCHILLER, Nina; FOURON, Georges. Laços de sangue: os fundamentos raciais do estado-nação transnacional. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 48, jun/1997, p. 33-66.

GUILHERME, Ana Julia. **Imigrantes haitianos e senegaleses no Brasil: trajetórias e estratégias de trabalho na cidade de Porto Alegre –RS**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Orientadora Prof^a. Dr^a. Cinara Lerrer Rosenfield.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Orientador: Prof. Dr. Federico Guillermo Neiburg.

_____. Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, nº 43, p. 51-78, jan./JUN. 2015b.

_____. **Vodu no Haiti – Cadomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Beatriz Ana Loner.

HONNETH, Axel. Invisibilidad. Sobre a epistemologia moral del reconocimiento. In: HONNETH, Axel. **La sociedad del desprecio.** Madrid: Editorial Trota, 2011, p. 165-181.

_____. Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HURBON, Laënnec. **O deus da resitência haitiana: o vodu haitiano.** São Paulo: Paulinas, 1988.

IECLB. **Breve história da Comunidade Evangélica em Lajeado – RS.** In: História. Disponível em: http://www.ieclblajeado.com.br/?page_id=5. Acesso em: 10 de abril de 2017.

Jornal A Hora. **Igreja fornece refeições para haitianos desempregados.** Disponível em: <http://www.jornalahora.com.br/2016/08/04/igreja-fornece-refeicoes-para-haitianos-desempregados/>. Acesso em 28 de janeiro de 2018.

KOJÉVE, Alexandre. À guisa de introdução. In: KOJÉVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel.** Rio de Janeiro: Contraponto; EDUERJ, 2002.

MAGNANI, J. G. A etnografia como prática e experiência. **Revista Horizontes Antropológicos.** Vol.15.n.32. Porto Alegre, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARQUES, Pâmela Marconatto. **Pelo direito ao grito: as lutas silenciadas da Universidade Pública Haitiana por reconhecimento, independência e democracia.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Ely Herz Genro.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha; GRANDA, Daniel. **Imigração de haitianos para o Brasil: análises de um processo em construção a partir de um estudo de caso**. 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, Natal/RS, 2014.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; SIMON, Renel. **Sonhos que mobilizam o imigrante haitiano: biografia de Renel Simon**. Lajeado: Editora da Univates, 2015.

MEJÍA, Margarita Rosa Gaviria; CAZAROTTO, Rosmari Terezinha. O papel das mulheres imigrantes na família transnacional que mobiliza a migração haitiana no Brasil. **Repocs**, v.14, n. 17, jan./jun. 2017, p. 171-190.

MEZZADRA, Sandro. **Derecho de fuga: migraciones, ciudadanía y globalización**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2005.

Ministério do Trabalho. **Nos últimos cinco anos, O CNIg concedeu 58,13 mil autorizações de permanência no país, a maioria a haitianos em situação de necessidade humanitária**. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/noticias/4081-acolhimento-humanitario-e-o-principal-motivo-das-autorizacoes-do-conselho-nacional-de-imigracao-no-brasil>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

MOCELLIN, MARIA CLARA. Deslocamentos e trabalho ambulante entre jovens senegaleses no Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele (Org.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares**. Porto Alegre: EST Edições, 2017, p. 339-357.

Nações Unidas no Brasil. **Número de migrantes internacionais chega a cerca de 244 milhões, revela ONU**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/numero-de-migrantes-internacionais-chega-a-cerca-de-244-milhoes-revela-onu/>. Acesso em 26 de janeiro de 2018.

NICOLINI, Cristiano. **“Entre vales e montanhas...”: análise das representações históricas dos imigrantes e a construção da identidade regional no Vale do Taquari**. Associação Nacional de História (ANPUH). XXIV Simpósio Nacional de História, São Leopoldo, 2007.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo social**, v. 19, n. 1, nov./2006, p. 287-308.

Observatório das Migrações Internacionais. **Relatório Anual 2017 – A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro**. Disponível em: <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/relatorio-anual>. Acesso em 26 de janeiro de 2018.

O Informativo do Vale do Taquari. **Haitianos tem tarde de lazer e integração.**
O Informativo do Vale. Disponível em:
<https://www.informativo.com.br/geral/haitianos-tem-tarde-de-lazer-e-integracao,20552.jhtml>. Acesso em 01 de fevereiro de 2018.

_____. **Haitianos chegam para trabalhar no Vale do Taquari.** O Informativo do Vale. Disponível em:
<https://www.informativo.com.br/geral/haitianos-chegam-para-trabalhar-no-vale-do-taquari,7876.jhtml>. Acesso em 13 de janeiro de 2018.

_____. **Direitos e políticas públicas para imigrantes são discutidos.** O Informativo do Vale. Disponível em:
<https://www.informativo.com.br/geral/direitos-e-politicas-publicas-para-imigrantes-sao-discutidos,30934.jhtml>. Acesso em 03 de fevereiro de 2018.

_____. **Voluntário ensina haitianos falar português em Lajeado.** O Informativo do Vale. Disponível em:
<https://www.informativo.com.br/geral/voluntario-ensina-haitianos-falar-portugues-em-lajeado,15125.jhtml>. Acesso em 03 de fevereiro de 2018.

_____. **Jovens levam demandas dos imigrantes haitianos a Brasília.** Disponível em: <https://www.informativo.com.br/geral/jovens-levam-demandas-dos-imigrantes-haitianos-a-brasil,31056.jhtml>. Acesso em 03 de fevereiro de 2018.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo.** São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

REDIN, Giuliana. **Direito de Imigrar: direitos humanos e espaço público.** Florianópolis: Conceito Editorial, 2013.

ROLLSING, Carlos; TREZZI, Humberto. **Novos imigrantes mudam o cenário do Rio Grande do Sul.** Disponível em:
<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/08/novos-imigrantes-mudam-o-cenario-do-rio-grande-do-sul-4576728.html>. Acesso em 27 de outubro de 2015.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo, Edusp, 1998.

_____. **O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante.** Travessia, número especial, jan/2000, p. 7-32.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930).** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. A noção de raça no Brasil: ambiguidade e preceitos classificatórios. In: **Por que “raça”? breves reflexões sobre a questão racial, no cinema e na antropologia**. ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Santa Maria: Ed. UFSM, 2007, p. 101-129.

_____. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura dos (orgs.). **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: Fio Cruz/CCBB, 1996, p.

SILVA, Camila Rodrigues da; MAGALHÃES, Luís Felipe Aires; ASSIS, Gláucia de Oliveira. A imigração haitiana nas páginas dos jornais: análise de reportagens da Folha de S. Paulo entre 2010 e 2015. In: BAENINGER, Rosana et al (Orgs.). **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, págs. 639-652.

SILVA, Felipe Gonçalves. Intersubjetividade e conflito: o reconhecimento e seus usos no pensamento político contemporâneo. In: RAMOS, Flamarion Caldeira; MELO, Rúrion; FRATESCHI, Yara (orgs.). **Manual de filosofia política: para os cursos de teoria do Estado, e ciência política, filosofia e ciências sociais**. São Paulo: Saraiva, 2012, p. 276-299.

SIMMEL, Georg. The Stranger. In: SIMMEL, Georg. **On individuality and social forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971, p. 143-149.

THOMAS, Omar Ribeiro. Eles são assim: racismo e o terremoto de 12 de janeiro de 2010 no Haiti. **Cadernos de campo**, nº 20, 2011, p. 273-284.

_____. O terremoto no Haiti, o mundo dos brancos e o Lougawou. **Novos estudos**, nº 86, mar/2010, p. 23-39

_____. **Pensar o Haiti, pensar com o Haiti**. O Globo. 2011b. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/pensar-haiti-pensar-com-haiti-358045.html>. Acesso em: 03 de abril de 2017.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the past: power and the production of History**. Boston: Beacon Press, 1995.

United Nations. **Demographic Yearbook 2016**. Disponível em: <https://unstats.un.org/unsd/demographic-social/products/dyb/>. Acesso em 19 de março de 2018.

VIEIRA, Rosa Cavalcanti Ribas. **Itinerâncias e governo: a mobilidade haitiana no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Orientador: Prof. Dr. Fernando Rabossi.

VIEUX-CHAUVET, Marie. Love. In: VIEUX-CHAUVET, Marie. **Love, Anger, Madness: a haitian triptych**. New York: Modern Library, 2010.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**, 11, 2012.